



CLAYSE STHEFANY MEDEIROS DANTAS



MANGA ROSA

ANTEPROJETO DE UMA POUSADA BOUTIQUE

ORIENTADORA: PROF.^A DRA. DÉBORA FLORÊNCIO

LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO UNIVERSITÁRIO DO RIO GRANDE DO NORTE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

CLAYSE STHEFANY MEDEIROS DANTAS

MANGA ROSA:
ANTEPROJETO DE UMA POUSADA BOUTIQUE

NATAL, RIO GRANDE DO NORTE

2025

CLAYSE STHEFANY MEDEIROS DANTAS

**MANGA ROSA:
ANTEPROJETO DE UMA POUSADA BOUTIQUE**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Centro Universitário do
Rio Grande do Norte (UNI-RN) como
requisito final para obtenção do título de
Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Orientador: Profa. Dra. Débora Nogueira
Pinto Florêncio

NATAL, RIO GRANDE DO NORTE

2025

CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO – BIBLIOTECA UNI-RN
SETOR DE PROCESSOS TÉCNICOS

Dantas, Clayse Sthefany Medeiros.

Manga rosa: anteprojeto de uma pousada boutique. Natal, 2025.
106f.

Orientador: Prof. Dra. Débora Nogueira Pinto Florêncio

Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Centro Universitário do Rio Grande do Norte.

1. Pousada Boutique – Monografia. 2. Arquitetura Hoteleira – Monografia. 3. Neuroarquitetura e Turismo de Experiência – Monografia. 4. Seridó – Monografia.. I. Florêncio, Débora Nogueira Pinto. II. Título.

RN/UNI-RN/BC

Classificação

Nome do Bibliotecário Responsável (CRB xx/xxx)

CLAYSE STHEFANY MEDEIROS DANTAS

MANGA ROSA: ANTEPROJETO DE UMA POUSADA BOUTIQUE

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Centro Universitário do Rio
Grande do Norte (UNI-RN) como requisito
final para obtenção do título de Graduação
em Arquitetura e Urbanismo

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Débora Nogueira Pinto Florêncio

Orientador

Prof. Suerda Campos da Costa

Membro interno

Arq. Veruska Lilian Fernandes de Medeiros Cerchi

Membro Externo

Dedico este trabalho à memória do meu avô, Raimundo Cancão, que em sua vida simples plantou mangueiras e me ensinou que a vida floresce de raízes profundas. Esta Manga Rosa nasce também à sombra do solo que cultivou.

AGRADECIMENTOS

Cresci sem saber ao certo o que responder quando me perguntavam: “*O que você quer ser quando crescer?*” Quis ser veterinária, médica, dentista, engenheira, e tantas outras coisas. A verdade é que eu sempre quis *muitas* coisas. Talvez por isso tenha escolhido, ou sido escolhida, por uma profissão que também é de muitas coisas. Paralelamente, cresci jogando The Sims, gostando de acompanhar obras e, religiosamente, às 16h, assistir Irmãos à Obra. No fim, percebi que não fui eu quem escolheu a arquitetura, foi a arquitetura quem me escolheu.

Hoje entendo que cada detalhe me formou nesse caminho: como profissional, pessoa, filha, irmã e amiga. E não faria nada diferente, porque, além de ser uma profissão de muitas coisas, a arquitetura é também o caminho de muitos sonhos.

A **Deus**, em primeiro lugar, sempre. Sem Ele, nada seria possível. Agradeço pela presença constante, pela força, sabedoria e serenidade em cada etapa dessa jornada. Foi Ele quem me guiou em cada passo, quem me sustentou nos momentos de dúvida, deu força nos dias de cansaço e me fez compreender que até os desvios tinham propósito. Tudo aconteceu exatamente como deveria ser.

À **Universidade Federal Rural do Semi-Árido**, onde conheci o mundo acadêmico, e ao **Centro Universitário do Rio Grande do Norte**, onde me completei. Ao **Curso de Arquitetura e Urbanismo**, que me realizou e me proporcionou uma formação sólida, repleta de oportunidades de aprendizado e crescimento pessoal e profissional.

À professora **Débora Florêncio**, minha orientadora, por todos os encontros semanais no primeiro horário, fizesse chuva ou sol, sempre presente. Pela exigência construtiva, pela confiança e por enxergar potencial onde, às vezes, eu mesma duvidava. Sua dedicação, expectativa e olhar crítico foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho.

À professora **Sueda Campos** e à arquiteta **Veruska Cherchi**, pelo olhar cuidadoso, pelas observações valiosas e pela contribuição generosa que ajudou a aprimorar este projeto.

A todos os **professores** que fizeram parte da minha formação, deixo minha profunda gratidão: cada um me transmitiu um pouco da paixão, do olhar e da responsabilidade que movem a arquitetura e, claro, o urbanismo.

Aos **colegas de curso**, pela parceria, incentivo e pelas trocas que tornaram essa trajetória mais leve e significativa. Em especial, à minha dupla, **Nayara**. Obrigada por ser amiga, mãe e irmã; por dividir as cargas dos trabalhos e da vida, os sonhos, os surtos e as conquistas. Sem os cafés superfaturados, as unhas feitas e as figurinhas de WhatsApp, eu provavelmente teria trancado o curso.

À minha **família**, meu alicerce e inspiração, pelo amor incondicional, paciência e apoio em todos os momentos. Pela compreensão nas ausências e pela motivação constante para seguir com propósito.

Aos meus **pais, Cloves e Corrinha**, por todo o investimento em educação, por nunca deixarem faltar nada e por acreditarem que um dia daria certo, meu muito obrigada. Vocês são minha árvore de sombra boa, como uma manga rosa.

Ao meu **irmão**, Clause, ou Willdys, ou Dydy (só para mim), meu melhor amigo. Obrigada por crescer comigo, por me incentivar e por sempre acalmar minha ansiedade quando eu mando um “acho que tô morrendo” por mensagem.

A **Léo**, meu cunhado, e à sua família, que talvez não saibam o quanto me ajudaram com cada jantar, almoço e acolhimento, sempre me fazendo sentir em casa.

Às **famílias Cancão e Dantas**, em nome de seu Raimundo, dona Cabocla, seu Severino e dona Marfiza, meus falecidos avós e homenageados neste trabalho, minha eterna gratidão. Minha família é minha maior riqueza e a parte mais importante de mim.

A todos os **amigos** que fizeram parte desta jornada, os de infância, da rua da esquina, da escola Única Master, com quem dividi preocupações sobre a “atividade da pasta” (ah, se a vida fosse só isso!). Aos amigos da faculdade, especialmente o grupo **6ARQ, Aninha, Isabely, Fernanda, Nayara e Rodrigo**, obrigada por aturarem meu perfeccionismo e minhas tentativas de liderança.

Aos amigos de estágio, do **PM Office**, que dividiram bancadas, neurônios e risadas: em primeiro momento **Pedro, Lara e Ryan** e depois, **Diana, Lucas, Mona e Carol**, além de todos os agregados importantes ao longo do caminho. Obrigada pelos churrascos aleatórios, viagens ao rancho e risadas infinitas.

Da **SIN**, a **Rafa, João Lucas e Nath**, que me acolheram, junto com os adultos e análogos com suas conversas paralelas, e a **Tainá, Mendes, Maju, Matheus, Alicia e Laura**, que eu pude acolher, os levantamentos intermináveis e os almoços diários com coca zero, fofocas e demandas eram muito mais do que pausas: eram respiros de afeto.

Aos locais onde aprendi na prática o que a teoria não ensina:
À **Dulce**, minha primeira chefe, pela paciência e por me permitir aprender e crescer.
À **Priscilla**, pelos workshops e pela confiança que me fez acreditar mais em mim, junto com a equipe mais parceira que eu poderia ter.
À **Secretaria de Infraestrutura**, que me tirou da bolha e me mostrou a importância da arquitetura pública e o impacto real que o espaço tem na vida das pessoas.

Aos **amigos da vida adulta**, que chegaram quando eu mais precisava:
Samilly, pela amizade genuína, pelas verdades que abriram meus olhos e por nunca me deixar sozinha.
Anna Júlia, pela companhia leve, pelas conversas aleatórias e por topa qualquer viagem de última hora. Especialmente os agostos em João Pessoa com **Artur**, e seus bordões e uma amizade que nunca vai te deixar pra baixo.
Kamila e Gisely, que mesmo a 200 km de distância, sempre estiveram presentes com um meme ou fofoca inútil, mas essencial e sempre torcendo umas pelas outras.

E a todos que, de alguma forma, cruzaram meu caminho, os que ficaram, os que foram e os que apenas passaram, obrigada por fazerem parte dessa construção. Por me ouvirem, acreditarem e torcerem.

A todos que contribuíram para a realização deste trabalho, apoiaram ou simplesmente acreditaram em mim, o meu mais sincero e eterno obrigada.

É justo que muito custe o que muito vale.

Santa Teresa D'Ávila

RESUMO

Este trabalho propõe o desenvolvimento de um anteprojeto arquitetônico para uma pousada boutique no município de São Vicente, Rio Grande do Norte, na região do Seridó, com foco na integração entre conforto, identidade cultural e experiência sensorial. A proposta visa qualificar a atividade turística local por meio de uma arquitetura que valorize o território, elementos vernaculares e o potencial paisagístico da região. O estudo fundamenta-se em bibliografia técnica sobre arquitetura de hospitalidade, produção contemporânea e identidade seridoense, e tem como objetivo principal elaborar uma proposta arquitetônica que articule funcionalidade, estética e pertencimento. A metodologia está estruturada em duas etapas: a fase teórica, que envolve o levantamento de referências bibliográficas, análise de estudos de caso, caracterização do universo de estudo e identificação das condicionantes físicas, ambientais, sociais e legais; e a fase projetual, que compreende o desenvolvimento do programa de necessidades, estudo de setorização e fluxos, diretrizes de implantação e definição do partido arquitetônico e memorial descritivo. Como resultado, desenvolveu-se um anteprojeto arquitetônico sensível ao território, tecnicamente viável e comprometida com o turismo de experiência e a valorização do patrimônio regional.

Palavras-chave: Pousada Boutique; Arquitetura Vernacular; Turismo de Experiência; Seridó; Arquitetura Contemporânea;.

ABSTRACT

This work presents the architectural design of a boutique inn located in the municipality of São Vicente, in the Seridó region of Rio Grande do Norte, Brazil, focusing on the integration of comfort, cultural identity, and sensory experience. The proposal seeks to enhance local tourism through an architectural approach that values the territory, its vernacular elements, and the region's landscape potential. The theoretical framework is based on technical literature on hospitality architecture, contemporary design practices, and the cultural identity of Seridó. The methodology is structured in two phases: the theoretical phase, which includes bibliographic research, case study analysis, characterization of the study area, and identification of physical, environmental, social, and legal constraints; and the design phase, which involves the development of the architectural program, functional diagrams, implementation guidelines, and architectural concept. As a result, the project presents a context-sensitive architectural solution that is technically feasible and committed to experiential tourism and the appreciation of regional heritage.

Keywords: Boutique Inn; Vernacular Architecture; Experiential Tourism; Seridó; Contemporary Architecture.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Hotel Pharoux, Rio de Janeiro, inaugurado em 1936.....	21
Figura 02 - Categorização de hospedagem, segundo o SBClass.....	23
Figura 03 - Classificação de hospedagens, segundo a SBClass.....	24
Figura 04 - Diagrama Funcional de um Hotel.....	26
Figura 05 - Exemplo Quarto tipo Padrão Econômico.....	28
Figura 06 - Exemplo Apartamento tipo Padrão Médio.....	29
Figura 07 - Exemplo Apartamento tipo Padrão Superior.....	29
Figura 08 - Pirâmide de Maslow.....	31
Figura 09 - Zonas cerebrais que afetam a percepção.....	34
Figura 10 - Igreja de São Francisco e casas no entorno, São Vicente - RN.....	39
Figura 11 - Fachada, Café e Recepção.....	42
Figura 12 - Suíte Comfort e Suíte Master.....	43
Figura 13 - Planta Baixa - Pavimentos - Pousada Du'Lírio.....	44
Figura 14 - Bangalô Luxo.....	46
Figura 15 - Áreas comuns.....	47
Figura 16 - Métodos Construtivos.....	48
Figura 17 - Exterior da Pousada Maria Flor.....	49
Figura 18 - Planta dos pavimentos da Pousada Maria Flor.....	50
Figura 19 - Interior da Pousada Maria Flor.....	51
Figura 20 - Exterior do Salão de Festas.....	52
Figura 21 - Planta baixa Salão de Festas.....	52
Figura 22 - Interior do Salão de Festas.....	53
Figura 23 - Mapa de Localização (País, Estado, Região e Cidade).....	56
Figura 24 - Comparação da Área e Entorno em 2010 e 2025.....	58
Figura 25 - Mapa de Uso do Solo.....	60
Figura 26 - Lote Projetual.....	62
Figura 27 - Terreno de Intervenção.....	63
Figura 28 - Perfil Topográfico.....	63
Figura 29 - Rosa dos Ventos - Caicó/RN.....	64
Figura 30 - Estudo de Insolação nas Faces do Terreno.....	65
Figura 31 - Exemplo de Unidade Habitacional Acessível.....	71
Figura 32 - Moodboard.....	78
Figura 33 - Ventilação Cruzada.....	78
Figura 34 - Organograma de Setorização.....	81
Figura 35 - Fluxograma.....	85
Figura 36 - Croqui Inicial.....	87
Figura 37 - Croqui de Análise da Topografia.....	88
Figura 38 - Croqui Final.....	89
Figura 39 - Volumetria.....	91
Figura 40 - Implantação.....	92

Figura 41 - Planta Baixa - Unidade Standard.....	94
Figura 42 - Planta Baixa - Unidade Standard Acessível.....	95
Figura 43 - Planta Baixa - Unidade Comfort.....	95
Figura 44 - Planta Baixa - Unidade Luxo.....	96
Figura 45 - Cortes AA e BB.....	97
Figura 46 - Fachada Frontal.....	97
Figura 47 - Fachada Frontal - Recepção.....	98
Figura 48 - Fachada Frontal - Salão de Festas.....	98
Figura 49 - Vista do Restaurante.....	99
Figura 50 - Vista da Piscina.....	100
Figura 51 - Vista do Mirante.....	100
Figura 52 - Vista Externa das Unidades Habitacionais.....	101

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 - Análise das Referências.....	55
Tabela 02 - Horário da Incidência Solar nas Fachadas da Edificação.....	65
Tabela 03 - Parâmetros urbanísticos adotados.....	67
Tabela 04 - Exigências construtivas segundo o Código de Obras.....	68
Tabela 05 - Identificação e Exigências contra Incêndio.....	72
Tabela 06 - Programa de Necessidades e Pré-Dimensionamento.....	83
Tabela 07 - Memorial Descritivo.....	102

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	17
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	19
2.1. ARQUITETURA DE HOSPEDAGEM.....	19
2.1.1. Histórico da Temática.....	20
2.1.2. Tipologia Arquitetônica.....	23
2.1.3. Planejamento Setorial.....	25
2.1.4. Componentes Funcionais do Programa Arquitetônico.....	27
2.1.5. Tipologia de Apartamento.....	28
2.2. ARQUITETURA HOTELEIRA CONTEMPORÂNEA.....	30
2.2.1. Experiência do Hóspede.....	30
2.2.2. Influência do Design Visual no Marketing Hoteleiro.....	31
2.2.3. Neuroarquitetura e Turismo de Experiência.....	33
2.3. IDENTIDADE CULTURAL E ARQUITETÔNICA DO SERIDÓ.....	36
2.3.1. Patrimônio, Território e Potencial de Hospitalidade.....	36
2.3.2. Arquitetura Vernacular.....	38
3. REFERENCIAL EMPÍRICO.....	41
3.1. ESTUDOS DIRETOS.....	41
3.1.1. Pousada Du'Lírio - Lagoa Nova/RN - Brasil.....	41
3.1.2. Toca da Coruja - Praia da Pipa/RN, Brasil.....	44
3.2. ESTUDOS INDIRETOS.....	48
3.2.1. Pousada Maria Flor - Fernando de Noronha/PE, Brasil.....	48
3.2.2. Salão de Festas Damiani - Nova Veneza/SC, Brasil.....	51
3.3. Análise das Referências.....	54
4. CONDICIONANTES DE PROJETO.....	56
4.1. UNIVERSO DE ESTUDO.....	56
4.2. ASPECTOS URBANÍSTICOS E SOCIAIS.....	59
4.3. ASPECTOS FÍSICOS.....	61
4.4. ASPECTOS AMBIENTAIS.....	64
4.5. ASPECTOS LEGAIS.....	66
4.5.1. Plano Diretor.....	66
4.5.2. Código de Obras.....	67
4.5.3. Acessibilidade.....	69
4.5.4. Segurança Contra Incêndio.....	71
4.5.5. Vigilância Sanitária.....	73
4.5.6. Sistema de gestão de sustentabilidade.....	74
5. PROPOSTA ARQUITETÔNICA.....	77
5.1. DIRETRIZES DE PROJETO.....	77
5.2. DESENVOLVIMENTO DE PROJETO.....	79
5.3. PROGRAMA DE NECESSIDADES E PRÉ-DIMENSIONAMENTO.....	81
5.4. EVOLUÇÃO DA PROPOSTA.....	86

5.5. O PROJETO: A POUSADA BOUTIQUE.....	90
5.5.1. Volumetria e Forma.....	90
5.5.2. Planta Baixa e Organização Funcional.....	91
5.5.3. Cortes e Elevações.....	96
5.5.4. Detalhes e Perspectivas.....	99
5.6. MEMORIAL DESCRITIVO.....	102
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	104
7. REFERÊNCIAS.....	105

1. INTRODUÇÃO

A arquitetura de hospedagem tem adquirido novas abordagens diante das transformações no comportamento do turista contemporâneo, que prioriza vivências autênticas, sensoriais e culturalmente integradas aos destinos visitados. Nesse contexto, as pousadas boutique emergem como uma alternativa qualificada aos modelos convencionais de hospedagem, oferecendo experiências personalizadas, atendimento intimista e identidade estética vinculada ao território. Este trabalho tem como foco o desenvolvimento de um anteprojeto arquitetônico para uma pousada boutique no município de São Vicente, localizado na região do Seridó, interior do Rio Grande do Norte, com ênfase na ressignificação da arquitetura vernacular e na valorização do turismo de experiência.

O conceito de pousada boutique, embora derivado de estabelecimentos de pequeno porte, distingue-se por uma proposta que vai além da função de acolher, incorporando qualidade projetual, conforto, exclusividade e conexão simbólica com o ambiente onde se insere. Com base nesse entendimento, o projeto propõe uma arquitetura que dialoga com a paisagem local, utilizando materiais e técnicas construtivas compatíveis com o clima semiárido, e resgata elementos da cultura seridoense como estratégia de pertencimento e diferenciação.

A escolha do terreno, uma área de aproximadamente 1.935 m² situada entre o centro urbano de São Vicente e a saída para a Serra de Santana, justifica-se por sua localização estratégica, que equilibra acessibilidade, privacidade e integração com os recursos naturais, e de escolha pessoal. O município, ainda pouco explorado pelo turismo regional, está inserido no entorno do Geoparque Seridó reconhecido pela UNESCO, assim, apresenta condições favoráveis para o desenvolvimento de uma hospedagem de perfil diferenciado, capaz de estimular o crescimento sociocultural e econômico local.

A pesquisa tem como objetivo geral desenvolver um anteprojeto arquitetônico de uma pousada boutique que traduza os valores do território seridoense em soluções espaciais qualificadas, com foco na experiência do usuário, na identidade cultural e na integração com o meio físico. A proposta busca aliar os princípios da arquitetura contemporânea aos princípios vernaculares, incorporando estratégias que promovam conforto ambiental, viabilidade técnica e pertencimento territorial.

Para alcançar esse objetivo, foram definidos cinco objetivos específicos que orientam o percurso metodológico do trabalho: (1) pesquisar e interpretar a identidade cultural e arquitetônica do Seridó; (2) analisar referências de pousadas boutique que adotem estratégias projetuais associadas ao turismo de experiência e à valorização regional; (3) estabelecer diretrizes projetuais alinhadas ao contexto cultural, ambiental e legal de São Vicente; (4) aplicar materiais e técnicas construtivas adequadas ao clima semiárido e à estética vernacular, promovendo racionalidade técnica e eficiência operacional; e (5) examinar estratégias arquitetônicas que fortaleçam o turismo de experiência como vetor de desenvolvimento local.

Parte-se, assim, da questão de pesquisa: de que forma a arquitetura pode potencializar o turismo de experiência em São Vicente por meio da proposição de uma pousada boutique sensível ao território e às demandas contemporâneas de conforto, autenticidade e sustentabilidade? A hipótese do trabalho sustenta que, ao articular elementos vernaculares com uma abordagem projetual contemporânea, é possível criar uma tipologia de hospedagem inovadora e conectada ao contexto, capaz de estimular o pertencimento, valorizar a cultura regional, o turismo e impulsionar a economia local de forma qualificada.

Ao propor uma pousada que atua como mediadora entre o visitante e o território, a pesquisa reafirma o papel do arquiteto como intérprete do lugar e articulador de experiências significativas. A proposta se insere no debate sobre práticas arquitetônicas enraizadas culturalmente, apontando caminhos possíveis para um turismo sustentável, afetivo e comprometido com a valorização do patrimônio regional.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A Lei nº 11.771 (BRASIL, 2008) define meios de hospedagem como empreendimentos destinados a oferecer alojamento temporário em unidades de uso exclusivo dos hóspedes, acompanhados de serviços essenciais, mediante contrato e cobrança diária.

Com as transformações sociais, econômicas e tecnológicas, o setor hoteleiro precisa se adaptar constantemente para atender a um público cada vez mais exigente. Essa adaptação vai além dos serviços oferecidos e envolve a própria arquitetura, que deve refletir inovação, funcionalidade e alinhamento com as demandas atuais. A arquitetura hoteleira torna-se, assim, uma ferramenta estratégica para gerar experiências únicas e fortalecer a competitividade do empreendimento.

Como aponta Andrade (1999), esse cenário impulsionou o surgimento de novas redes hoteleiras e a reestruturação das já existentes, que precisaram rever seus produtos para manter relevância no mercado. A classificação dos meios de hospedagem, portanto, está associada à infraestrutura, ao perfil do público e à gama de serviços prestados.

Diante disso, este capítulo apresenta uma abordagem teórica que percorre a evolução da hotelaria, suas tipologias arquitetônicas e as práticas contemporâneas voltadas à criação de experiências marcantes. A discussão se encerra com a valorização da identidade cultural do Seridó, elemento essencial para a concepção de propostas singulares como a pousada boutique aqui projetada.

2.1. ARQUITETURA DE HOSPEDAGEM

Este tópico dedica-se à análise da arquitetura de hospedagem como eixo estruturante no desenvolvimento de empreendimentos hoteleiros, com ênfase na pousada boutique. Serão abordados o histórico da temática, as principais tipologias arquitetônicas, a organização funcional dos espaços, os diagramas e áreas funcionais, bem como as tipologias de apartamentos. Esses elementos, ao serem articulados de forma crítica e contextualizada, permitem compreender como a arquitetura ultrapassa sua função técnica e assume papel estratégico na construção de experiências diferenciadas, fundamentais para o conceito de exclusividade e autenticidade que caracteriza a pousada boutique. A partir dessa base conceitual e

funcional, pretende-se evidenciar como o projeto arquitetônico pode ser um diferencial competitivo, alinhando forma, uso e identidade ao posicionamento no mercado de hospitalidade contemporâneo.

2.1.1. Histórico da Temática

A trajetória da hotelaria acompanha de forma intrínseca as transformações dos modos de vida, dos deslocamentos humanos e dos avanços tecnológicos ao longo da história. Na Antiguidade, os romanos instituíram práticas de acolhimento por meio de estâncias hidrominerais localizadas em regiões como Inglaterra, Suíça e Oriente Médio. Esses espaços cumpriam funções terapêuticas e serviam como pontos estratégicos em rotas comerciais e militares. Durante a Idade Média e a Era Moderna, a hospitalidade esteve vinculada a instituições religiosas, como abadias e mosteiros, que ofereciam abrigo a cruzados e peregrinos. Paralelamente, acomodações próximas às estações postais emergiram como suporte ao sistema de transporte e comunicação em expansão (ANDRADE, 1999).

Com a Revolução Industrial, no final do século XVIII, ocorreu o surgimento dos primeiros hotéis modernos, sobretudo na Inglaterra, Europa continental e Estados Unidos, impulsionados pela urbanização e o crescimento do comércio. No século XIX, a proximidade das hospedagens com estações ferroviárias refletia a importância do transporte sobre trilhos, além de introduzir inovações como quartos com banheiros privativos. A década de 1920 foi marcada por uma expressiva expansão do setor hoteleiro, alavancada pela prosperidade econômica nos EUA e Europa, sendo retomada nos anos 1950 com a era dos voos comerciais. A introdução do Boeing 747, entre o final dos anos 1960 e início dos 1970, consolidou o turismo internacional e exigiu da hotelaria uma diversificação tipológica, bem como maior sofisticação nos serviços, em consonância com o perfil de um público globalizado e heterogêneo (ANDRADE, 1999).

No Brasil, a hotelaria também acompanhou as transformações sociais, culturais e econômicas. De acordo com Andrade, Brito e Edson (1999), os primeiros meios de hospedagem remontam ao período colonial, com caráter familiar e improvisado. A urbanização e o fortalecimento do turismo no século XX promoveram a sistematização do setor, culminando na consolidação de hotéis voltados ao lazer e

aos negócios, notadamente nas grandes capitais. Entre os marcos históricos, destaca-se a chegada da corte portuguesa em 1808, que incentivou a criação de hospedarias formais, como o Hotel Pharoux no Rio de Janeiro (Figura 01), bem como a promulgação da primeira legislação de incentivo à hotelaria, em 1904.

Figura 01 - Hotel Pharoux, Rio de Janeiro, inaugurado em 1936



Fonte: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, acesso em 2025.

Contudo, determinados eventos impactaram negativamente o setor. Em 1946, a proibição dos jogos de azar no país levou ao encerramento dos cassinos e à inviabilização de hotéis construídos especificamente para essa finalidade. Essa conjuntura exigiu uma reconfiguração das estratégias operacionais, com os empreendimentos buscando novos modelos de gestão e segmentos de mercado. A década de 1960 representa um novo ciclo de expansão, marcado pela criação da Embratur e do Fungetur, em 1966, instrumentos estatais de fomento ao turismo enquanto política de desenvolvimento regional. Tais iniciativas possibilitaram a implantação de grandes hotéis em diversas regiões do país, incluindo áreas sob jurisdição da Sudam e da Sudene, promovendo relativa descentralização dos investimentos em infraestrutura turística (ANDRADE, 1999).

Nos anos 1990, consolidou-se a entrada das cadeias internacionais no Brasil, incorporando o país ao mercado turístico global. Este movimento introduziu padrões internacionais de qualidade, gestão e operação, impactando diretamente o projeto arquitetônico, o atendimento e a estrutura funcional dos empreendimentos. Durante décadas, as grandes redes dominaram o setor, priorizando padronização e escala como estratégias de competitividade. Em paralelo, surgiram iniciativas

independentes, de caráter familiar, que buscavam diferenciação por meio de atendimento personalizado, estrutura acolhedora e inserção no contexto local. Nesse cenário, as pousadas ganharam destaque como resposta ao turismo de massa, priorizando ambientes menores, horizontais e com melhor relação custo-benefício (ANDRADE, 1999).

A partir dos anos 2000, a hotelaria passa por significativas transformações, resultantes da digitalização dos processos e do protagonismo do usuário na escolha da hospedagem. Plataformas digitais como Booking (1996) e Airbnb (2008) alteraram substancialmente a dinâmica da demanda, conferindo aos hóspedes papel ativo na avaliação e seleção dos empreendimentos (SANTOS, 2020). Assim, fatores intangíveis, como atmosfera, autenticidade e vínculos com a cultura local, passaram a influenciar decisivamente as escolhas, ao lado da localização e infraestrutura física.

Nesse contexto, emergem os hotéis e pousadas boutique, conforme descrito por Dall'Agnol e Nakatani (2018), como uma evolução da hotelaria contemporânea, alicerçada na valorização do design, da tecnologia, da hospitalidade e da experiência sensorial. Tais empreendimentos se configuram como alternativa ao modelo convencional, voltando-se a um público que busca mais do que hospedagem: busca experiências afetivas e culturais significativas. Ainda segundo as autoras, as pousadas boutique se caracterizam por seu porte reduzido, atendimento personalizado, ambientação autoral e integração ao contexto local, elementos alinhados à proposta de individualização da experiência turística.

No Brasil, esse conceito foi gradualmente assimilado ao longo dos anos 2000. Mesmo sem regulamentação oficial por parte de entidades como a ABIH ou o Ministério do Turismo, muitos empreendimentos passaram a adotar a nomenclatura “boutique” como estratégia de posicionamento mercadológico. Pesquisas como a de Proserpio (2007) indicam que tais pousadas utilizam a cultura regional, a arquitetura vernacular e a hospitalidade como diferenciais, principalmente em cidades com vocação turística consolidada.

Durante a pandemia de Covid-19, o setor hoteleiro enfrentou uma de suas maiores crises, em decorrência da paralisação das atividades turísticas e das

restrições de mobilidade. Nesse cenário adverso, as pousadas boutique demonstraram maior capacidade de adaptação, em virtude de sua escala reduzida, estrutura intimista e perfil exclusivo, fatores que facilitaram o cumprimento de protocolos sanitários. Paralelamente, o comportamento do viajante também se transformou. O isolamento social intensificou a valorização de aspectos como conforto, privacidade e bem-estar, ampliando a busca por ambientes acolhedores e com atmosfera de lar (Dall’Agnol e Nakatani, 2018).

O período pós-pandêmico reforçou a demanda por hospedagens que priorizasse segurança, exclusividade e experiências autênticas. Conforme Dall’Agnol e Nakatani (2018), os hóspedes passaram a valorizar envolvimento emocional, contato direto com os anfitriões e espaços que expressassem identidade, conforto e integração com a natureza. O conceito de “casa fora de casa” ganhou força e posicionou as pousadas boutique como a opção ideal para viajantes que buscam experiências mais humanas, personalizadas e conectadas ao território.

2.1.2. Tipologia Arquitetônica

Nesse sentido, conforme a 2ª edição da Cartilha de Classificação dos Meios de Hospedagem, atualizada pelo Sistema Brasileiro de Classificação (SBClass) em julho de 2015, foram definidas as principais categorias de hospedagem no Brasil.

Figura 02 - Categorização de hospedagem, segundo o SBClass



Fonte: SBClass, 2011.

A SBClass organiza e categoriza as diversas características dos empreendimentos hoteleiros no Brasil (Figura 02 e 03). Ele estabelece princípios, tipologias, categorias e requisitos, além de disponibilizar um manual de classificação

que orienta o processo de cadastramento dos meios de hospedagem junto ao Ministério do Turismo.

Nesse contexto, destaca-se que “considerando que cada tipologia de meio de hospedagem reflete diferentes práticas de mercado e expectativas distintas dos turistas, por exemplo, um hotel 5 estrelas é diferente de uma pousada 5 estrelas, o Sistema Brasileiro de Classificação estabeleceu categorias específicas para cada tipo” (Rockenbach, 2010, p. 8).

Figura 03 - Classificação de hospedagens, segundo a SBClass



Fonte: SBClass, 2011.

Entendendo o conceito de tipologia e avaliação de hotelaria, definiu-se como objeto de intervenção uma pousada. Segundo Andrade, Brito e Jorge (1999, p. 45), esse tipo de hospedagem se caracteriza por possuir até 20 unidades habitacionais, em locais turísticos normalmente fora do centro urbano. Já a classificação da SBClass (Figura 02) amplia esse número para até 30 unidades e 90 leitos, mantendo como diferenciais a estrutura horizontal e os serviços personalizados, o que distingue a pousada dos hotéis, verticalizados e com funções convencionais.

Apesar das semelhanças com os hotéis boutique, que também valorizam a exclusividade, o design diferenciado e o atendimento personalizado, o termo boutique se diferencia por estar frequentemente associado a destinos naturais e por incorporarem uma abordagem ainda mais afetiva e contextual. Enquanto os hotéis boutique tendem a se concentrar em áreas urbanas e podem apresentar estruturas verticalizadas com até 200 unidades habitacionais (Dall’Agnol e Nakatani, 2018), as pousadas boutique mantêm uma escala mais reduzida, geralmente com gestão familiar, e uma relação direta com a cultura, a paisagem e a identidade local.

A escolha desta tipologia parte da intenção de propor um projeto que valorize experiências singulares e que dialogue com o contexto local. Como apontam Vallen e Vallen (2003), hotéis boutique são, em sua maioria, pequenos, com no máximo 40 apartamentos, elegantes e localizados em áreas privilegiadas, seja em cidades ou regiões turísticas. Asensio (2004) complementa ao afirmar que esse modelo se aproxima do conceito de hotel de charme, mas com uma ênfase ainda maior na arte, na individualidade e na interação entre espaço e usuário.

Wheeler (2006) reforça essa perspectiva ao explicar que o termo surgiu na América do Norte, associado a hotéis com ambientes íntimos, luxuosos e peculiares. A referência à ideia de uma loja boutique se traduz em um espaço físico reduzido, mas com serviços de alta qualidade, atendimento exclusivo e preços mais elevados.

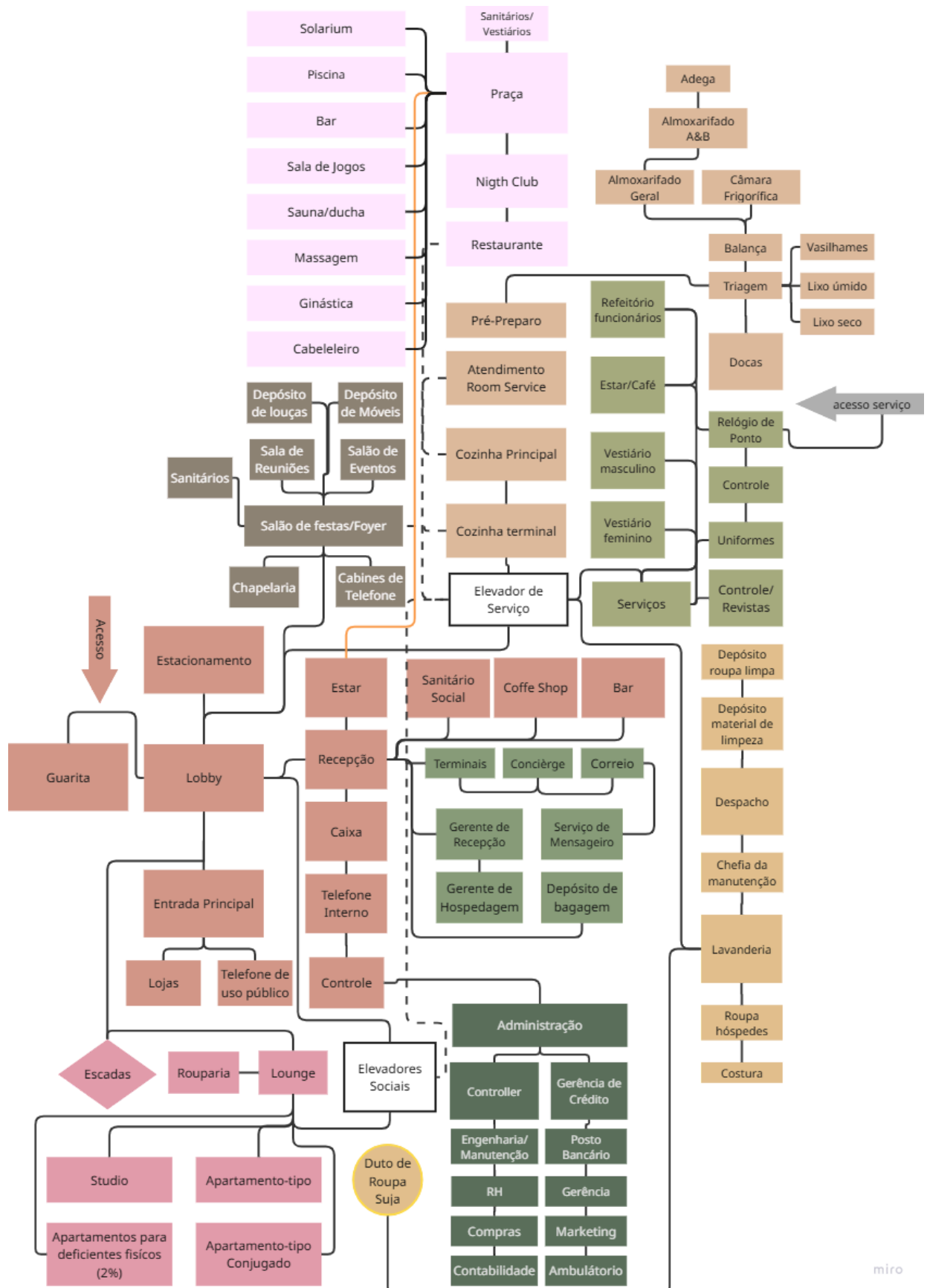
Dessa forma, a pousada boutique surge como a tipologia mais adequada ao propósito deste trabalho, unindo conforto, identidade e caráter sensorial em uma escala reduzida e afetiva. Essa escolha também permite explorar uma arquitetura pensada para proporcionar experiências, alinhadas ao turismo de acolhimento e à valorização do território.

2.1.3. Planejamento Setorial

A organização funcional de um hotel fundamenta-se na integração coerente de áreas voltadas às necessidades dos hóspedes e às demandas operacionais. De acordo com Andrade (1999), esses estabelecimentos são estruturados em setores interdependentes que asseguram qualidade nos serviços prestados. Ressalta-se, contudo, que alguns espaços citados pelo autor, como cabines e áreas de telefonia pública, tornaram-se obsoletos diante das transformações tecnológicas.

O diagrama funcional (Figura 04) constitui recurso essencial no planejamento hoteleiro, pois possibilita a visualização das relações espaciais e operacionais entre os diversos setores. Conforme Andrade, Brito e Jorge (1999), esses esquemas preliminares auxiliam na definição de fluxos e na setorização dos ambientes, funcionando como etapa decisiva entre o programa de necessidades e a concepção arquitetônica definitiva.

Figura 04 - Diagrama Funcional de um Hotel



Fonte: Livro "Hotel: Planejamento e Projeto", 1999, adaptado pela autora, 2025.

2.1.4. Componentes Funcionais do Programa Arquitetônico

No contexto de planejamento hoteleiro, a correta definição e organização das áreas funcionais é essencial para garantir a eficiência operacional, o conforto dos usuários e a qualidade da experiência oferecida. Segundo Andrade, Jorge e Brito (1999), essas áreas são distribuídas em diferentes setores, cada um com funções específicas e interdependentes. A área de hospedagem constitui o núcleo principal do empreendimento, abrigando os andares-tipo onde estão localizadas as unidades habitacionais, tais como apartamentos padrão, suítes, studios, apartamentos conjugados e unidades adaptadas para pessoas com deficiência. Complementando a estrutura voltada ao hóspede, encontram-se as áreas públicas e sociais, que integram espaços de convivência e lazer como o lobby, salas de estar, sala de TV, sala de leitura, restaurantes, bares e salões de eventos, favorecendo a interação social e o bem-estar dos usuários.

As áreas administrativas, por sua vez, concentram os setores responsáveis pela gestão do hotel, incluindo recepção, reservas, gerência, marketing, contabilidade e recursos humanos, funcionando como o centro de controle e tomada de decisão do empreendimento. Já as áreas de serviço englobam ambientes de apoio que garantem o funcionamento contínuo e eficiente das atividades operacionais, como lavanderia, vestiários para funcionários, manutenção e almoxarifados. No que se refere à alimentação, as áreas de alimentos e bebidas (A&B) são compostas por ambientes técnicos como setor de recebimento, triagem, câmaras frigoríficas, almoxarifados específicos, cozinha principal e cozinha de banquetes, exigindo organização rigorosa e cumprimento de normas sanitárias.

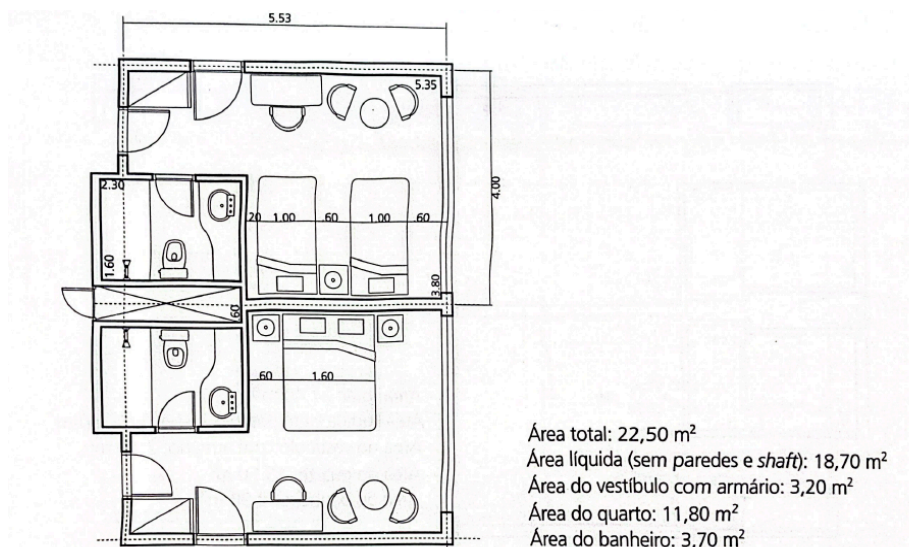
As áreas de equipamentos completam o sistema funcional com infraestruturas técnicas como central de água gelada, subestações, grupos geradores, casa de bombas e caldeiras, assegurando a estabilidade e a segurança das operações. Por fim, as áreas recreativas são voltadas ao lazer e entretenimento dos hóspedes, podendo incluir piscinas, quadras esportivas, campos de golfe, parques aquáticos, marinas e outros espaços que agregam valor à experiência de hospedagem.

2.1.5. Tipologia de Apartamento

A definição de tipologias das unidades habitacionais em projetos hoteleiros é crucial para atender a diversos perfis de hóspedes e posicionar o empreendimento no mercado. Conforme observado por Andrade (1999) e pelos critérios da SBClass, a segmentação de produtos impacta diretamente a atratividade comercial, considerando infraestrutura e padrão de serviço. Essa abordagem estratégica garante que o hotel seja competitivo e eficiente.

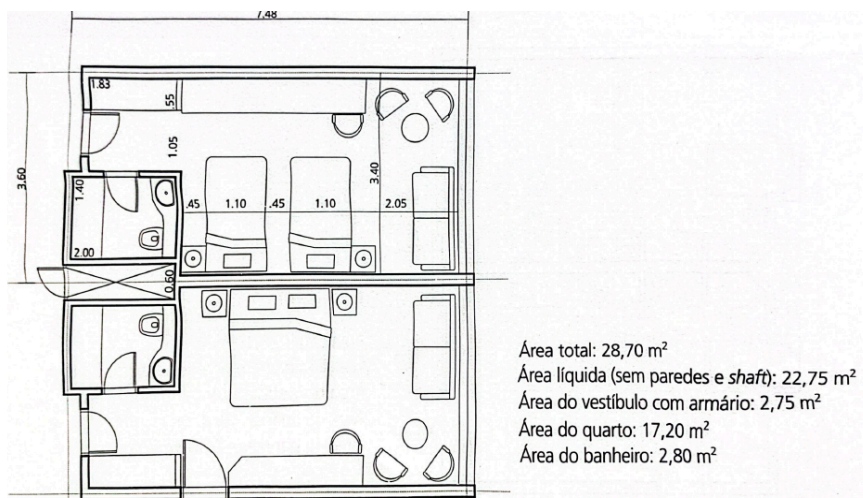
A categorização das tipologias acompanha essa lógica de segmentação. As unidades de padrão econômico (Figura 05) são compactas e funcionais, alinhadas aos requisitos de 1 a 2 estrelas. Priorizando eficiência e baixo custo, são ideais para estadias curtas e representam entre 60% e 70% das unidades, otimizando a operação do negócio.

Figura 05 - Exemplo Quarto tipo Padrão Econômico



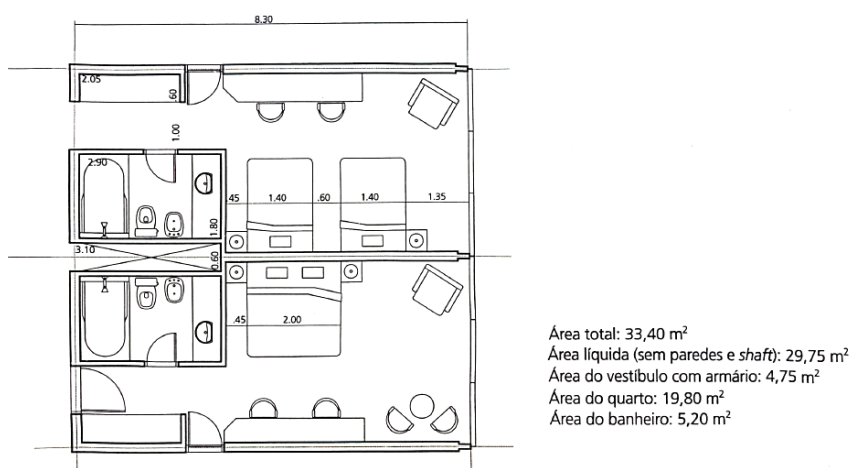
Fonte: Livro Hotel: Planejamento e Projeto, p. 208.

Em uma categoria intermediária, a suíte de padrão médio (Figura 06) proporciona maior amplitude e conforto, alinhando-se aos critérios de 3 a 4 estrelas. Esse modelo busca equilibrar funcionalidade e bem-estar, sendo voltado a hóspedes que valorizam a qualidade da experiência. Normalmente, esse padrão ocupa entre 20% e 30% do total de unidades.

Figura 06 - Exemplo Apartamento tipo Padrão Médio

Fonte: Livro Hotel: Planejamento e Projeto, p. 210.

Já os apartamentos de padrão superior (Figura 07), inseridos nas categorias 4 e 5 estrelas, concentram elementos de sofisticação e generosidade espacial. Com acabamentos refinados e diferenciais como banheiros compartimentados e áreas de trabalho bem definidas, essas unidades refletem a busca por excelência e diferenciação. Representam, em média, de 5% a 10% do total, agregando prestígio ao empreendimento.

Figura 07 - Exemplo Apartamento tipo Padrão Superior

Fonte: Livro Hotel: Planejamento e Projeto, p. 212.

Em síntese, a seleção e distribuição das tipologias espaciais exercem um papel determinante na atratividade comercial, influenciando a taxa de ocupação. A disposição estratégica e a integração eficiente de todas as áreas funcionais são fundamentais para assegurar o sucesso do projeto, qualificando a experiência do hóspede e otimizando a operação da equipe.

2.2. ARQUITETURA HOTELEIRA CONTEMPORÂNEA

A compreensão das abordagens arquitetônicas na hotelaria atual é fundamental para a análise das estratégias espaciais adotadas por empreendimentos que buscam se destacar em um mercado cada vez mais orientado pela experiência do usuário. Este subcapítulo propõe-se a discutir as principais características da arquitetura aplicada à hotelaria na atualidade, considerando a evolução das demandas do turismo, o papel do espaço na construção da identidade da marca e a influência direta da ambiência na percepção do hóspede.

Ao explorar os princípios que orientam o projeto arquitetônico em meios de hospedagem diferenciados, como as pousadas boutique, busca-se evidenciar como aspectos estéticos, funcionais e sensoriais se articulam para gerar valor, promover bem-estar e fortalecer vínculos emocionais com o cliente. Dessa forma, a arquitetura deixa de ser apenas um suporte físico para se consolidar como elemento estratégico na criação de experiências memoráveis.

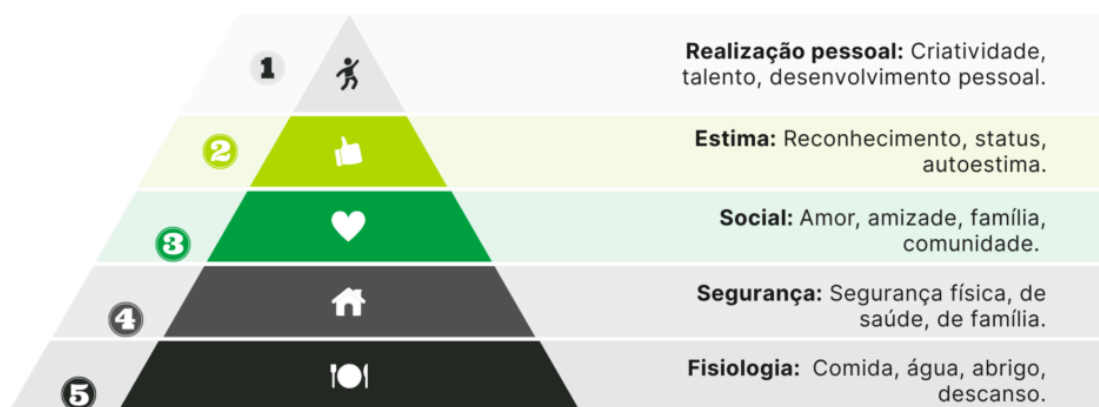
2.2.1. Experiência do Hóspede

A arquitetura hoteleira, quando pensada estrategicamente para dialogar com o entorno no qual está inserida, ultrapassa sua função primária de abrigar hóspedes. De acordo com Guimarães (2024, p. 2) “[...] o design e a funcionalidade dos espaços desempenham papéis cruciais não só na experiência dos hóspedes, mas também no prestígio de hotéis, e no desenvolvimento turístico e urbano”. Nesse contexto, ela se transforma em um elemento capaz de enriquecer o tecido urbano, contribuindo tanto esteticamente quanto funcionalmente para a paisagem local.

Com as transformações sociais, econômicas e tecnológicas que marcam o cenário contemporâneo, o setor hoteleiro precisa se reinventar continuamente para atender às novas exigências do público. Essa adaptação não se limita aos serviços prestados, mas abrange também os aspectos arquitetônicos, os quais devem acompanhar as tendências emergentes. A flexibilidade e a inovação, portanto, tornam-se indispensáveis para que os empreendimentos se mantenham competitivos e ofereçam experiências cada vez mais significativas aos seus usuários.

Nesse processo de criação de espaços mais sensíveis às necessidades humanas, a teoria da hierarquia das necessidades de Abraham Maslow (2013, apud Guimarães, 2024) fornece uma base importante (Figura 08). A compreensão de que os indivíduos buscam, inicialmente, satisfazer necessidades básicas para, então, aspirar à autorrealização, permite que arquitetos e designers criem ambientes que promovam conforto e prazer em níveis mais profundos. Isso se aplica especialmente na hotelaria, onde a compreensão do comportamento humano é essencial para a concepção de espaços coerentes, funcionais e afetivos.

Figura 08 - Pirâmide de Maslow



fonte: Meetme, acesso em 2025

Seguindo o pensamento de Guimarães (2024, p. 8) “ [...] pode-se entender que os viajantes muitas vezes buscam mais do que simplesmente um local para dormir”. Assim, o conceito de “singularização” ganha relevância, uma vez que a possibilidade de personalização das experiências é cada vez mais valorizada pelos hóspedes. Espaços que se moldam às expectativas individuais tendem a gerar maior satisfação, enquanto ambientes rígidos ou genéricos aumentam as chances de frustração e rejeição.

2.2.2. Influência do Design Visual no Marketing Hoteleiro

Com o aumento da competitividade, os empreendimentos têm investido em serviços e produtos que ultrapassam o padrão tradicional (BRANCO, 2019). A oferta de serviços personalizados, como espaços multifuncionais, coworkings, lojas de conveniência, áreas de lazer diversificadas e até mesmo estruturas voltadas para

pets, revela uma tentativa de fidelizar o cliente por meio da singularidade das experiências.

A pandemia de COVID-19 também reconfigurou o comportamento do turista. O isolamento social ampliou a procura por destinos mais reservados e próximos da natureza, o que impulsionou o ecoturismo e fortaleceu tendências arquitetônicas como o design biofílico e o estilo rústico mais refinado. Tais estilos respondem ao desejo por autenticidade, conforto e conexão com o meio ambiente, oferecendo experiências que aliam bem-estar, estética e identidade local:

Essas experiências não se limitam ao luxo ou à exclusividade, mas envolvem a imersão em contextos específicos de maneiras que são simultaneamente profundas e pessoais. A tecnologia serve como ferramenta para aproximar pessoas e enriquecer as interações humanas, em vez de substituí-las, assegurando que a essência das viagens permaneça uma ponte para múltiplas realidades. Isso indica como as viagens do futuro serão moldadas: não apenas pela busca do extraordinário, mas pelo genuíno encontro entre diferentes mundos. (Mari, 2024, apud, Guimarães, 2024. p. 14)

Por fim, a valorização da arquitetura regional se mostra como uma estratégia potente para fortalecer a identidade cultural e promover o senso de pertencimento. O uso de materiais e técnicas construtivas tradicionais, aliado ao respeito à história e aos costumes locais, transforma os edifícios em testemunhos vivos da cultura da região. Essa abordagem resgata a memória coletiva e cria um vínculo afetivo tanto com os moradores quanto com os visitantes, gerando espaços que comunicam autenticidade e valor cultural.

A busca por ambientes que proporcionem experiências imersivas e emocionais tem transformado a maneira como se concebem espaços comerciais e de hospitalidade. Nesse contexto, ganha força o conceito de arquitetura “instagramável”, que propõe a criação de ambientes expressivos, esteticamente marcantes e visualmente envolventes, pensados para o compartilhamento nas redes sociais. Fachadas emblemáticas, instalações artísticas e paisagens extraordinárias compõem esse repertório contemporâneo, que transforma os espaços em cenários de vivências memoráveis. Como destaca Guimarães (2024, p. 13), “a idealização de espaços através de técnicas de cenografia, tornou-se uma estratégia cada vez mais relevante na concepção de espaços comerciais”, reforçando o papel da arquitetura como ferramenta de comunicação e encantamento. Mais do que estética superficial,

esses elementos atuam como instrumentos de fortalecimento da marca, engajamento com o público e diferenciação no mercado, especialmente em empreendimentos como pousadas boutique, onde o design torna-se parte essencial da experiência oferecida.

2.2.3. Neuroarquitetura e Turismo de Experiência

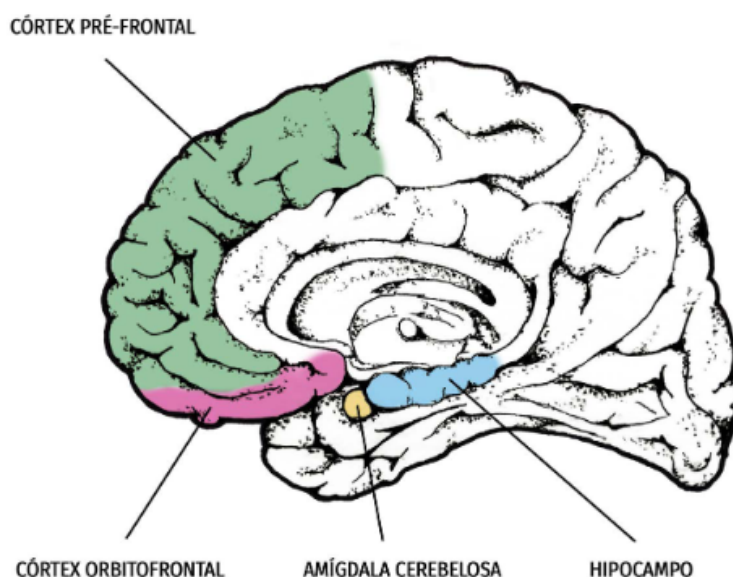
No atual cenário da hospitalidade, o projeto arquitetônico ultrapassa sua função técnica e adquire caráter experiencial. Nesse contexto, a neuroarquitetura, campo interdisciplinar que estuda como os ambientes impactam a mente e o comportamento humano, tem se tornado um dos pilares conceituais para a criação de experiências significativas. Segundo De la Fuente (2013), embora esse tópico seja frequentemente negligenciado, é essencial que, na concepção arquitetônica, além da consideração dos aspectos funcionais, construtivos e estéticos, também se avalie a qualidade de vida das pessoas que utilizarão o espaço.

A neuroarquitetura parte do entendimento de que a percepção dos espaços envolve não apenas aspectos visuais e funcionais, mas também dimensões afetivas e neurológicas. Essa abordagem busca integrar conhecimento sobre o funcionamento cerebral ao projeto de ambientes que estimulem o bem-estar e a conexão emocional com o espaço. A partir do modelo do cérebro trino proposto por Paul MacLean, que divide o cérebro humano em três componentes interdependentes: reptiliano (instintivo), límbico (emocional) e neocórtex (racional), é possível pensar a arquitetura como um campo de atuação capaz de dialogar simultaneamente com instintos, emoções e processos cognitivos. Em consonância com essa perspectiva, Barrett e Bar (2009) explicam que, ao processar um estímulo visual, o cérebro não o interpreta de forma neutra, mas o associa a memórias sensoriais e emocionais acumuladas ao longo da vida.

Esse processamento envolve o córtex orbitofrontal (COF), região responsável por integrar dados sensoriais e afetivos e gerar julgamentos de valor sobre o ambiente. Como destaca Martin (2012), essa integração contribui para a construção de significados afetivos associados ao espaço, influenciando diretamente a experiência do usuário. Subsidiariamente, o sistema límbico (Figura 09), especialmente a amígdala, regula emoções fundamentais, como o medo e a familiaridade, afetando diretamente a forma como o indivíduo percebe e interage

com o ambiente (Kiernan; Rajakumar; Barr, 2013). Além disso, estruturas como o hipocampo, responsável pela consolidação da memória espacial, e o córtex pré-frontal, envolvido na tomada de decisões e na antecipação de respostas comportamentais, também são ativadas durante a experiência arquitetônica, contribuindo para o reconhecimento, a orientação e o vínculo afetivo com o espaço construído. Em espaços voltados à hospitalidade, como uma pousada boutique, projetar a partir dessa compreensão permite criar ambientes que não apenas acolhem funcionalmente, mas que também provocam vínculos emocionais positivos, favorecendo a construção de um lugar significativo e memorável.

Figura 09 - Zonas cerebrais que afetam a percepção.



Fonte: adaptada de Kiernan, Rajakumar e Barr (2013), acesso em 2025.

Na hotelaria, esse entendimento se traduz em espaços que não apenas acolhem, mas evocam sensações, ativam memórias e geram vínculos emocionais com o hóspede. Conforme Souza (2021, pág. 1680) “O que gera essa ambiência é a articulação de inúmeros fatores, perceptíveis ou não, que existem naquele lugar e definem sua particularidade, influenciando no comportamento das pessoas que habitam ou usam tal espaço”. Iluminação natural e artificial cuidadosamente planejada, uso intencional de cores, texturas, sonoridades ambientes e estímulos olfativos tornam-se instrumentos projetuais para promover sensações como relaxamento, curiosidade, familiaridade ou excitação, dependendo do propósito do espaço.

Essa abordagem encontra consonância direta com o conceito de turismo de experiência, que valoriza a vivência subjetiva, emocional e sensorial do visitante, acima da mera visita física a um destino. No cenário contemporâneo do turismo, observa-se a ascensão de tendências como a segmentação de mercado, que refletem uma busca crescente por vivências autênticas e personalizadas (SANTOS, 2020). Essa orientação dialoga diretamente com o potencial da região do Seridó, cuja identidade cultural se expressa de forma marcante por meio de práticas como o artesanato têxtil, gastronomia regional, turismo religioso e ecoturismo.

No contexto de uma pousada boutique, esses elementos constituem mais do que referências estéticas: tornam-se componentes centrais de uma experiência de hospitalidade que privilegia o pertencimento, a memória e a singularidade do lugar. Ao integrar essas expressões culturais na concepção arquitetônica e nos serviços oferecidos, a pousada propõe ao hóspede uma imersão sensorial e afetiva que ultrapassa a lógica convencional da hospedagem, promovendo, assim, uma conexão genuína com o território.

Ambientes concebidos sob esses princípios não apenas se tornam mais agradáveis e memoráveis, como também geram maior engajamento com a marca e fidelização do cliente. Nesse sentido, a arquitetura passa a ser co-autora da experiência turística, contribuindo ativamente para a construção de significados e sensações. Ao integrar neurociência, design emocional e percepção sensorial, o turismo de experiência encontra na neuroarquitetura uma aliada estratégica. Projetar com empatia e conhecimento sobre o funcionamento cerebral não é apenas uma tendência, se torna uma resposta à demanda contemporânea por vivências mais humanas, personalizadas e afetivamente marcantes.

Nesse sentido, a aplicação desses princípios teóricos na arquitetura contemporânea transcende a estética para se tornar uma ferramenta de conexão humana. Ao unir o conforto da arquitetura bioclimática com a expressão da identidade cultural, o design de espaços se torna capaz de criar experiências completas. Ao explorar as potencialidades sensoriais de um entorno e utilizar materiais e texturas que refletem a essência do lugar, a arquitetura passa a ser um coautor da vivência, onde o espaço e o indivíduo se fundem em uma relação de significado e memória.

2.3. IDENTIDADE CULTURAL E ARQUITETÔNICA DO SERIDÓ

Este capítulo propõe uma reflexão crítica sobre a identidade cultural e arquitetônica do Seridó, com ênfase em seu patrimônio, território e potencial de hospitalidade, aspectos fundamentais para fundamentar projetos que visem à valorização do contexto local, como é o caso de uma pousada boutique. A compreensão da arquitetura vernacular seridoense, enquanto expressão material da cultura, dos saberes construtivos tradicionais e da relação histórica com o meio, revela-se essencial para a elaboração de propostas arquitetônicas que dialoguem com a paisagem, a memória coletiva e as práticas socioculturais da região.

Ao articular os conceitos de patrimônio e território, reconhece-se que a preservação e a ressignificação da identidade local não se limitam a uma abordagem estética, mas constituem estratégia para o fortalecimento do pertencimento, da autenticidade e da atratividade turística. Assim, este capítulo busca evidenciar como o resgate e a integração desses elementos podem contribuir para um modelo de hospitalidade sensível às especificidades regionais, promovendo experiências diferenciadas e enraizadas no lugar.

2.3.1. Patrimônio, Território e Potencial de Hospitalidade

As tradições e valores do Seridó Potiguar estão intrinsecamente ligadas à formação histórica, econômica e geográfica do território, refletindo-se em múltiplos aspectos que constituem um conjunto distintivo e estratégico para o desenvolvimento de empreendimentos voltados à hospitalidade, como as pousadas boutique. A construção deste território se deu a partir de dinâmicas complexas, que envolvem a ocupação sertaneja desde o fim do século XVII, inicialmente baseada na pecuária bovina e, posteriormente, na cotonicultura e mineração, atividades que moldaram não apenas o espaço físico, mas também a estrutura social e cultural da região (ARAÚJO, 2000; CLEMENTINO, 1990).

Dividido atualmente em três microrregiões – Seridó Ocidental, Seridó Oriental e Serra de Santana – o Seridó abrange 25 municípios, segundo classificação do IBGE, compondo uma malha territorial de características predominantemente rurais, conforme definição do Ministério do Desenvolvimento Agrário. Esse traçado não é apenas geográfico, mas também simbólico, pois delimita um espaço de produção

cultural e modos de vida profundamente enraizados na relação com o semiárido e com o bioma da caatinga, exclusivo no mundo e dotado de paisagens que integram serras, formações rochosas, rios intermitentes e sítios arqueológicos de valor inestimável.

Na última guerra os gringos vieram cascavilhar os chãos para mostrar os sertanejos os seixos de que carecia a indústria bélica. Nascia o garimpeiro, em plena caatinga, e alguns saíram das catagens a céu aberto e se enfocaram de chão adentro no faro das veias de minérios. E em pouco tempo se exportavam a scheelita, a tantalita e o berilo. (Lamartine, 1980, p. 55)

As transformações econômicas pelas quais a região passou deixaram marcas perenes em sua cultura material e imaterial. A chamada “crise” do setor algodoeiro, a partir da década de 1970, não significou um colapso identitário, mas sim uma transição para outras formas de produção que continuam a expressar a criatividade e a resiliência do povo seridoense. A mineração, com destaque para a scheelita, foi responsável por inserir o Seridó no cenário nacional e internacional, sobretudo durante a Segunda Guerra Mundial, quando a demanda por minerais estratégicos por parte dos países aliados fez do Rio Grande do Norte, em especial o Seridó, um centro de extração relevante. A scheelita, utilizada na fabricação de armamentos, conferiu à região um papel geoeconômico relevante e reforçou sua presença na cadeia produtiva global da época (CLEMENTINO, 1990).

Além disso, a indústria artesanal e têxtil, notadamente os bordados de Caicó e Timbaúba dos Batistas, representa um traço identitário forte, valorizado inclusive por meio da criação da “marca Seridó”, um esforço coletivo de reconhecimento da qualidade e da autenticidade dos produtos locais. Esse processo de valorização também se estende à gastronomia, que constitui uma das expressões mais autênticas da cultura regional. Pratos como a carne de sol, o queijo de coalho e os derivados lácteos não apenas preservam saberes tradicionais transmitidos por gerações, como também possuem forte apelo turístico. A culinária seridoense expressa um saber-fazer intimamente relacionado ao clima semiárido, à disponibilidade de recursos e à cultura alimentar sertaneja, apresentando sabores rústicos, mas sofisticados em sua originalidade. Esses elementos têm potencial de se converterem em atrativos gastronômicos para um público cada vez mais interessado em experiências sensoriais e autênticas.

Nesse contexto, torna-se evidente o potencial da identidade cultural do Seridó como diferencial competitivo para experiências de hospitalidade que visem mais do que a oferta de estadia, experiências que valorizem a memória, a tradição, os saberes e fazeres locais. O turismo no Seridó, historicamente vinculado às festas religiosas, tem se expandido para segmentos como o ecoturismo e o turismo cultural, sustentado pela riqueza natural e pelo patrimônio histórico-arqueológico. Essa diversidade oferece terreno fértil para o conceito de pousada boutique, que se apoia na personalização da experiência e na valorização do entorno sociocultural.

Assim, pensar a pousada boutique no Seridó é também pensar um projeto de valorização identitária, em que o espaço da hospedagem se converte em lugar de mediação cultural. Ao integrar elementos da arquitetura vernacular, da gastronomia regional e das manifestações artísticas e religiosas, a pousada pode atuar como agente de preservação e difusão do patrimônio imaterial. Trata-se, portanto, de uma estratégia de turismo de base cultural que articula memória e inovação, tradição e sofisticação, criando vínculos afetivos entre visitantes e território.

2.3.2. Arquitetura Vernacular

A arquitetura vernacular é uma manifestação construída da cultura, resultado direto da interação entre o ser humano, seu ambiente e os recursos disponíveis localmente. Segundo Paul Oliver (1997), trata-se de um sistema arquitetônico espontâneo, tradicional e funcional, desenvolvido por comunidades em resposta a condições ambientais, sociais e culturais específicas. Diferente da arquitetura tradicional genérica, que pode seguir estilos amplamente difundidos, a arquitetura vernacular se ancora na experiência empírica, na adaptação às necessidades locais e na transmissão oral de técnicas e saberes. Nesse sentido, sua importância ultrapassa a funcionalidade, configurando-se como patrimônio cultural e instrumento de afirmação identitária.

No contexto do Seridó Potiguar, a arquitetura vernacular adquire contornos próprios, moldados pelas condições do semiárido e pelas influências socioculturais herdadas ao longo dos séculos. Trata-se de uma arquitetura de resistência e adaptação, cuja materialidade está profundamente ligada ao território. As construções tradicionais utilizam pedra, taipa de pilão, barro, madeira de espécies

nativas e telhas cerâmicas, refletindo o aproveitamento inteligente dos recursos naturais e a busca por conforto térmico em um clima quente e seco. Os elementos construtivos são integrados com técnicas como aberturas para ventilação cruzada, beirais longos que protegem da insolação direta, além de pátios internos que promovem sombreamento e convivência social.

A utilização de materiais vernaculares, como a pedra, o adobe e a madeira, transcende a simples escolha estética. Ela reflete uma estratégia de sustentabilidade e de redução de impacto ambiental, pois esses materiais são extraídos e processados localmente, minimizando a energia embutida. Além de sua dimensão ecológica, esses elementos construtivos possuem propriedades térmicas intrínsecas, como a inércia térmica da taipa ou da pedra, que contribuem para o conforto ambiental em climas áridos.

As manifestações arquitetônicas presentes na cidade revelam uma profunda relação entre cultura, clima e modos de vida locais, oferecendo subsídios valiosos para o desenvolvimento de propostas projetuais que almejam autenticidade e pertencimento territorial, como é o caso da pousada boutique proposta neste trabalho. A tipologia das casas rurais da região, caracterizada por fachadas simples e interiores arejados, expressa uma estética fundamentada na funcionalidade e na adaptação ao bioma da Caatinga, evidenciando soluções construtivas que não apenas mitigam os efeitos das altas temperaturas, mas também reafirmam vínculos afetivos com o espaço habitado.

Figura 10 - Igreja de São Francisco e casas no entorno, São Vicente - RN.



Fonte: Acervo Pessoal, 2025.

Essa dimensão simbólica do habitar se estende à arquitetura religiosa, como observado na igreja de São Francisco (Figura 10-A), em São Vicente, cuja composição evidencia elementos típicos do barroco colonial brasileiro, a exemplo do frontão curvilíneo com volutas e da sineira lateral, reinterpretados por meio de revitalizações cromáticas contemporâneas que dialogam com a vivacidade das cores historicamente utilizadas na região. Nas casas geminadas ao redor da igreja (Figura 10-B), a arquitetura vernacular urbana se expressa na simplicidade das platibandas, no uso de alvenaria de pedra e cal e na regularidade compositiva de portas e janelas, conformando um tecido urbano que, apesar da modéstia formal, carrega significados identitários profundos.

A incorporação desses elementos no projeto de uma pousada boutique não deve ser vista como mera apropriação estética, mas como um gesto de compromisso com a identidade cultural. O uso de materiais e técnicas locais pode ser reinterpretado à luz das exigências do turismo contemporâneo, criando espaços que equilibram tradição e sofisticação. Essa escolha estratégica não apenas promove uma experiência autêntica para o hóspede, como também contribui para o fortalecimento das cadeias produtivas locais e para a valorização dos saberes construtivos tradicionais.

Mais do que um diferencial de mercado, a arquitetura vernacular é uma ferramenta para narrar o território. Ao ser integrada ao projeto da pousada boutique, ela atua como mediadora de pertencimento, sendo necessário de acordo com o pensamento de Maslow (2013), despertando no visitante o desejo de compreender e respeitar o contexto em que está inserido. A articulação entre o vernacular e o contemporâneo exige sensibilidade projetual, preservando a autenticidade do rústico e promovendo uma linguagem arquitetônica coerente com os valores de sustentabilidade e responsabilidade cultural. Assim, a pousada torna-se não apenas um equipamento turístico, mas um espaço de celebração do Seridó em sua materialidade, memória e imaginação.

3. REFERENCIAL EMPÍRICO

A fim de embasar conceitualmente o desenvolvimento do projeto de intervenção, este referencial empírico estrutura-se a partir da análise de quatro estudos de referência, sendo dois referenciais diretos e dois referenciais indiretos. Os referenciais diretos correspondem a projetos visitados in loco, permitindo uma observação detalhada dos aspectos espaciais, funcionais e da experiência do usuário no ambiente construído. Já os referenciais indiretos referem-se a análises realizadas com base em materiais disponibilizados em meios digitais, como sites oficiais, registros fotográficos, vídeos e publicações técnicas que, embora não permitam a vivência presencial, oferecem subsídios relevantes para a compreensão das estratégias arquitetônicas adotadas. A combinação dessas abordagens possibilita a identificação de diretrizes projetuais coerentes com a proposta da pousada boutique e com as particularidades culturais, ambientais e turísticas da região do Seridó.

Destarte os estudos diretos: a Pousada Du'Lírio, situada em uma área de características similares ao local de intervenção, e a Pousada Toca da Coruja, reconhecida por sua integração com a natureza e excelência no design de hospitalidade, foram selecionados por apresentarem diretrizes alinhadas à escala e ao propósito do projeto. Outrossim os estudos indiretos: Pousada Maria Flor e o Salão de Festas Damiani. Foram incorporados por oferecerem soluções projetuais inspiradoras no uso de materiais, relação com o entorno, identidade estética e organização funcional, mesmo não sendo inseridos exatamente no mesmo contexto geográfico ou programático. A análise crítica desses casos visa fornecer subsídios práticos e conceituais que contribuam para a elaboração de um projeto sensível, coerente e fundamentado.

3.1. ESTUDOS DIRETOS

3.1.1. Pousada Du'Lírio - Lagoa Nova/RN - Brasil

A Pousada Du'Lírio está situada no município de Lagoa Nova, na microrregião da Serra de Santana, incluída no Seridó, interior do Rio Grande do Norte, a cerca de 50 km do objeto de estudo. O empreendimento passou recentemente por um processo de reforma, projetado pelo arquiteto Caique Lopes,

com o objetivo de requalificar sua estrutura física e serviços, introduzindo um novo padrão de hospedagem voltado ao segmento de médio-alto padrão na região.

Em uma visita realizada no dia 29 de maio de 2025, acompanhada pela proprietária Sabina Macedo, foi possível observar de forma direta a organização espacial da pousada, os principais materiais empregados e as soluções projetuais adotadas. Durante a visita, a proprietária contribuiu apresentando o funcionamento cotidiano da pousada, os fluxos internos, o perfil dos hóspedes atendidos e as principais necessidades identificadas na gestão e operação do espaço.

O pavimento térreo concentra os espaços operacionais e de uso comum, incluindo a recepção com acesso independente e funcionamento 24 horas, a cozinha industrial, áreas técnicas e administrativas, além de quatro suítes térreas, sendo uma adaptada conforme normas de acessibilidade. Nesse nível também está localizado o café da pousada, que atua em duas frentes: atendimento exclusivo aos hóspedes no turno da manhã e funcionamento aberto ao público entre 11h e 23h.

Figura 11 - Fachada, Café e Recepção



Fonte: Acervo pessoal, 2025

A pousada possui classificação de quatro estrelas e conta com 10 unidades habitacionais, com capacidade total para até 25 hóspedes. O programa de hospedagem é composto por quatro suítes do tipo *comfort*, quatro suítes *premium*,

um apartamento tipo flat e uma suíte master (Figura 12), na qual conta com sacada dupla e banheira, incorporando um diferencial funcional no conjunto. A distribuição dos quartos visa atender diferentes perfis de ocupação, desde estadias individuais e de casais até pequenos grupos.

O segundo pavimento abriga as demais unidades habitacionais, além de uma rouparia de apoio. O terceiro pavimento é composto por um salão de eventos (Figura 11) com capacidade para até 50 pessoas, equipado com banheiros e copa auxiliar, funcionando de forma independente dos demais setores.

Figura 12 - Suíte Comfort e Suíte Master



Fonte: Acervo Pessoal, 2025

A organização funcional da pousada prioriza a setorização clara entre áreas de serviço, atendimento e hospedagem, garantindo eficiência operacional e privacidade aos usuários. A distribuição vertical dos usos também contribui para o controle do fluxo interno e a otimização do terreno. Essa setorização é materializada na Figura 13, onde as plantas baixas dos pavimentos demonstram a alocação estratégica de cada função: o térreo com as áreas sociais e de apoio, e quartos acessíveis, o segundo pavimento é dedicados exclusivamente à privacidade dos hóspedes e o terceiro ao salão de festas.

Figura 13 - Planta Baixa - Pavimentos - Pousada Du'Lírio



Fonte: Caique Lopes, 2022, adaptado pela autora, 2025.

Do ponto de vista estético e construtivo, a pousada adota uma linguagem que valoriza materiais como madeira, tijolo aparente, ladrilho hidráulico, mármore travertino e metais em acabamento escuro. Esses elementos são utilizados de maneira padronizada nos ambientes privativos e coletivos, contribuindo para a unidade visual da edificação. A escolha dos materiais favorece a durabilidade, manutenção e a identidade arquitetônica do espaço.

3.1.2. Toca da Coruja - Praia da Pipa/RN, Brasil

A Toca da Coruja é uma das pousadas mais consolidadas e reconhecidas do litoral potiguar, destacando-se como referência em hospedagem de alto padrão na Praia da Pipa, município de Tibau do Sul/RN. Inserida em um terreno de

aproximadamente 25.000 m², a pousada está envolta por uma extensa área de Mata Atlântica preservada, o que proporciona aos usuários uma experiência de imersão em meio à vegetação nativa, mesmo estando situada na principal via do distrito, em uma localização central e estratégica.

A implantação da edificação respeita de forma sensível as características naturais do terreno, valorizando a vegetação existente como elemento compositivo do projeto. A distribuição das unidades habitacionais e das áreas comuns (Figura 15) se dá de forma orgânica, com caminhos sinuosos e áreas permeáveis, criando uma ambiência de refúgio e privacidade em meio ao contexto urbano e turístico intenso de Pipa. Essa configuração também contribui para o microclima local e para a integração entre arquitetura e natureza, aspectos fundamentais na proposta do empreendimento.

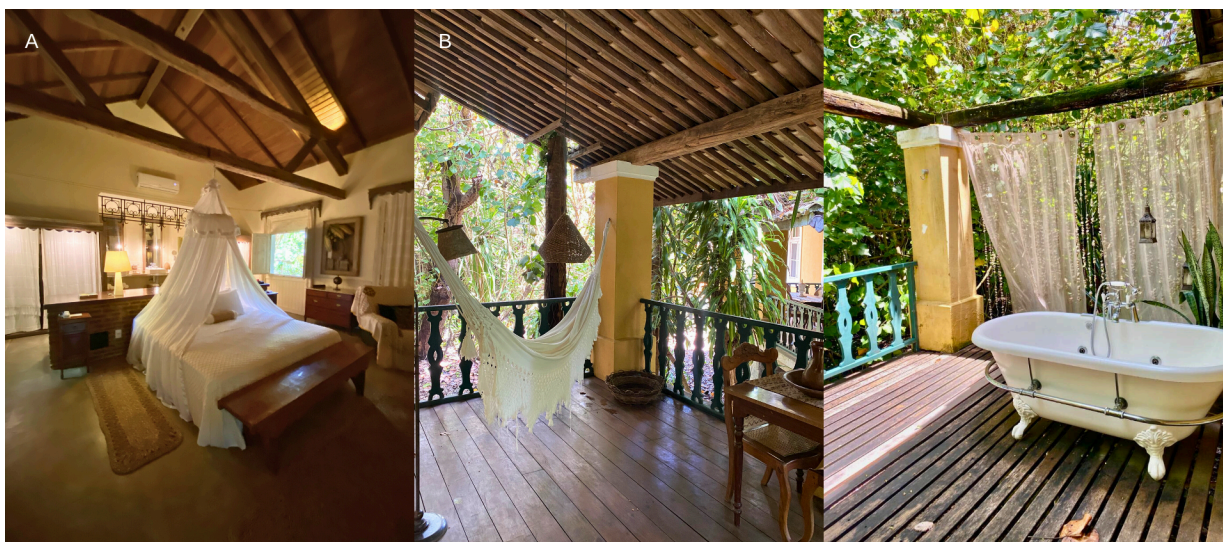
A visita técnica foi realizada no dia 07 de abril de 2025, acompanhada pela funcionária Márcia, que forneceu informações relevantes sobre o funcionamento da pousada, a história do local e as estratégias adotadas para conciliar conforto, preservação ambiental e identidade cultural. A partir desse contato direto, foi possível compreender a evolução da edificação, suas soluções construtivas e a dinâmica de uso dos espaços.

O programa funcional é composto por 28 unidades habitacionais, sendo 16 apartamentos especiais de 60 m² e 12 bangalôs de luxo com 130 m² cada. Os bangalôs contam com áreas externas privativas, com banheira de hidromassagem e solarium, conferindo maior exclusividade ao hóspede. Apesar da densidade, o projeto prioriza a privacidade entre as unidades, aproveitando de forma inteligente o parcelamento do solo e a vegetação densa para estabelecer barreiras visuais naturais entre os módulos habitacionais.

O Bangalô Luxo (Figura 14) configura-se como uma tipologia de hospedagem que oferece uma experiência diferenciada no conjunto da pousada, aliando privacidade, conforto e generosas dimensões espaciais. Sua composição arquitetônica e de interiores evidencia elementos que remetem à estética de fazenda colonial, observada tanto na ambientação quanto na escolha dos materiais e mobiliário. A entrada é marcada por uma ampla varanda, que antecipa a atmosfera acolhedora do interior, onde se destaca o pé-direito elevado, responsável por proporcionar maior amplitude e ventilação natural. O banheiro é setorizado de

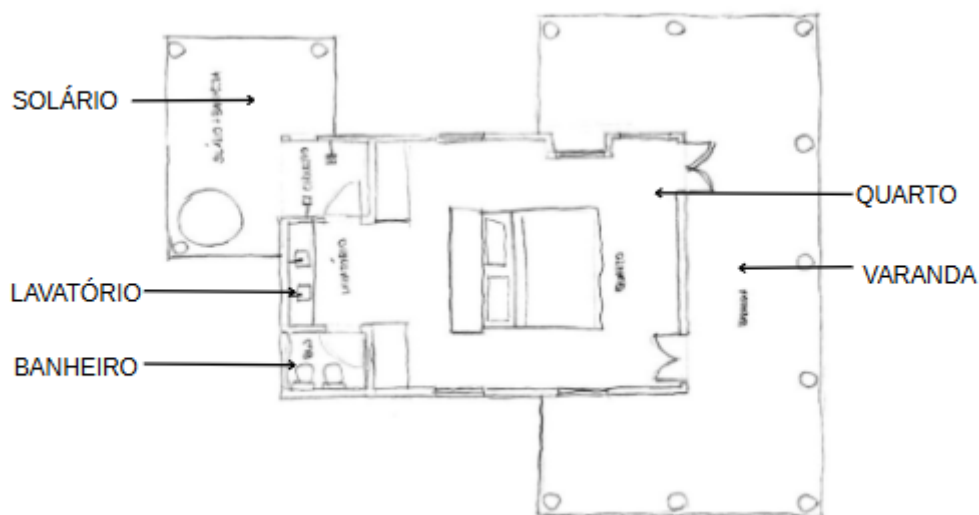
maneira funcional, com compartimentos distintos para o vaso sanitário, lavatório e chuveiro. Além disso, o bangalô dispõe de uma área externa privativa com banheira vitoriana ao ar livre, ampliando a experiência de relaxamento e contemplação da natureza.

Figura 14 - Bangalô Luxo



Fonte: Acervo Pessoal, 2025

Figura 15: Croqui da habitação - Bangalô Luxo



Fonte: Croqui Autoral, 2025

A pousada conta ainda com um restaurante interno, o Oca by Toca, que atende tanto aos hóspedes quanto ao público externo, sendo também o espaço destinado ao café da manhã. Fora do terreno principal, o empreendimento se

expande com o Mar by Toca, um beach club localizado à beira-mar, e o restaurante Duna by Toca, reforçando a marca como um conjunto de experiências integradas, além dos limites físicos da pousada. A Toca da Coruja integra a Associação Roteiros de Charme, grupo que reúne meios de hospedagem com foco em excelência e autenticidade.

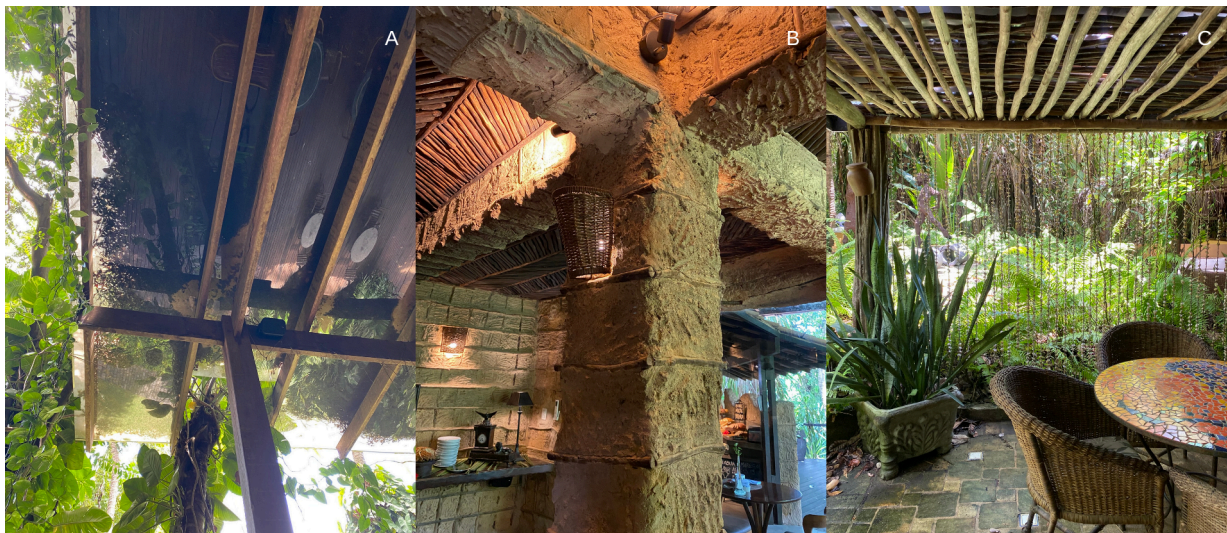
Figura 15 - Áreas comuns



Fonte: Acervo Pessoal, 2025

Arquitetonicamente, a pousada apresenta um conjunto diversificado de soluções construtivas, resultado de sua expansão gradual ao longo de mais de 30 anos. A primeira construção, datada da fundação do empreendimento, é preservada até hoje e abriga parte do restaurante Oca, com estrutura em taipa e adega em alvenaria colonial. Ao longo do tempo, outras tipologias foram incorporadas, como palafitas e estruturas em madeira aparente, sempre mantendo o compromisso com a preservação da vegetação nativa e o uso de materiais característicos da região (Figura 16).

A composição arquitetônica também inclui elementos artísticos e decorativos, como painéis de azulejos e adornos de Francisco Brennand, incluindo uma coleção de corujas artesanais, que reforçam a identidade regional e agregam valor estético ao espaço construído.

Figura 16 - Métodos Construtivos

Fonte: Acervo Pessoal, 2025

A Toca da Coruja configura-se como um exemplo de hospedagem que alia arquitetura, sustentabilidade e autenticidade cultural no contexto do litoral potiguar. Sua implantação valoriza a vegetação nativa e respeita as características naturais do terreno, demonstra uma abordagem projetual comprometida com a sustentabilidade e o bem-estar dos usuários. A diversidade tipológica e a evolução construtiva do empreendimento, somadas à escolha de materiais e soluções, revelam uma arquitetura que dialoga com o tempo, com o lugar e com o modo de habitar local.

3.2. ESTUDOS INDIRETOS

3.2.1. Pousada Maria Flor - Fernando de Noronha/PE, Brasil

Localizada em Fernando de Noronha, território reconhecido como Patrimônio Natural da Humanidade pela Unesco desde 2001, a Pousada Maria Flor foi concebida como um hotel boutique com apenas 12 acomodações, priorizando a relação sensível entre arquitetura e natureza. O projeto arquitetônico, assinado pelos escritórios Priscila Muller Studio e Solo Arquitetos, se estrutura a partir da premissa de acolher a paisagem local, propondo uma ocupação respeitosa, de baixo impacto ambiental e coerente com o contexto ilhéu.

A estratégia projetual se ancora em soluções construtivas eficientes e adaptadas às limitações logísticas da ilha. A construção foi baseada em módulos

com estrutura metálica aparente (Figura 17), visando à racionalização dos processos e à redução dos impactos no solo. A edificação se organiza em três blocos principais, distribuídos em níveis que acompanham a topografia natural do terreno. Essa organização promove uma hierarquia entre os espaços, favorecendo a privacidade e a experiência do hóspede ao longo da jornada espacial interna.

Figura 17 - Exterior da Pousada Maria Flor

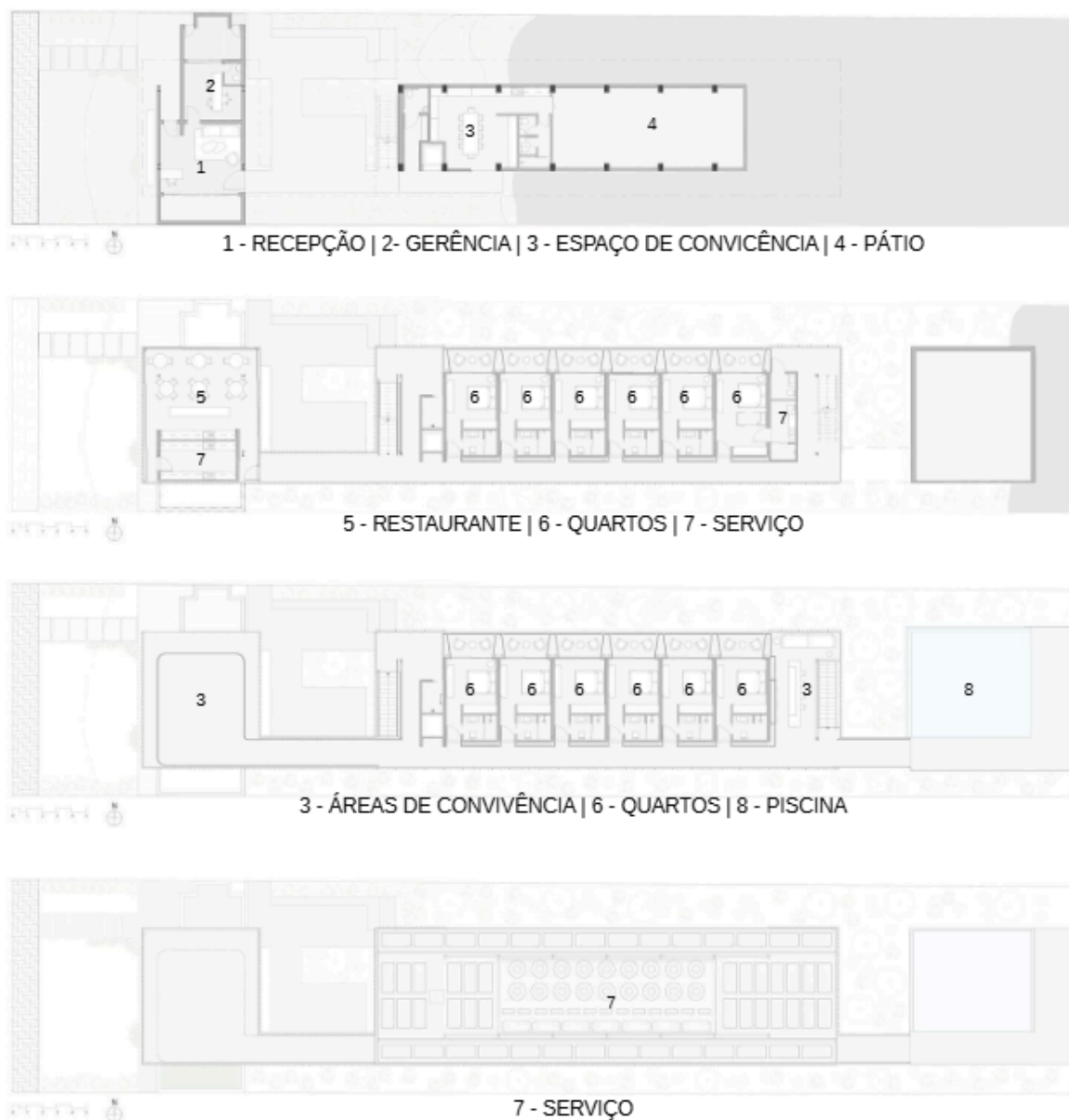


Fonte: Archdaily, acesso em 2025

O primeiro bloco, posicionado junto à via de acesso, concentra os ambientes de uso coletivo: recepção, administração, restaurante e um terraço contemplativo com vista para o Morro do Pico. O segundo bloco é dedicado majoritariamente às unidades habitacionais, com quartos dispostos de forma a valorizar as vistas para o Forte dos Remédios, além de abrigar setores técnicos no nível inferior. Entre esses dois blocos, encontra-se um pátio de convivência concebido com projeto paisagístico de Alexandre Furcolin, atuando como espaço de transição e recepção.

Essa setorização clara, demonstrada na Figura 18 nas plantas baixas dos pavimentos, contribui para a eficiência operacional e a privacidade dos hóspedes. O terceiro bloco, mais recuado e em meio à vegetação, integra a área de lazer com piscina revestida em quartzito Botanic Green, ressaltando o uso de materiais naturais e regionais. A implantação escalonada em diferentes patamares, seguindo a topografia do terreno, minimiza a movimentação de terra e integra a construção à paisagem natural. A distribuição estratégica dos blocos garante privacidade e vistas privilegiadas, ao mesmo tempo que o pátio central funciona como um ponto de conexão e circulação, orientando o hóspede por uma experiência fluida e integrada à natureza.

Figura 18 - Planta dos pavimentos da Pousada Maria Flor

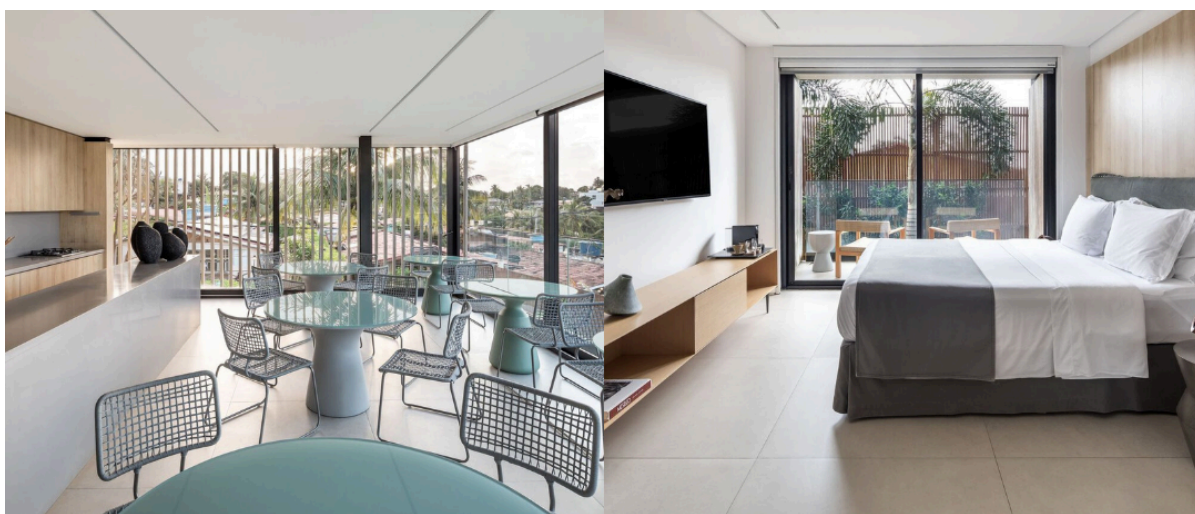


Fonte: Archdaily, adaptado pela autora, 2025

A materialidade do projeto reforça a conexão com o entorno: o uso de pedra natural bruta no embasamento, madeira tecnológica (*Accoya*) em elementos ripados verticais e horizontais, e estrutura metálica com pintura em tom escuro estabelecem uma paleta coesa, discreta e funcional. Os painéis ripados, além de atuarem como brises e sombreamento, promovem a permeabilidade visual e ventilação cruzada, dissolvendo os limites entre interior e exterior e permitindo uma experiência contínua com a paisagem.

A linguagem adotada é contemporânea, porém sem perder a intenção de acolhimento e simplicidade. Os interiores seguem a lógica do projeto com formas puras, materiais naturais e paleta reduzida, favorecendo o protagonismo da natureza sobre a edificação (Figura 19). A pousada se apresenta, assim, como um abrigo discreto e integrado ao ambiente, atuando mais como um cenário de contemplação do que como objeto de destaque.

Figura 19 - Interior da Pousada Maria Flor



Fonte: Archdaily, acesso em 2025

A Pousada Maria Flor exemplifica uma arquitetura sensível e consciente, que integra soluções construtivas eficientes, uso de materiais naturais e implantação harmônica com a paisagem de Fernando de Noronha. Com enfoque na sustentabilidade e na experiência do hóspede, o projeto se destaca como referência de hospitalidade alinhada à preservação ambiental e ao contexto da ilha.

3.2.2. Salão de Festas Damiani - Nova Veneza/SC, Brasil

Localizado na zona rural de Nova Veneza, em Santa Catarina, o Salão de Festas Damiani foi idealizado como um espaço de convivência familiar, acolhendo encontros e celebrações em meio à natureza. Com capacidade para 120 pessoas sentadas, o projeto adota uma linguagem arquitetônica minimalista e busca valorizar o entorno natural, especialmente o espelho d'água que integra a paisagem da fazenda da família.

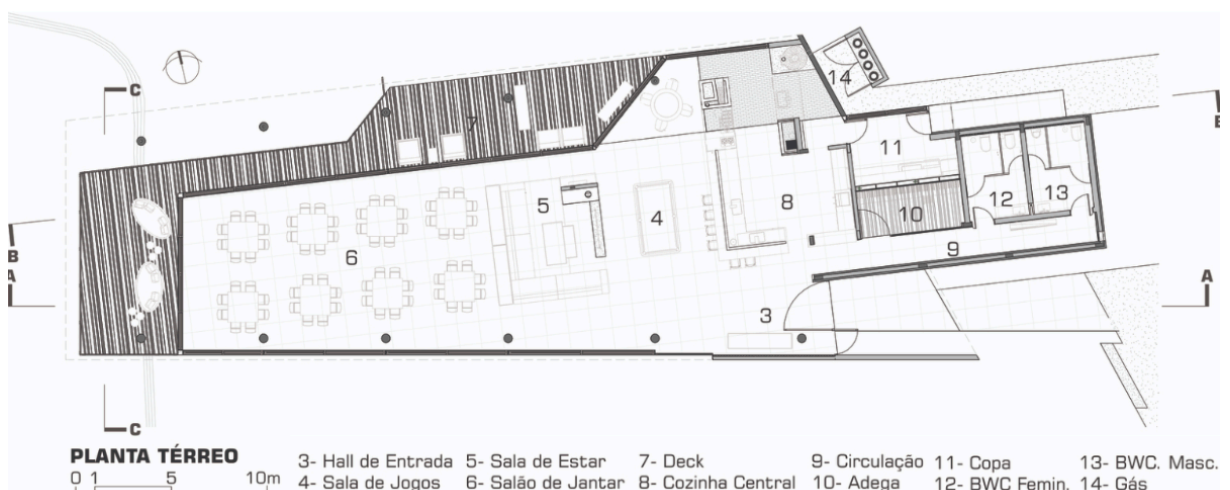
Figura 20 - Exterior do Salão de Festas



Fonte: Archdaily, acesso em 2025

A solução projetual baseia-se em duas lajes principais, que se estendem até o interior do lago, promovendo uma sensação de leveza e continuidade visual. O espaço foi concebido de modo a proporcionar uma imersão na paisagem, garantindo vistas panorâmicas do lago e da área rural circundante. Para isso, a edificação conta com grandes esquadrias de vidro em quase todo o seu perímetro, inclusive nas áreas funcionais como a cozinha, permitindo que a experiência de contemplação se estenda por todo o ambiente, sem distinção entre as funções dos espaços.

Figura 21 - Planta baixa Salão de Festas

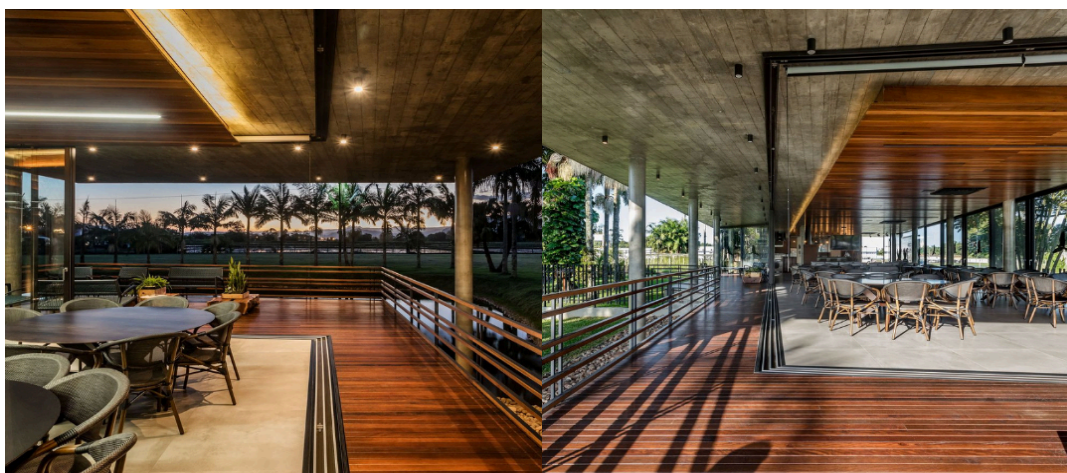


Fonte: Archdaily, acesso em 2025

O projeto organiza de forma eficiente os espaços ao mesmo tempo em que privilegia a experiência sensorial da paisagem. As áreas técnicas receberam especial atenção: a cozinha central foi posicionada estrategicamente para integrar o salão principal e a área externa, garantindo logística funcional durante os eventos, enquanto a copa de apoio assegura fluidez entre preparo, armazenamento e distribuição. A ampla ventilação natural e o uso de esquadrias envidraçadas reforçam a conexão com o entorno. A adega, tratada como elemento de destaque, foi implantada junto à área social, ampliando a integração visual, e os banheiros, concebidos com acessibilidade universal e ventilação cruzada, mantêm o padrão estético e funcional do conjunto.

A acessibilidade universal é notória como premissa no desenvolvimento do espaço. Todos os ambientes estão no mesmo nível e os acessos, tanto aos espaços sociais quanto aos de apoio, são realizados por rampas suaves, garantindo inclusão e conforto a todos os usuários. No que se refere à materialidade, o projeto adota soluções racionais e de baixa manutenção. A estrutura em concreto aparente reduz a necessidade de revestimentos adicionais e mantém uma estética limpa e duradoura. Os pilares circulares de concreto fazem referência aos coqueiros presentes no entorno, integrando-se visualmente a paisagem de forma sutil.

Figura 22 - Interior do Salão de Festas



Fonte: Archdaily, acesso em 2025

Conclui-se que, embora o Salão de Festas Damiani não se configure especificamente como uma pousada, integra um conjunto maior de usos no contexto de hospedagem, funcionando como um espaço de respiro e convivência que amplia as possibilidades de ocupação do território.

3.3. Análise das Referências

Os estudos de casos arquitetônicos anteriores, sejam eles diretos ou indiretos, constitui uma etapa essencial no processo de fundamentação teórica para compreender as diferentes abordagens projetuais no setor da hospitalidade. Esse procedimento metodológico fornece repertório consistente de soluções espaciais e construtivas, permitindo consolidar critérios capazes de orientar, de forma crítica e fundamentada, o desenvolvimento da proposta arquitetônica. Assim, as decisões de projeto deixam de ser arbitrárias e passam a dialogar com um conjunto de referências previamente avaliadas quanto à sua pertinência e aplicabilidade.

A seleção de exemplos contemplada neste estudo abrange empreendimentos distintos, mas unidos por princípios comuns, como a valorização do contexto paisagístico, o uso de materiais e técnicas locais e a busca por soluções que conciliam eficiência funcional e qualificação da experiência do usuário. Essa diversidade enriquece a análise, permitindo observar como diferentes realidades geográficas e culturais influenciam as decisões de projeto, sem perder de vista a importância de princípios universais, como a integração com o meio e a valorização da identidade regional.

Para aprofundar a leitura, procedeu-se à sistematização das informações em formato esquemático (Tabela 01), o que possibilitou um exame objetivo e comparativo. Cada projeto foi analisado em termos de implantação, volumetria, setorização e materialidade, evidenciando tanto estratégias eficazes quanto limitações. Mais do que descrever, a análise buscou interpretar criticamente as soluções, destacando elementos replicáveis e apontando lacunas a serem superadas.

Os resultados desse processo se traduzem em um conjunto de lições e diretrizes projetuais passíveis de incorporação ao anteprojeto da pousada boutique em estudo. Tais diretrizes fornecem parâmetros claros que orientam desde a concepção volumétrica até a escolha de materiais, garantindo que a proposta final seja síntese coerente entre inovação, conforto e respeito à tradição local. Nesse sentido, a análise de referências constitui ferramenta crítica indispensável, pois enriquece o processo criativo e assegura consistência técnica e conceitual à proposta arquitetônica.

Tabela 01 - Análise das Referências

Referência	INDIRETOS		DIRETOS	
	Pousada Maria Flor (Fernando de Noronha)	Salão de Festas Damiani (Nova Veneza – SC)	Pousada Du’Lírio (Lagoa Nova – RN)	Pousada Toca da Coruja (Pipa – RN)
Tipologia	Pousada boutique – contexto natural	Espaço de eventos em meio rural	Pousada – requalificação recente	Pousada de alto padrão
Características Arquitetônicas	Implantação adaptada à topografia; estrutura metálica modular; ambientes permeáveis e abertos à paisagem	Lajes que avançam sobre o lago; grandes esquadrias em vidro; concreto aparente, pedras nativas, pilares circulares	Setorização clara (serviço, comum, hospedagem); uso de madeira, tijolo aparente, mármore travertino e ladrilho hidráulico; unidade visual; verticalização para otimizar terreno	Linguagem vernacular sofisticada; abundância de vegetação; materiais naturais; soluções construtivas sensoriais
Experiência do Usuário	Contato direto com natureza; experiência sensorial pela abertura visual	Integração físico-visual interior/exterior; contemplação contínua	Eficiência funcional; valorização da paisagem serrana; identidade regional	Acolhimento; experiência imersiva na natureza tropical
Pontos fortes	Integração paisagem/edificação; baixo impacto ambiental	Minimalismo sofisticado; valorização da paisagem; eficiência operacional	Fluxos organizados; uso coerente de materiais locais; identidade forte	Sofisticação + autenticidade; conforto ambiental; atmosfera única
Limitações	Estrutura modular pode limitar a personalização espacial	Não é pousada (setor diferente), mas útil pelo estudo da integração e eficiência	Verticalização pode ser um desafio em pousadas pequenas	Alto custo de manutenção e implantação
Aplicação no projeto	Inspirar-se na implantação adaptada ao terreno e na permeabilidade espacial	Aplicar estratégias de envidraçamento e materiais locais para integração com o contexto, setorização do restaurante e salão de festas	Usar materiais regionais e padronização para reforçar identidade; aplicar setorização eficiente	Unir sofisticação com rusticidade; valorizar materiais naturais e paisagismo

Fonte: Autoral, 2025.

4. CONDICIONANTES DE PROJETO

O desenvolvimento de um projeto arquitetônico exige a análise criteriosa de um conjunto de condicionantes que transcendem a mera formalização espacial, articulando variáveis de ordem histórica, geográfica, ambiental, urbanística, social, funcional e legal. Compreender o histórico do universo de estudo, os aspectos físicos e ambientais da área, bem como as dinâmicas sociais e os marcos regulatórios, é fundamental para assegurar um projeto que respeite a identidade do lugar e, ao mesmo tempo, atenda às exigências contemporâneas de conforto, acessibilidade, sustentabilidade e legislações vigentes. Nesse sentido, este capítulo apresenta uma leitura multidimensional da área escolhida, com o objetivo de embasar as decisões projetuais futuras de forma técnica e culturalmente comprometida.

4.1. UNIVERSO DE ESTUDO

Localizado no Brasil, o município de São Vicente está inserido na região do Seridó, situada no Nordeste brasileiro e composta por 54 municípios nos estados do Rio Grande do Norte e da Paraíba. Sua delimitação segue critérios históricos e culturais, caracterizando-se como uma das regiões mais emblemáticas do semiárido nordestino. Destaca-se pelo patrimônio cultural, pela paisagem singular e pela forte identidade territorial, marcada por serras, formações rochosas e vegetação de Caatinga. Além dos aspectos físicos, o Seridó abriga modos de vida tradicionais que se mantêm vivos por meio da arquitetura vernacular, expressões culturais e práticas cotidianas da população.

Figura 23 - Mapa de Localização (País, Estado, Região e Cidade)



Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Na cidade de São Vicente esses elementos se manifestam de forma evidente no tecido urbano e na memória coletiva, contribuindo para a construção de um território com forte sentido de pertencimento. A origem do município está ligada à doação de terras por Joaquim Adelino de Medeiros e à realização de feiras livres sob a sombra de uma quixabeira, árvore símbolo que ainda hoje integra o imaginário local (SILVA, 2018, p. 24). A construção da capela dedicada a São Vicente Férrer, atual Igreja de São Francisco (Figura 10-A), marcou o início da formação urbana do município, organizando o espaço a partir de práticas religiosas, comunitárias e econômicas.

O processo de ocupação urbana de São Vicente foi, por muito tempo, pautado por relações familiares e pela manutenção de um ritmo de vida pacato, com concentração das atividades no núcleo central da cidade. A alternância toponímica de Luíza, nome associado à indígena Cariri, para São Vicente, sob influência da tradição católica, evidencia a sobreposição de camadas culturais que ainda reverberam na organização simbólica e material da cidade (SILVA, 2018, p. 13). A partir de 2010, o município passou a vivenciar um crescimento urbano mais acentuado, impulsionado pela instalação de indústrias têxteis que contribuíram para o aquecimento da economia local e o surgimento de novos núcleos residenciais, sobretudo em áreas periféricas.

Um exemplo dessa expansão é o entorno do terreno de intervenção, como mostra a figura 24, situado em uma zona que antes apresentava acesso restrito, com estrada de terra, e que hoje se encontra totalmente calçado e com expressivo adensamento habitacional. Esse processo evidencia não apenas o crescimento urbano da área, mas também a transformação de seu caráter rural em uma ocupação mais consolidada, marcada pela chegada de novas moradias, pequenos comércios e melhor infraestrutura viária. Além disso, a área se destaca como um dos principais acessos à cidade de Tenente Laurentino Cruz, conhecida por abrigar a serra mais alta do Rio Grande do Norte, o que lhe confere importância estratégica, turística e paisagística. Essa condição reforça o potencial do local para futuras intervenções que valorizem a relação entre o ambiente construído e a paisagem natural.

Figura 24 - Comparação da Área e Entorno em 2010 e 2025



Fonte: Google Earth, Editado pelo autor, 2025

Diante desse contexto, torna-se fundamental compreender a evolução histórica, urbana e cultural de São Vicente como base para o desenvolvimento de propostas arquitetônicas que dialoguem com o território de maneira crítica e sensível. O presente projeto de pousada boutique se propõe a valorizar essas camadas identitárias e as particularidades do lugar, estabelecendo conexões entre o patrimônio material e imaterial e a experiência do hóspede contemporâneo. Assim, a localização estratégica, a história rica e a paisagem singular do município são compreendidas não apenas como pano de fundo, mas como fundamentos projetuais que conferem autenticidade, caráter e pertencimento ao empreendimento.

4.2. ASPECTOS URBANÍSTICOS E SOCIAIS

A compreensão dos aspectos urbanísticos e sociais do território é fundamental para a elaboração de propostas arquitetônicas contextualizadas e sensíveis à realidade local. No caso da pousada boutique aqui proposta, a inserção em um município de pequeno porte, com características urbanas específicas, exige uma leitura atenta das dinâmicas espaciais, demográficas e sociais que estruturam o ambiente construído.

Do ponto de vista urbanístico, observa-se que, embora a área total do município ultrapasse os 197 km², apenas 0,89 km², cerca de 0,45%, corresponde à zona urbanizada (IBGE, 2022). Essa baixa taxa de urbanização revela uma configuração territorial concentrada, com núcleo urbano reduzido e infraestrutura espacial da cidade em desenvolvimento. Destaca-se, no entanto, a presença de arborização das vias públicas, contribui para a qualidade ambiental e pode ser incorporado à proposta paisagística da pousada como elemento identitário e de conforto ambiental. Com relação ao esgotamento sanitário 57,1% dos domicílios possuem saneamento adequado, a infraestrutura sanitária do município ainda representa um aspecto importante a ser considerado no planejamento de empreendimentos turísticos, sobretudo em relação à sustentabilidade e ao impacto ambiental.

Em termos de mobilidade, internamente o município não conta com transporte público regular, limitando o deslocamento cotidiano dos habitantes e visitantes, com exceção do transporte destinado a estudantes rural e intermunicipal. Nesse contexto, torna-se ainda mais estratégica a localização da pousada em uma zona de fácil acesso, como é o caso da área selecionada, situada a 800 metros da praça pública central, onde localiza-se a maioria dos restaurantes e equipamentos de lazer, distância que favorece a mobilidade ativa (a pé ou de bicicleta), garantindo ao mesmo tempo acessibilidade e privacidade. A proximidade com municípios vizinhos, como Currais Novos (23,3 km), Florânia (21 km) e Tenente Laurentino Cruz (17,4 km), amplia o potencial turístico regional, viabilizando o fluxo de visitantes que buscam experiências diferenciadas fora dos grandes centros.

A vizinhança é composta por elementos urbanos de interesse, como um conjunto habitacional, o parque de vaquejada, o pórtico da Índia Luíza e o entroncamento com a rodovia de acesso à Tenente Laurentino Cruz. Essas

referências indicam que a área encontra-se em zona de transição entre o tecido urbano e as áreas naturais do município. Em relação às vistas, o terreno oferece visual amplo da Serra de Santana na direção noroeste, além de visuais parciais para outras elevações ao redor, o que representa um atributo paisagístico significativo.

Figura 25 - Mapa de Uso do Solo



Fonte: Google Earth, Editado pelo autor, 2025

A análise do uso do solo (Figura 25) no entorno do terreno revela um contexto territorial marcado pela presença significativa de áreas verdes e baixa densidade urbana, características que favorecem a implantação de empreendimentos voltados ao turismo de experiência e à valorização da paisagem natural. A distribuição dos usos indica um predomínio de ocupações residenciais, intercaladas com usos comerciais, de serviços e espaços com potencial cultural ou turístico, o que sugere uma configuração urbana em processo de consolidação¹. Essa dinâmica espacial reforça a adequação do local para propostas de pequeno porte com identidade

¹ Optou-se por não elaborar o mapa de gabarito, pois as edificações vizinhas apresentam, em média, a mesma altura, tornando sua representação desnecessária.

própria, como é o caso da pousada boutique. A relativa heterogeneidade de usos aponta para uma flexibilidade no aproveitamento do solo, ao mesmo tempo em que a expressiva presença de vegetação contribui para a manutenção de uma ambiência privativa, tranquila e integrada à natureza, atributos valorizados no segmento da hotelaria diferenciada.

No que se refere aos aspectos sociais, a cidade apresenta população estável, com estimativa de 6.514 habitantes para 2024, boa taxa de alfabetização (92,5%) e renda média modesta, sendo R\$11.877,99 de PIB per capita em 2021 (IBGE, 2022). Esses indicadores apontam para um perfil socioeconômico que requer iniciativas capazes de estimular o desenvolvimento local, especialmente por meio da geração de empregos e da valorização da cultura regional. A presença de serviços educacionais e de saúde operando de forma satisfatória cria uma base de qualidade de vida, mas a carência de equipamentos de lazer e cultura permanece como um desafio. A pousada boutique, nesse cenário, pode representar uma oportunidade estratégica para diversificar a economia local, promovendo o turismo cultural e de experiência como alternativa sustentável de desenvolvimento.

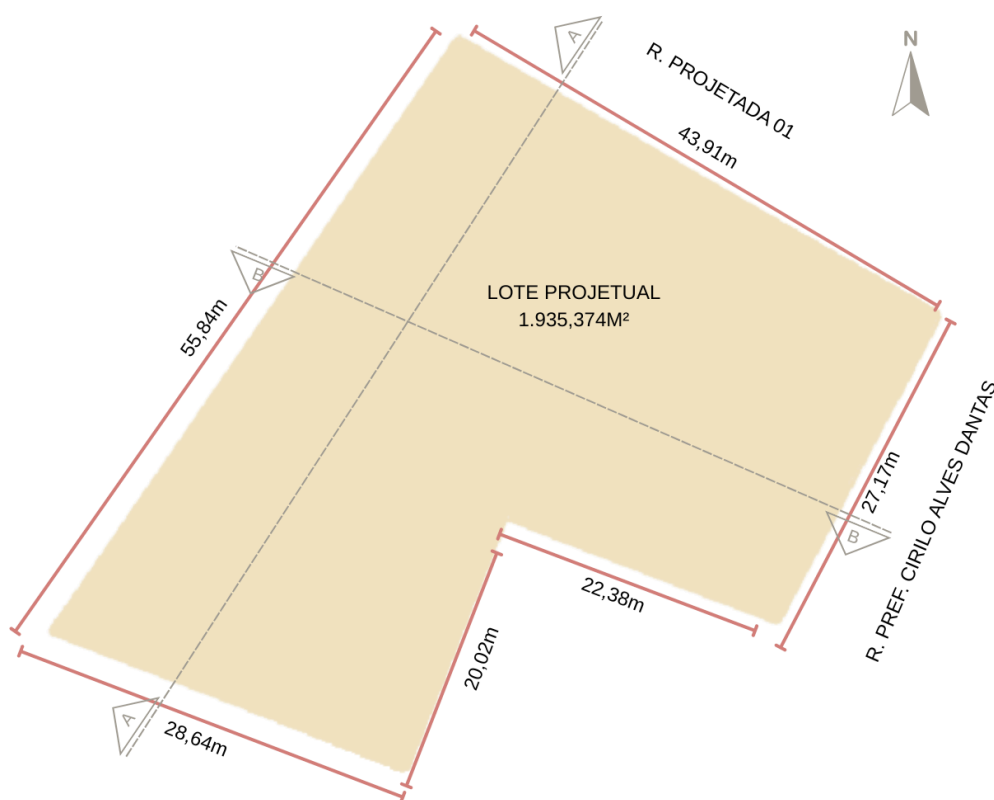
A análise dos condicionantes urbanísticos e sociais, portanto, não apenas orienta as decisões projetuais, mas também reforça o papel da arquitetura como ferramenta de transformação social. Projetar uma pousada boutique nesse contexto é propor mais do que um espaço de hospedagem: é articular memória, território e pertencimento em uma proposta que contribua efetivamente para o fortalecimento da identidade local, infraestrutura urbana e para a valorização do patrimônio material e imaterial do Seridó.

4.3. ASPECTOS FÍSICOS

O terreno analisado localiza-se no município de São Vicente, no estado do Rio Grande do Norte, em área suburbana. Situa-se a aproximadamente 800 metros do centro urbano, o que garante acesso facilitado aos principais serviços da cidade, sem perder as qualidades de um ambiente mais reservado. Sua posição geográfica próxima à saída para Tenente Laurentino Cruz favorece a conexão com atrativos naturais relevantes da região, o ponto mais alto do estado, ampliando o potencial turístico do local e imponente visual serrana para o empreendimento.

O lote (Figura 26 e 27) possui área total de 1.935,374 m² e apresenta forma irregular, configurando duas fachadas ativas: uma voltada para a Rua Prefeito Cirilo Alves Dantas, via urbana com calçamento e infraestrutura básica, e outra para uma rua projetada, pertencente a um loteamento ainda sem infraestrutura. Tais condições oferecem duas possibilidades distintas de acesso e integração ao entorno imediato.

Figura 26 - Lote Projetual



Fonte: Autoral, 2025

O local destinado à implantação da pousada boutique caracteriza-se por apresentar cobertura vegetal esparsa e predominância de solo rochoso. A escassez de massa vegetal sugere uma área já parcialmente antropizada ou naturalmente menos densa em termos de cobertura, o que pode reduzir a necessidade de supressão vegetal, favorecendo uma abordagem de menor impacto ambiental. Por outro lado, a presença marcante de rochas no solo demanda uma leitura quanto à viabilidade de escavações, fundações e drenagem, exigindo soluções construtivas compatíveis com o substrato local.

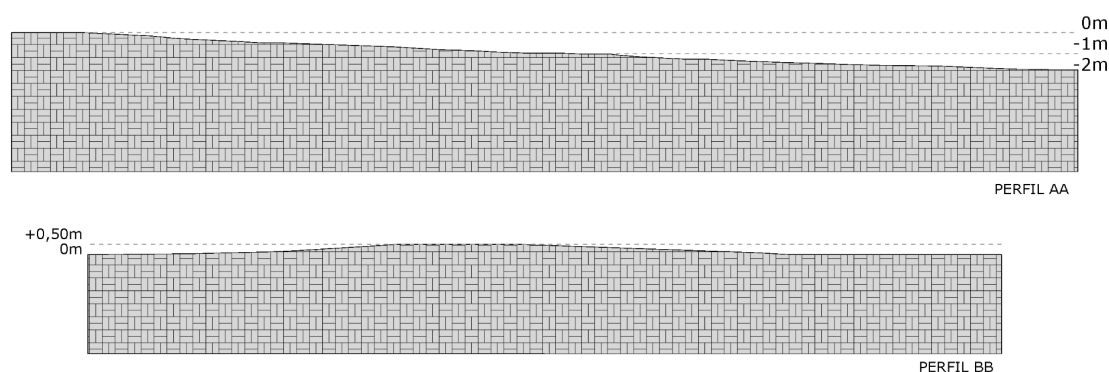
Figura 27 - Terreno de Intervenção



Fonte: Acervo Pessoal, 2025

A topografia do lote apresenta um declive contínuo, sendo classificada como levemente acidentada. Considerando a cota da via pública como ponto zero, observa-se que a porção inicial do terreno está situada cerca de +0,50 metros acima da rua, seguindo-se um desnível que atinge até -2,20 metros em seu ponto mais baixo.²

Figura 28 - Perfil Topográfico



Fonte: Google Earth, adaptado pela autora, 2025

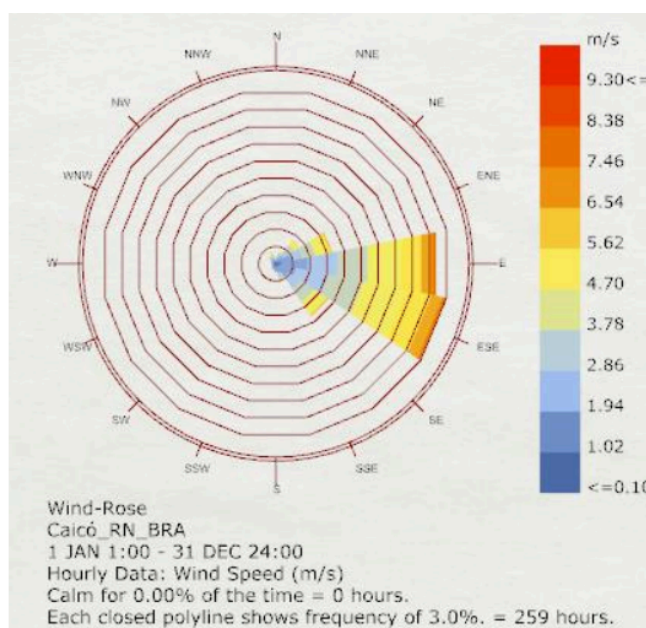
² Até o momento da elaboração deste trabalho, não foi possível obter o levantamento planialtimétrico com curvas de nível detalhadas do terreno em questão. Essa limitação se deve à indisponibilidade de dados técnicos junto aos órgãos municipais competentes e à ausência de mapeamento topográfico atualizado da área.

4.4. ASPECTOS AMBIENTAIS

A análise dos aspectos ambientais é fundamental para o desenvolvimento de projetos arquitetônicos sustentáveis e integrados ao contexto natural. Avaliar variáveis como ventilação predominante, insolação, gabarito construtivo, áreas verdes e uso do solo permite propor soluções que respeitem as características do entorno, otimizem o conforto ambiental e reduzam os impactos ecológicos da intervenção.

A partir da leitura da Rosa dos Ventos de Caicó (Figura 29), município da região Seridó, observa-se que os ventos predominantes incidem majoritariamente nas direções sudeste e leste, com boa circulação também a partir do nordeste. Essa condição favorece a ventilação cruzada e deve ser considerada para o correto posicionamento das aberturas, de modo a promover ambientes internos mais arejados, reduzir a necessidade de climatização artificial e valorizar o conforto térmico-passivo.

Figura 29 - Rosa dos Ventos - Caicó/RN

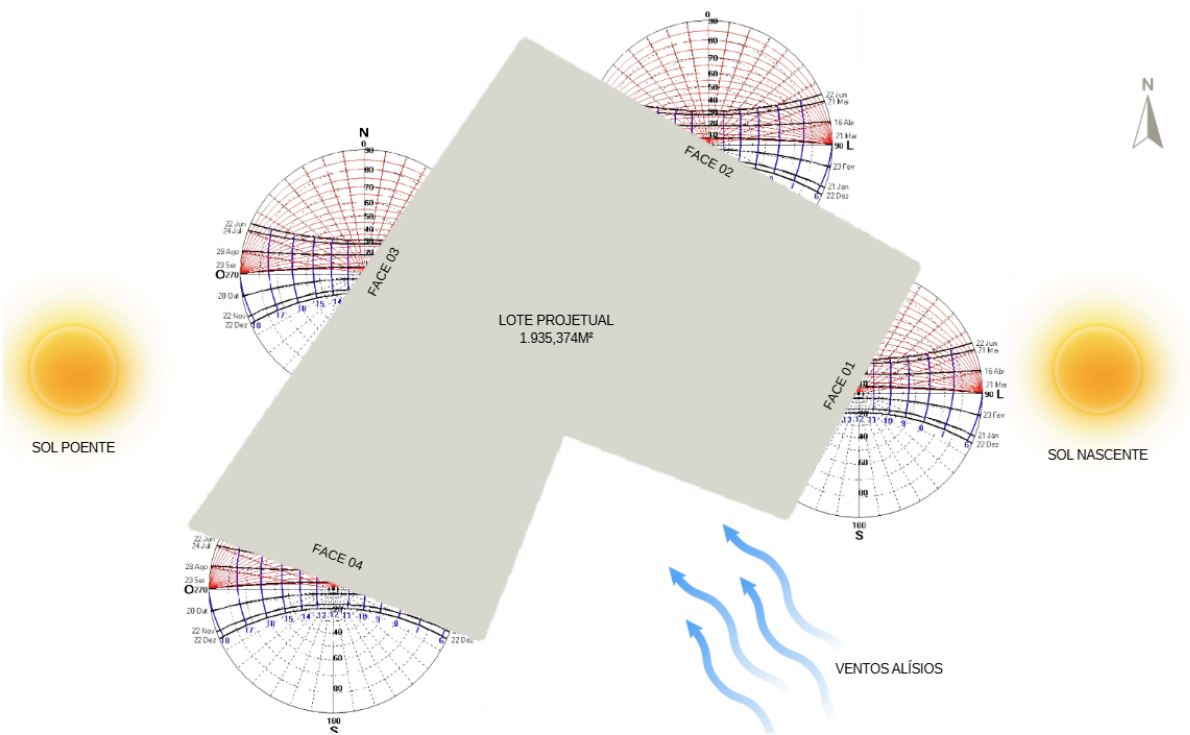


Fonte: RORIZ, 2012. Adaptado por Giovani Pacheco, 2016.

O estudo de insolação (Figura 30) revelou que as faces norte e oeste do terreno são as mais expostas ao sol ao longo do dia, principalmente durante os períodos da tarde. A face norte, no entanto, recebe insolação mais constante e equilibrada durante o ano, sendo indicada para ambientes de permanência prolongada, como quartos e salas. Já a face oeste, por receber radiação intensa no

período mais quente do dia, exige soluções de proteção solar, como brises, vegetação ou recuos. As faces sul e leste, por sua vez, apresentam menor incidência direta de luz solar, sendo adequadas para áreas técnicas, de circulação ou de apoio. A compreensão dessas variáveis permite um melhor aproveitamento da luz natural, com consequente economia de energia e maior qualidade ambiental nos espaços internos.

Figura 30 - Estudo de Insolação nas Faces do Terreno



Fonte: Sol-Ar, 2025. Adaptado pela autora.

Tabela 02 - Horário da Incidência Solar nas Fachadas da Edificação

Período do ano	Face 1	Face 2	Face 3	Face 4
Solstício de Inverno	6:15 - 11:00	6:15 - 15:30	11:00 - 17:45	14:30 - 17:45
Equinócios	6:00 - 11:30	6:00 - 14:00	11:30 - 18:00	14:00 - 18:00
Solstício de Verão	5:45h-13h	5:45 - 10:00	13:00 - 17:45	5:45 - 18:15

Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Dessa forma, com base nas análises realizadas, torna-se possível a definição de estratégias arquitetônicas funcionais voltadas à promoção do conforto térmico dos usuários no ambiente da pousada boutique em desenvolvimento.

4.5. ASPECTOS LEGAIS

O desenvolvimento de um projeto arquitetônico, sobretudo no setor de hospitalidade, requer uma análise dos dispositivos legais que regulamentam a implantação e operação da edificação. A observância das normas vigentes não apenas assegura a viabilidade técnica e jurídica do empreendimento, como também reflete o compromisso com a segurança, acessibilidade, saúde pública e sustentabilidade ambiental.

No contexto de uma pousada boutique, é imprescindível integrar às decisões de projeto os parâmetros definidos pelo Plano Diretor, o Código de Obras, as normas de acessibilidade, os requisitos de segurança contra incêndio e pânico, as exigências da vigilância sanitária e as diretrizes para um sistema de gestão sustentável.

A articulação entre essas diferentes esferas normativas orienta a concepção de espaços seguros, funcionais, inclusivos e ambientalmente responsáveis. A seguir, cada um desses aspectos será analisado com base na legislação aplicável, considerando tanto o contexto local do município de São Vicente - RN quanto referências técnicas complementares utilizadas como suporte metodológico.

4.5.1. Plano Diretor

O município de São Vicente, no estado do Rio Grande do Norte, onde se insere o projeto da pousada boutique, não possui Plano Diretor Municipal próprio. Por contar com menos de 20 mil habitantes, o município não é legalmente obrigado a elaborar esse instrumento de ordenamento urbano, conforme estabelece o Estatuto da Cidade - Lei nº 10.257/2001. Diante dessa lacuna normativa, optou-se por utilizar como referência técnica o Plano Diretor Estratégico do município de Currais Novos - RN, consolidado pela Lei Complementar nº 09/2012, cuja realidade territorial e socioeconômica apresenta semelhanças consideráveis com a do município em questão.

A partir dessa base normativa, foram consideradas as diretrizes gerais de ordenamento urbano e uso do solo, especialmente no que se refere às prescrições urbanísticas. O Capítulo IV do referido plano (CURRAIS NOVOS, 2008) estabelece parâmetros como taxa de ocupação máxima de 70%, taxa mínima de

permeabilização de 20%, recuos mínimos de 3,00 metros na fachada principal e de 1,50 metros nas laterais e fundos, bem como o coeficiente básico de aproveitamento de 1,8 e máximo de 1,5, considerando uma área não-residencial, conforme Anexo 3 (CURRAIS NOVOS, 2008). Ainda que não se trate de uma regulamentação obrigatória, esses parâmetros foram adotados como diretriz de projeto para garantir coerência técnica e compatibilidade com práticas urbanas reguladas regionalmente.

Essas exigências estão organizadas de forma sistematizada na Tabela 1 a seguir, que resume os principais parâmetros aplicados ao projeto:

Tabela 03 - Parâmetros urbanísticos adotados

Parâmetro	Valor Referencial
Taxa de Ocupação Máxima	70%
Taxa de Permeabilidade Mínima	20%
Recuo Frontal Mínimo	3,00m
Recuos Laterais e de Fundo	1,50m
Gabarito Máximo	24m
Coeficiente de Aproveitamento	1,5
Vagas de Estacionamento	1 vaga a cada 150m ²

Fonte: Currais Novos, 2008, adaptado pela autora, 2025

Embora a zona de implantação do projeto não esteja formalmente zonificada em São Vicente, as diretrizes do plano de prescrições urbanísticas de Currais Novos, serviram como parâmetro referencial para a estruturação do projeto e sua integração ao tecido urbano.

4.5.2. Código de Obras

Sem a existência de um Código de Obras próprio e atualizado, o município de São Vicente adota, para fins regulatórios, a legislação do município de Currais Novos, titulada genericamente como Código de Obras e composta pelas Leis nº 860/79, 860/79-A (Parcelamento Urbano) e 860/79-B (Zoneamento), com revisão realizada em 2006. Essa normatização fornece os principais parâmetros construtivos e técnicos que orientaram o desenvolvimento do projeto.

Outrossim, o código estabelece dimensões mínimas de compartimentos e diretrizes para ventilação e iluminação natural, como a exigência de áreas descobertas com no mínimo 4m² para ventilação de ambientes que não possuam

aberturas para o exterior, e vãos mínimos de 0,36m² para iluminação de banheiros e depósitos.

As exigências específicas destinadas a edificações de hospedagem também se mostram significativas. Conforme a determinação, hotéis, pousadas e similares devem conter espaços mínimos operacionais como recepção, sala de estar, rouparia, depósitos e sanitários de serviço, além de dependências voltadas à alimentação, como cozinha e sala de refeições. Tais requisitos foram incorporados ao programa arquitetônico, garantindo a funcionalidade do espaço conforme os padrões estabelecidos.

Para melhor visualização dos parâmetros aplicáveis, a Tabela 2 sistematiza os principais aspectos constitutivos extraídos do Código de Obras utilizado:

Tabela 04 - Exigências construtivas segundo o Código de Obras

Ambiente	Círculo inscrito/Diâmetro mínimo (m)	Área mínima (m)	Iluminação mínima*	Ventilação mínima*	Pé Direito mínimo (m)	Profundidade máxima
Vestíbulo	0,80	1,00	-	-	2,20	-
Sala de estar	2,00	6,00	1/8	1/16	2,20	3 x Pé direito
Sala de refeições	1,50	4,00	1/8	1/16	2,20	3 x Pé direito
Copa	1,50	4,00	1/8	1/16	2,20	3 x Pé direito
Cozinha	2,00	4,00	1/8	1/16	2,20	3 x Pé direito
1° Quarto	2,00	6,00	1/6	1/12	2,20	3 x Pé direito
Demais quartos	2,00	4,00	1/6	1/12	2,20	3 x Pé direito
Banheiro	0,90	1,50	1/16	1/16	2,20	3 x Pé direito
Corredores	0,80	-	-	-	2,20	-
*Área útil do ambiente						

Fonte: Currais Novos, 2006, adaptado pela autora, 2025

Dessa forma, a análise ao Código de Obras, mesmo quando adaptado de outro município, revela-se essencial para assegurar que o projeto da pousada boutique esteja em conformidade com os parâmetros mínimos de habitabilidade, funcionalidade e desempenho, contribuindo para um produto arquitetônico legalmente viável e tecnicamente consistente.

4.5.3. Acessibilidade

A concepção de espaços acessíveis no setor de hospitalidade deixou de ser apenas uma exigência normativa e passou a integrar uma visão ampliada de qualidade, responsabilidade social e valorização da experiência do usuário. No contexto das pousadas boutique, garantir a acessibilidade universal representa um desafio e, ao mesmo tempo, uma oportunidade para promover hospitalidade inclusiva sem comprometer o projeto arquitetônico autoral. A Norma Brasileira NBR 9050 (ABNT, 2020) oferece diretrizes fundamentais que orientam a adequação dos espaços construídos para atender às necessidades das pessoas com deficiência (P.C.D.) e com mobilidade reduzida (M.R.), garantindo autonomia, segurança e conforto.

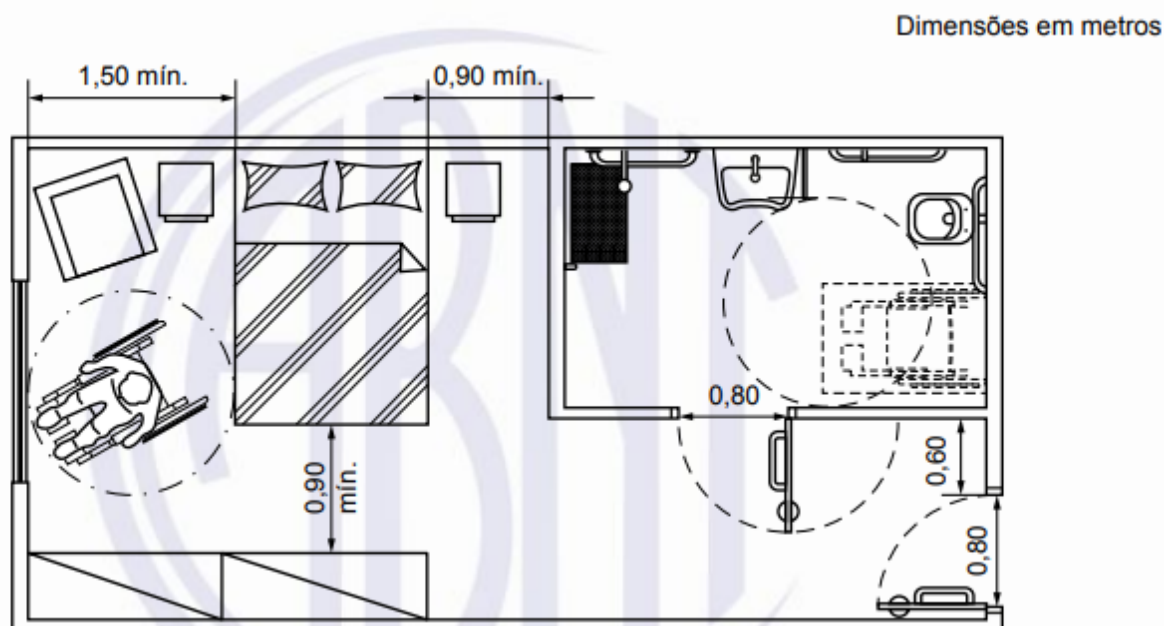
As circulações internas devem ser pensadas com especial atenção. A norma estabelece que obstáculos isolados com até 0,40m de extensão exigem uma largura mínima de 0,80m, enquanto obstáculos maiores devem permitir ao menos 0,90m. Além disso, para manobras com cadeira de rodas, prevê áreas com dimensões específicas, como 1,20m×1,20m para rotação de 90°, e diâmetro de 1,50 m para giro completo (ABNT, 2020). Esses requisitos devem ser incorporados desde a etapa inicial do projeto arquitetônico, evitando soluções improvisadas ou visivelmente adaptadas, que poderiam comprometer a harmonia estética e funcional do ambiente.

A conformidade das rotas acessíveis às normas técnicas é requisito indispensável em edificações de uso público ou coletivo, como estabelecido pela ABNT NBR 9050:2020. Em projetos de pousadas boutique, cuja tipologia exige elevada qualificação funcional e espacial, a adoção de rotas com acessibilidade plena deve ser considerada desde a fase inicial de concepção arquitetônica. As superfícies de piso que compõem essas rotas devem apresentar inclinação transversal máxima de 2% para pisos internos e de até 3% para pisos externos, de modo a garantir segurança no deslocamento e estabilidade para usuários com mobilidade reduzida. A inclinação longitudinal da superfície não deve ultrapassar 5%; acima desse valor, a superfície é classificada como rampa e, portanto, deve atender aos critérios específicos determinados pela norma, incluindo largura mínima de 1,20 m, instalação de corrimãos duplos e áreas de descanso intermediárias a cada 50 m de percurso quando a inclinação situar-se entre 6,25% e 8,33% (ABNT,

2020). Essas exigências técnicas visam garantir a continuidade e a autonomia dos deslocamentos, além de eliminar barreiras físicas que comprometam a fruição plena do espaço por pessoas com deficiência, assegurando conformidade normativa e responsabilidade social ao projeto.

Nos dormitórios acessíveis (Figura 31), a norma determina que o mobiliário seja disposto de forma a não obstruir a faixa de circulação mínima de 0,90 m, com área de manobra que permite giro de 360°, além da altura da cama em 0,46 m. Também é exigida a presença de sistemas de alarme e telefones com sinais visuais, sonoros e/ou vibratórios (ABNT, 2020), ressaltando que a acessibilidade não se limita à circulação, mas abrange também a comunicação e a sinalização de emergência, aspectos vitais em empreendimentos hoteleiros.

Os sanitários acessíveis, obrigatórios em edificações de uso coletivo e nas unidades habitacionais adaptadas, devem ser projetados de acordo com parâmetros estabelecidos na ABNT NBR 9050:2020. A configuração espacial deve permitir a realização de manobras de giro de 360° com cadeira de rodas, com áreas de transferência lateral, diagonal e perpendicular à bacia sanitária, conforme demonstrado nas figuras normativas. As peças sanitárias devem ser dispostas de modo a não interferirem nas áreas de manobra, sendo obrigatória a utilização de lavatórios suspensos ou sobre tampo, posicionados de forma que possibilitem sobreposição parcial com a área de aproximação. As portas devem abrir preferencialmente para o lado externo, possuir puxadores horizontais de no mínimo 0,40m de comprimento, e garantir vão livre adequado conforme os requisitos técnicos. Devem ser previstas barras de apoio laterais e posteriores, além de acionamento manual acessível para válvulas, duchas higiênicas, torneiras e trincos, obedecendo aos alcances definidos para uso sentado, de acordo com a distância indicada. A correta aplicação dessas diretrizes, no contexto de uma pousada boutique, representa não apenas a observância legal, mas também um compromisso com a acessibilidade universal, reforçando a qualificação da experiência arquitetônica para todos os perfis de usuário.

Figura 31 - Exemplo de Unidade Habitacional Acessível

Fonte: NBR 9050/2020.

Nas áreas comuns, como recepção e restaurante, os parâmetros seguem a lógica da proporcionalidade. Deste modo, exige que ao menos 5% dos assentos sejam destinados a pessoas obesas (P.O.) e cadeirantes (P.C.D.), com no mínimo uma unidade de cada tipo. Da mesma forma, 5% das mesas dos restaurantes devem ser acessíveis, interligadas a uma rota acessível e com acesso garantido ao sanitário adaptado (ABNT, 2020). Tais exigências não apenas asseguram o atendimento à legislação, mas reforçam o compromisso da pousada com uma hospitalidade democrática, na qual o conforto e o acolhimento não são privilégio de alguns, mas direito de todos.

No entorno das piscinas, a norma ABNT NBR 10339:2018 complementa as diretrizes, exigindo pisos antiderrapantes, bordas arredondadas, barras de apoio e degraus com corrimãos, garantindo que o lazer, um dos principais atrativos desses empreendimentos, também seja acessível de forma segura.

4.5.4. Segurança Contra Incêndio

As medidas de prevenção e combate a incêndios são um dos pilares fundamentais no desenvolvimento de projetos arquitetônicos voltados à hospitalidade, especialmente em pousadas boutique. Embora associadas a

ambientes intimistas e personalizados, essas edificações devem atender às normativas legais que garantem a proteção da vida e do patrimônio. Nesse cenário, a arquitetura precisa integrar critérios estéticos e funcionais às exigências técnicas, promovendo soluções coerentes com o projeto e a legislação vigente.

No Estado do Rio Grande do Norte, a segurança contra incêndio é regulamentada pela Lei Complementar nº 601/2017, que institui o Código Estadual de Segurança Contra Incêndio e Pânico (CESIP), operacionalizado pelas Instruções Técnicas (ITs) do Corpo de Bombeiros Militar (CBMRN). A Instrução Técnica nº 01/2022 define critérios para análise de projetos, classificando edificações segundo tipo de ocupação, área construída e altura. Os serviços de hospedagem integram o Grupo B, sendo B-1 para hotéis convencionais e B-2 para edificações com cozinha nos apartamentos.

Para edificações com mais de 930m² ou altura superior a 12 metros devem atender a exigências específicas: compartimentação horizontal ou instalação de chuveiros automáticos (sprinklers), detectores de incêndio nos dormitórios, acionadores manuais em áreas de circulação e sistemas de alarme com resposta imediata. Esses sistemas são fundamentais para garantir a evacuação segura e a pronta resposta a emergências.

Tabela 05 - Identificação e Exigências contra Incêndio

Grupo	Ocupação/Usu	Classificação	Exigências
B (B-1 e B-2)	Serviço de Hospedagem	Edificações com mais de 930m ² ou altura superior a 12 metros	Acesso de Viatura na Edificação; Segurança Estrutural; Compartimentação Horizontal ou de Áreas; Controle de Materiais de Acabamento; Saídas de Emergência; Brigada de Incêndio, Iluminação de Emergência, Detecção de Incêndio; Alarme de Incêndio; Sinalização de Emergência; Extintores; Hidrantes e Mangotinhos

Fonte: Elaborado pela autora de acordo com o Código De Segurança e Prevenção Contra Incêndio e Pânico Do Estado Do Rio Grande Do Norte. 2025

As saídas de emergência, conforme a IT nº 11/2022, devem ter largura mínima de 1,20m e permitir trajetos com no máximo 10 metros entre acessos consecutivos. Portas no térreo e último pavimento devem abrir para o exterior.

4.5.5. Vigilância Sanitária

A implantação de um restaurante no projeto da pousada boutique exige uma abordagem arquitetônica altamente técnica, orientada pelas diretrizes da Resolução RDC nº 216/2004 da ANVISA, que regulamenta as boas práticas para serviços de alimentação. A conformação da planta baixa da cozinha deve priorizar um fluxo físico e funcional linear, contínuo e unidirecional, capaz de garantir a separação entre as etapas de manipulação de alimentos. O objetivo central é evitar o cruzamento entre áreas sujas e limpas, promovendo um circuito produtivo que inicie no recebimento dos insumos e siga, de forma lógica e progressiva, até a expedição das refeições.

Nesse contexto, a organização espacial da cozinha deve contemplar zonas distintas e sequenciais para cada etapa do processo produtivo: recebimento, armazenamento (seco, refrigerado e congelado), pré-preparo, preparo, finalização e distribuição. Essas zonas operacionais devem ser dispostas de modo linear e progressivo, respeitando o princípio da setorização funcional e evitando cruzamentos de fluxos. Áreas auxiliares como lavagem de utensílios, descarte de resíduos e higienização das mãos devem ser implantadas de forma periférica, porém estrategicamente posicionadas para garantir apoio imediato às zonas principais (ANVISA, 2004). A separação física entre ambientes sujos e limpos é imprescindível para a prevenção de contaminações cruzadas, exigindo barreiras arquitetônicas ou mudanças de nível sempre que necessário.

Adicionalmente, os acessos e circulações internas devem ser projetados para permitir fluidez e segurança nas operações, minimizando deslocamentos desnecessários e otimizando o tempo das atividades. A disposição dos postos de trabalho, bancadas, equipamentos e mobiliário segue a lógica do layout funcional, onde cada elemento deve estar posicionado de acordo com sua função no ciclo produtivo. Essa configuração deve possibilitar a execução das tarefas com ergonomia, visibilidade, ventilação adequada e facilidade de limpeza. Assim, a planta baixa da cozinha passa a ser uma ferramenta estratégica que, mais do que atender aos requisitos legais, viabiliza uma operação gastronômica tecnicamente eficiente, sanitariamente segura e alinhada à proposta de excelência da pousada boutique.

Além do traçado racional dos fluxos internos, a escolha dos materiais aplicados nas superfícies de pisos, paredes e tetos exerce papel fundamental na manutenção da higiene, devendo ser lisos, laváveis, impermeáveis e resistentes à abrasão e à umidade. Portas com fechamento automático e telas milimetradas em aberturas externas, aliadas à iluminação artificial adequada nas áreas de manipulação, integram o conjunto de elementos arquitetônicos que reforçam o controle sanitário e devem ser estrategicamente localizados conforme o layout da planta. A infraestrutura predial inclui ainda o abastecimento contínuo de água potável, sistemas de esgotamento sanitário eficientes, pontos de lavatórios em locais estratégicos e soluções de ventilação e exaustão que favoreçam a salubridade dos ambientes (ANVISA, 2004).

A seleção dos equipamentos, mobiliário e utensílios deve respeitar os critérios da norma quanto à composição dos materiais, evitando a liberação de odores, toxinas ou substâncias contaminantes, ao mesmo tempo em que se mantenham resistentes à limpeza constante (ANVISA, 2004). Esses elementos devem ser compatíveis com os postos de trabalho e dispostos de maneira a não obstruir a fluidez do processo produtivo. Dessa forma, o projeto do restaurante na pousada boutique não apenas incorpora os requisitos legais, mas os traduz em decisões espaciais e técnicas, alinhando o compromisso com a segurança alimentar à proposta de hospitalidade sofisticada.

4.5.6. Sistema de gestão de sustentabilidade

A sustentabilidade, no contexto da hotelaria contemporânea, deve ser compreendida como um princípio estruturante, não apenas como um diferencial de mercado. A ABNT NBR 15401:2006 estabelece diretrizes claras para meios de hospedagem que pretendem desenvolver e manter um sistema de gestão da sustentabilidade, alinhado aos princípios do turismo sustentável reconhecidos pelo Conselho Brasileiro para o Turismo Sustentável (CBTS). Esses princípios incluem o respeito à legislação vigente, a valorização das comunidades locais, a conservação do ambiente natural e cultural, e o estímulo ao desenvolvimento socioeconômico dos destinos turísticos. No caso de uma pousada boutique, que se caracteriza justamente pela personalização da experiência e pela imersão no contexto local, esses requisitos tornam-se ainda mais relevantes.

A implementação de um sistema de gestão da sustentabilidade pressupõe uma política institucional clara, com responsabilidades definidas, objetivos e metas mensuráveis, além de mecanismos de verificação e ações corretivas. Isso implica não apenas a adoção de práticas pontuais, mas o compromisso com uma cultura organizacional sustentável. No projeto da pousada boutique em questão, o mapeamento dos aspectos ligados à sustentabilidade deve considerar desde o uso de recursos naturais até os impactos sociais e culturais do empreendimento. A transparência e a comunicação com hóspedes e comunidade também são elementos essenciais, tanto para a promoção de um turismo mais consciente quanto para a construção de um relacionamento ético com os diversos públicos envolvidos.

Entre os requisitos ambientais destacados pela norma, a gestão eficiente de energia e água, o tratamento adequado de resíduos sólidos e efluentes, e a prevenção de impactos ambientais se destacam como prioridades operacionais. No caso específico da arquitetura, a norma propõe uma série de medidas para mitigar os impactos ambientais desde a fase de implantação do empreendimento (ABNT, 2006). Isso inclui, por exemplo, a integração das construções à paisagem natural, o respeito às características do relevo, a minimização da impermeabilização do solo e da remoção de vegetação nativa, bem como a utilização de materiais locais provenientes de fontes sustentáveis, de acordo com o item 5.3.4:

Convém que se utilizem materiais de construção disponíveis na região, originados de fontes sustentáveis, que se considere o uso das técnicas tradicionais, que se evite usar materiais de construção com grande impacto ambiental e que se procure tomar medidas de compensação ambiental para os materiais utilizados no empreendimento (ABNT, 2006, p.17).

Ainda no âmbito da arquitetura, destaca-se a exigência de compatibilidade volumétrica com o entorno, de forma a não descaracterizar a paisagem natural e o patrimônio cultural (ABNT, 2006). Isso exige sensibilidade projetual e domínio técnico para que a infraestrutura da pousada não se imponha visual ou funcionalmente ao contexto, mas o complemento. Em localidades de interesse arquitetônico ou histórico, a norma recomenda inclusive a consulta prévia à comunidade, o que reforça a importância do diálogo com os moradores e da escuta ativa dos saberes locais.

O paisagismo, por sua vez, deve refletir o ambiente natural da região, privilegiando o uso de espécies nativas e evitando a propagação de plantas exóticas que possam comprometer o equilíbrio ecológico. No contexto do semiárido nordestino, por exemplo, o aproveitamento da vegetação da caatinga não apenas contribui para a conservação ambiental, como também reforça a autenticidade estética e sensorial da pousada.

Do ponto de vista sociocultural, a NBR 15401 orienta os empreendimentos a promoverem condições de trabalho dignas, geração de renda para as comunidades locais e valorização dos aspectos culturais e das populações tradicionais. Nesse sentido, a pousada boutique pode atuar como vetor de desenvolvimento local, por meio da contratação de mão de obra da região, do uso de técnicas construtivas tradicionais e da inserção de produtos locais, artesanato, gastronomia e eventos culturais na experiência do hóspede. Essa postura não apenas fortalece o tecido social, como também amplia a atratividade do destino ao oferecer experiências genuínas e enraizadas na cultura regional.

Por fim, os requisitos econômicos do sistema de gestão da sustentabilidade exigem que o empreendimento seja viável financeiramente e que promova a saúde, a segurança e a satisfação dos clientes e colaboradores. Isso demanda um planejamento de longo prazo, que considere o equilíbrio entre rentabilidade, qualidade e responsabilidade socioambiental. A pousada boutique, ao integrar esses princípios em sua concepção e operação, posiciona-se como um modelo de hospitalidade comprometida com a regeneração do território e com o futuro do turismo sustentável.

5. PROPOSTA ARQUITETÔNICA

O presente capítulo tem como objetivo apresentar e justificar, a proposta arquitetônica da pousada boutique, fundamentada nos estudos teóricos, nas análises referenciais e nas leituras contextuais previamente desenvolvidas. A proposta parte do entendimento da arquitetura como meio de expressão cultural e experiência sensível, respondendo às demandas do turismo contemporâneo por espaços que conciliam autenticidade, conforto e identidade. Dessa forma, busca-se conceber um empreendimento que vá além da função de hospedagem, atuando como instrumento de valorização simbólica, econômica e territorial.

A pousada é pensada como um espaço que interpreta o Seridó em sua materialidade, paisagem e memória, traduzindo os saberes locais por meio de uma linguagem arquitetônica coerente com os princípios do regionalismo crítico, da neuroarquitetura e do turismo de vivência. Com isso, a proposta contribui para posicionar o município de São Vicente como referência em hospitalidade afetiva e qualificada no interior do Rio Grande do Norte.

5.1. DIRETRIZES DE PROJETO

As diretrizes que orientam a concepção da pousada boutique partem do reconhecimento da arquitetura como linguagem sensível capaz de traduzir o território, ativar a memória cultural e construir experiências. O projeto tem como premissa criar um espaço que articula identidade local, conforto ambiental e valorização simbólica, promovendo não apenas a permanência do visitante, mas sua imersão afetiva e sensorial no contexto do Seridó.

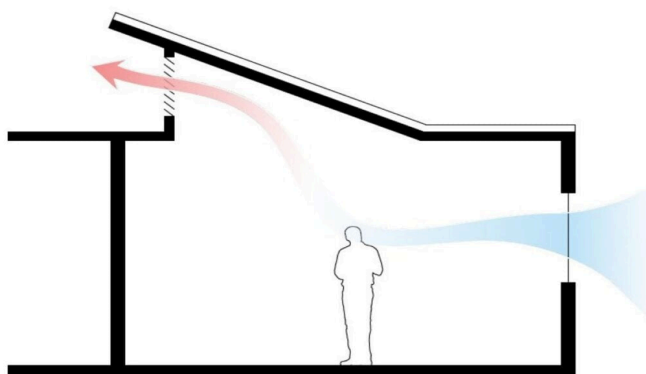
O conceito central emerge do nome “Manga Rosa”, que carrega significados vinculados à paisagem, à memória e às práticas populares associadas à região. Essa referência funciona como base narrativa para o projeto, guiando escolhas estéticas e materiais, como o uso de formas orgânicas, paleta cromática terrosa, texturas naturais e elementos que remetem à simplicidade sofisticada do interior nordestino.

Figura 32 - Moodboard

Fonte: Autoral, 2025

Entre os princípios estruturantes estão o regionalismo crítico, a neuroarquitetura, o turismo de experiência e a busca por uma estética rústico-contemporânea. A arquitetura vernacular é ressignificada por meio do uso de materiais locais como adobe, madeira e cerâmica artesanal, reinterpretados sob uma linguagem atual, sem recorrer à imitação literal da tradição. A proposta não busca reproduzir o passado, mas integrá-lo de maneira crítica e simbólica ao presente, como propõem Tzonis e Lefaivre (2003) ao discutirem uma arquitetura com raízes e sentido.

O projeto também responde às exigências do clima semiárido por meio de estratégias bioclimáticas aplicadas desde a implantação: orientação solar adequada, ventilação cruzada (Figura 33), sombreamento com varandas profundas e uso de materiais com inércia térmica.

Figura 33 - Ventilação Cruzada

Fonte: CicloVivo, 2025.

O terreno, localizado em transição entre o tecido urbano e a paisagem natural, permite uma implantação que valoriza as visualizações para a serra e o isolamento controlado das unidades de hospedagem, equilibrando privacidade e integração. Ao incorporar os fundamentos da neuroarquitetura, o projeto valoriza qualidades como luz natural difusa, aberturas para o verde, sons do ambiente e organização fluida dos espaços.

A intenção é proporcionar bem-estar cognitivo, emocional e físico por meio da forma arquitetônica e das sensações que ela desperta. Complementando essa abordagem, elementos visualmente marcantes são inseridos de forma estratégica, compondo uma arquitetura que também atua como discurso visual e afetivo, alinhando-se ao conceito contemporâneo de espaço instagrável, sem reduzir-se à estética superficial.

Portanto, as diretrizes estruturam o projeto como um lugar de acolhimento, identidade e contemplação, em que a arquitetura age como mediadora entre o hóspede e o território, promovendo pertencimento e experiência.

5.2. DESENVOLVIMENTO DE PROJETO

O processo de desenvolvimento da proposta parte de uma leitura crítica do território e da compreensão das necessidades programáticas, simbólicas e ambientais envolvidas na concepção de uma pousada boutique. A estruturação do partido arquitetônico e das decisões espaciais não se limita à resolução funcional, mas envolve a construção de uma narrativa projetual coerente com os valores que definem a experiência pretendida.

A primeira etapa consiste no levantamento de dados que envolvem aspectos físicos do terreno, dinâmica local, referências culturais e comportamento do usuário. A partir dessa análise, o projeto adota uma postura interpretativa: observa o contexto não como dado neutro, mas como campo simbólico. Esse olhar é ampliado por meio do referencial teórico e dos estudos de caso, que ajudam a posicionar o olhar sobre o tipo arquitetônico da pousada e sobre o papel do turismo na valorização cultural do interior nordestino.

Com base nesse diagnóstico, o conceito se consolida e começa a ser traduzido em forma. A implantação considera o formato assimétrico do terreno para organizar os fluxos e setorização funcional. As áreas abertas ao público externo, como restaurante e salão de festas, ocupam posição frontal, garantindo autonomia de acesso e integração com o entorno. As unidades de hospedagem são distribuídas de forma orgânica na porção mais reservada, com orientação visual voltada para a paisagem natural, favorecendo a privacidade e contemplação.

Durante o processo, o programa de necessidades é adaptado de forma progressiva. As demandas iniciais se expandem para incorporar espaços de transição, áreas sombreadas, núcleos de convívio, mirantes e elementos de pausa. A arquitetura deixa de ser apenas uma estrutura funcional e passa a construir percursos emocionais, sensoriais e simbólicos. As varandas, os jardins internos, os caminhos com materiais naturais e a vegetação nativa são elementos que reforçam essa ambiência.

As decisões técnicas e materiais são fundamentadas por critérios que articulam desempenho, estética e identidade. O adobe, por exemplo, é selecionado por seu comportamento térmico, mas também por sua relevância cultural. Da mesma forma, o uso de madeira, pedra, cerâmica e fibras naturais atende à proposta de criar um ambiente coerente com a paisagem e com os saberes construtivos locais. Tais escolhas não são decorativas: estão vinculadas a uma lógica de permanência, pertencimento e legibilidade cultural.

O projeto também absorve princípios da neuroarquitetura, refletidos na distribuição dos espaços, na variação controlada de luz, na escala humana dos ambientes e na presença da natureza como extensão da arquitetura. A experiência do usuário é central no processo: cada espaço busca provocar uma sensação específica, seja acolhimento, descanso, descoberta ou conexão.

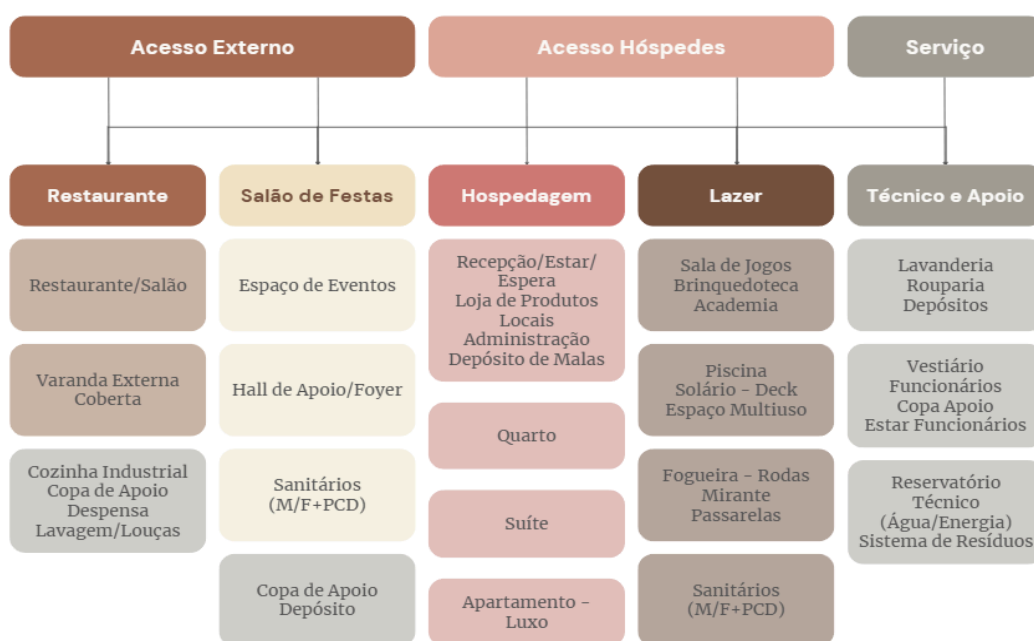
Por fim, o percurso projetual integra os valores simbólicos e sensoriais do turismo de experiência, oferecendo não apenas um lugar de estadia, mas um cenário de vivência. A pousada se torna um território narrativo, onde o hóspede encontra cultura, paisagem e memória organizadas por meio da linguagem espacial.

5.3. PROGRAMA DE NECESSIDADES E PRÉ-DIMENSIONAMENTO

O programa de necessidades da pousada boutique localizada em São Vicente – RN é concebido como instrumento essencial para estruturar as funções, os fluxos e as interações que o projeto propõe. Ao mesmo tempo em que responde a critérios técnicos e funcionais, o programa também reflete valores simbólicos e culturais associados à proposta de uma hospedagem que oferece uma experiência diferenciada, alinhada ao território e à identidade do Seridó.

A definição dos ambientes é resultado de um processo que combina levantamento teórico, análise de casos referenciais e observação empírica da realidade regional, considerando carências de infraestrutura, demandas do público-alvo e características do turismo de vivência. O programa está organizado (Figura 34) em seis setores funcionais: acesso e recepção, hospedagem, alimentação, eventos, lazer e contemplação, técnico e apoio, e áreas externas, permitindo clareza organizacional, eficiência nos fluxos e conforto dos usuários.

Figura 34 - Organograma de Setorização



Fonte: Elaborado pela autora, 2025

O setor de acesso e recepção contempla espaços fundamentais para o acolhimento e o funcionamento administrativo: recepção, sala de espera, sanitários, sala administrativa, depósito de malas e loja de produtos locais. Esse núcleo

estabelece o primeiro contato do hóspede com a pousada, funcionando também como transição entre o espaço público e os demais setores.

A área de hospedagem é composta por três tipologias: sete quartos *standard*, sendo um acessível, quatro suítes *comfort* e dois apartamentos de padrão luxo, todos com banheiro privativo e varanda integrada. A diferenciação tipológica permite atender perfis variados de visitantes, mantendo o foco em uma experiência confortável e intimista. As unidades são distribuídas de forma orgânica no terreno, respeitando a topografia e direcionando as aberturas para vistas naturais da serra.

O setor de alimentação abrange o restaurante principal, com salão interno, varanda externa coberta, cozinha industrial, com organização linear conforme a Vigilância Sanitária, estoque e setor de lavagem de louças. Esse espaço é concebido para oferecer refeições com base na gastronomia regional, sendo também um ambiente de convivência e contemplação.

Para atender eventos sociais, culturais e gastronômicos, a pousada conta com dois salões de festas multifuncionais conjugados, com hall de apoio. Sua implantação próxima ao acesso garante autonomia e permite sua utilização sem interferência na área de hospedagem, compondo parte da fachada singular frontal. Esses espaços foram pensados para acolher diferentes configurações de uso, possibilitando desde celebrações intimistas até eventos de maior porte, reforçando o caráter versátil e integrador do empreendimento

O setor de lazer e contemplação inclui sala de jogos e brinquedoteca, piscina com deck/solário, mirante, e jardins integrados ao entorno. Esses espaços são projetados para favorecer a imersão do hóspede na paisagem e na cultura local, promovendo descanso e atividades sensoriais. A arquitetura atua como mediadora entre natureza e vivência, em consonância com os princípios do turismo de experiência.

O setor técnico e de apoio compreende lavanderia, rouparia, vestiários para funcionários, depósitos diversos, reservatório técnico e sistema de resíduos orgânico e reciclável. A organização dessas áreas atende a critérios de funcionalidade, segurança e manutenção da operação da pousada, respeitando a hierarquia entre espaços de serviço e áreas sociais.

Complementarmente, o projeto conta com circulações internas, estacionamento, caminhos integrados ao paisagismo, pátio central e zonas de transição, que qualificam a ambiência e asseguram a legibilidade dos percursos. Essas áreas também reforçam o conceito de fluidez e contemplação, articulando diferentes setores por meio de soluções arquitetônicas e vegetais. Como mostra na tabela 06.

A escolha dos ambientes é justificada pela articulação entre função e experiência. A pousada não se limita a oferecer pernoite, mas propõe ao visitante uma estadia significativa, marcada por acolhimento, identidade e conforto. Os ambientes respondem às necessidades da região, preenchendo lacunas existentes na oferta de hospedagem e ampliando as possibilidades de inserção do município no circuito turístico. O público-alvo, formado por viajantes em busca de autenticidade, descanso e conexão com o local, é contemplado por um conjunto arquitetônico que favorece tanto o isolamento quanto o encontro, a introspecção e a interação.

O pré-dimensionamento dos espaços é definido com base em dados empíricos, observações em campo e recomendações técnicas extraídas de obras como “Hotel: Planejamento e Projeto” (Andrade, Brito e Jorge, 1999) e da legislação do Código de Obras de Currais Novos. Embora a pousada se configure como uma estrutura de menor porte e caráter intimista, os ambientes seguem critérios de proporção, acessibilidade e conforto ambiental, conforme orientações da ABNT NBR 9050 (acessibilidade), NBR 15575 (desempenho) e boas práticas do setor hoteleiro.

Tabela 06 - Programa de Necessidades e Pré-Dimensionamento

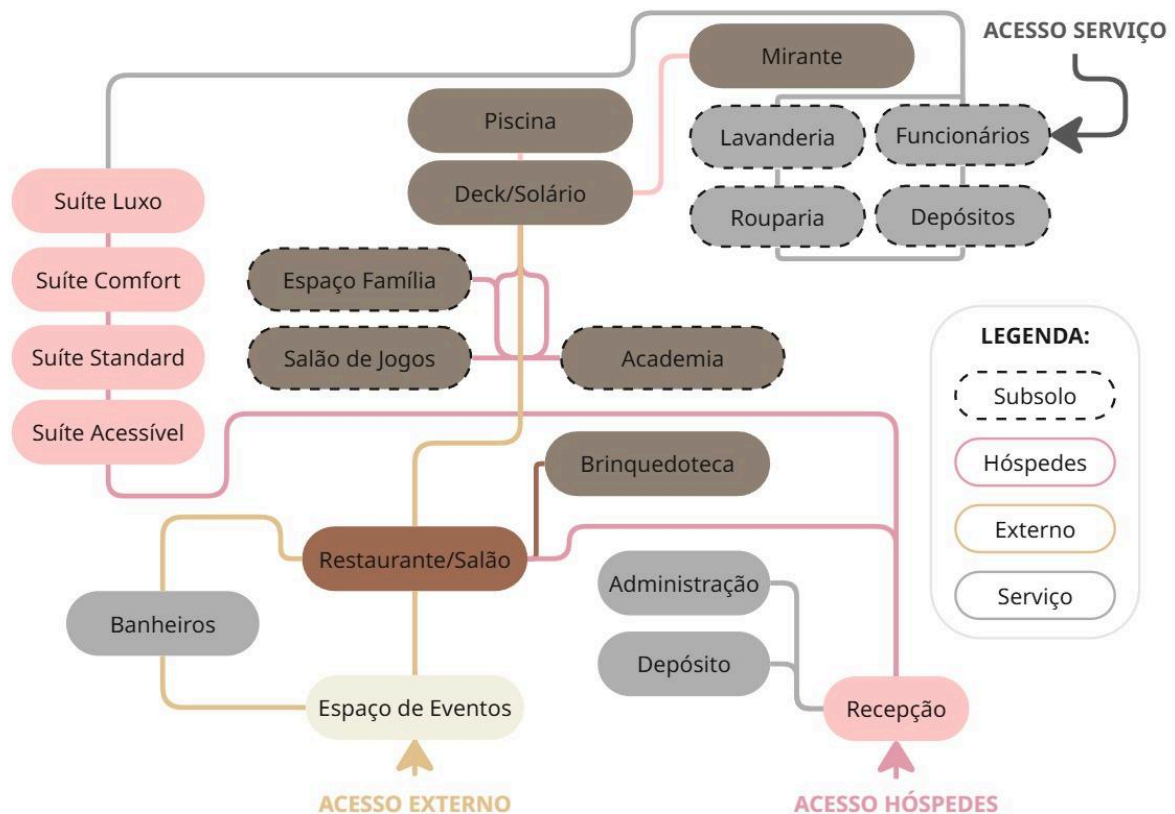
Setor	Ambiente	Quantidade	Área Unitária	Área Total
Acesso e Recepção	Recepção	1	25m ²	25m ²
	Sanitário PCD	1	4m ²	4m ²
	Administração	1	15m ²	15m ²
	Depósito de Malas	1	6m ²	6m ²
	Loja de Produtos Locais	1	5m ²	5m ²
Subtotal Acesso/Recepção: ~90-100m²				
Hospedagem	Quarto	6	25m ²	150m ²
	Suíte	4	30m ²	120m ²
	Apartamento (luxo)	2	40m ²	80m ²

Subtotal Hospedagem: ~410m²				
Restaurante	Restaurante/Salão	1	60m ²	60m ²
	Varanda Externa Coberta	1	30m ²	30m ²
	Cozinha industrial	1	35m ²	35m ²
	Despensa seca + geladeira	1	10m ²	10m ²
	Sanitários Funcionários (M/F + PCD)	1	8m ²	8m ²
Subtotal Restaurante: ~150m²				
Salão de Festas	Espaço de eventos	1	120-150m ²	120-150m ²
	Hall de apoio/foyer	1	20m ²	20m ²
	Sanitários (M/F + PCD)	3	4m ²	12-15m ²
	Copa de apoio	1	10-15m ²	10-15m ²
	Depósito	1	8-10m ²	8-10m ²
Subtotal Salão de Festas: ~170-200m²				
Lazer e Contemplação	Sala de Jogos/Brinquedoteca	1	30m ²	30m ²
	Piscina	1	50-60m ²	50-60m ²
	Solário/deck	1	20m ²	20m ²
	Mirante/passarelas	1	30m ²	30m ²
	Sanitários (M/F + PNE)	3	4m ²	12-15m ²
Subtotal Lazer e Contemplação: ~235-250m²				
Técnico e Apoio	Lavanderia	1	20m ²	20m ²
	Rouparia	1	10m ²	10m ²
	Depósitos	1	10m ²	10m ²
	Estacionamento (vagas)	13	12,50m ²	162,50m ²
	Vestiário funcionários	2	10m ²	20m ²
	Reservatório técnico (água/energia)	1	10m ²	10m ²
	Sistema de resíduos	1	10m ²	10m ²
Subtotal Apoio Técnico: ~390m²				
Externo	Caminhos internos/acesso	-	60m ²	60m ²
	Jardins integrados/paisagismo	-	100m ²	100m ²
	Pátio interno/prça central	-	50m ²	50m ²
Subtotal Circulações/Paisagem: ~210m²				
Total pré-dimensionamento: ~1.700m²				
Área do Terreno: 1.935,374m²				

Fonte: Elaborado pela autora, 2025

Em continuidade, a elaboração do fluxograma também constitui uma etapa fundamental no processo de concepção do projeto arquitetônico, especialmente em tipologias voltadas à hospitalidade, como a pousada boutique.

Figura 35 - Fluxograma



Fonte: Elaborado pela autora, 2025

Conforme apresentado na Figura 35, a estruturação funcional prioriza a autonomia das áreas de uso coletivo, como recepção, restaurante e áreas de convivência, ao mesmo tempo em que resguarda a privacidade das unidades habitacionais. Além disso, a setorização pensada a partir do organograma contribui para a racionalização das rotinas operacionais da equipe, reduzindo cruzamentos indesejados e garantindo a eficiência na manutenção, limpeza e atendimento.

A definição do programa funcional reforça a intenção de construir uma pousada que transcende a hospedagem convencional, sendo compreendida como uma ferramenta de valorização cultural, ativação econômica e promoção da identidade territorial. O projeto, ao mesmo tempo em que respeita normas e práticas da hotelaria, propõe uma nova leitura da arquitetura de hospedagem: menos genérica, mais afetiva e conectada ao lugar.

5.3.1. Dimensionamento de Armazenamento de Água

O dimensionamento do sistema de reservação de água da pousada foi definido com base nas demandas específicas do empreendimento, composto por treze unidades habitacionais, um restaurante e um salão de eventos para até 120 pessoas. O cálculo do volume necessário considerou o consumo médio por usuário, as variações sazonais e as recomendações da ABNT NBR 5626:2020, que orienta as boas práticas em instalações prediais de água fria.

Adotaram-se parâmetros de consumo compatíveis com edificações de hospedagem: 200 litros por unidade habitacional, 40 litros por cliente servido no restaurante, 100 litros por funcionário e 30 litros por pessoa em eventos, além de uma média de 1.500 litros diários para limpeza e irrigação. Com base nesses valores, estimou-se um consumo entre 8.000 e 10.000 litros em dias regulares, podendo chegar a 13.700 litros em eventos, o que, somado à reserva técnica de 20%, resulta em uma demanda próxima de 16.500 litros diários.

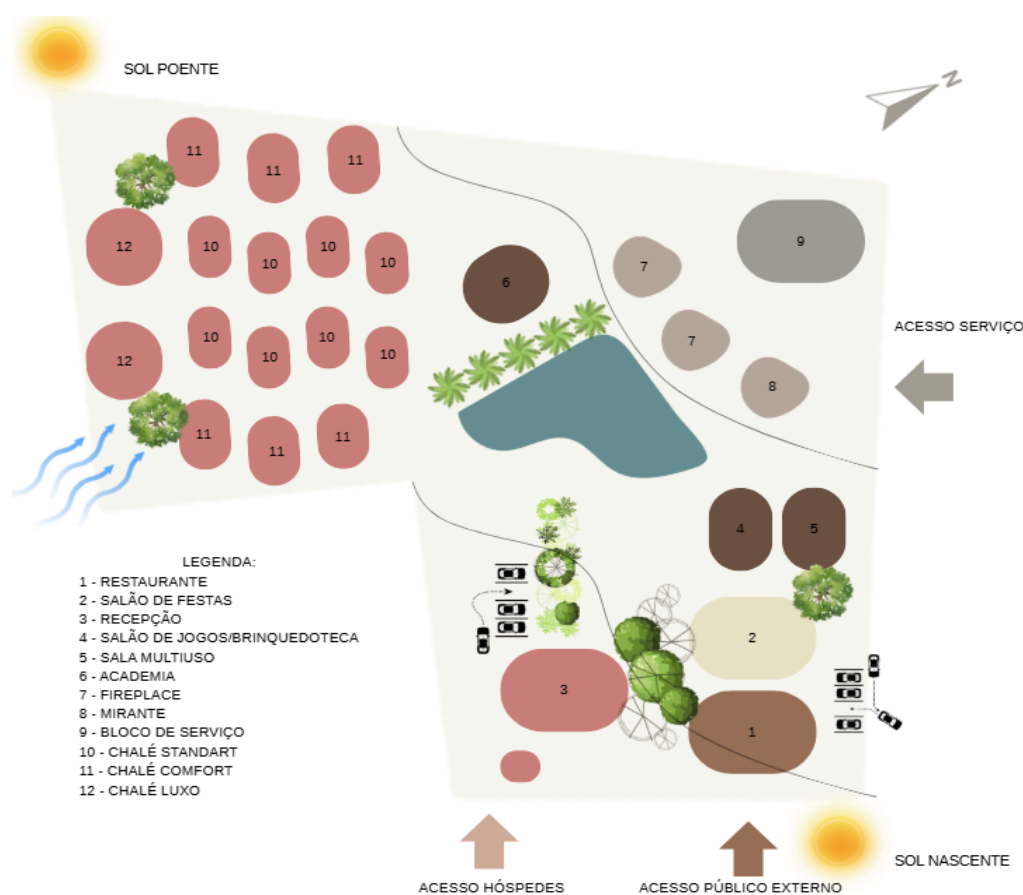
Considerando ainda a necessidade de reserva estratégica para dois dias, emergências e combate a incêndio, definiu-se um volume total de 30.000 litros, distribuídos em três caixas d'água de 10.000 litros cada. Essa solução modular proporciona flexibilidade de manutenção, melhor distribuição de cargas estruturais e segurança operacional, garantindo autonomia hídrica tanto em períodos de ocupação regular quanto em dias de alta demanda.

5.4. EVOLUÇÃO DA PROPOSTA

O desenvolvimento da proposta arquitetônica caracteriza-se como um processo criativo contínuo, em que cada decisão foi precedida de experimentação, análise e refinamento. A cada etapa, as escolhas projetuais foram testadas por meio de croquis, estudos volumétricos e modelagens digitais, permitindo visualizar de forma exequível as implicações espaciais, visuais e funcionais de cada alternativa. Esse processo iterativo possibilitou avaliar como os diferentes volumes poderiam dialogar entre si, como a luz natural penetraria nos ambientes internos e como a circulação seria organizada de maneira fluida, sempre em de acordo com o programa de necessidades, o terreno disponível e os princípios conceituais que orientam a pousada boutique.

Inicialmente, a concepção partiu da tentativa de distribuir pequenos blocos de forma térrea ao longo do lote. Essa primeira abordagem teve como objetivo primordial estabelecer uma leitura clara das proporções, do afastamento entre edificações e da relação entre áreas construídas e livres. A análise inicial (Figura 36) buscava uma solução mais fácil, entretanto, ao aprofundar a avaliação métrica e funcional, percebeu-se que a simplicidade da implantação não atendia plenamente à complexidade do programa. A disposição linear dos blocos, limitava a interação entre os diferentes ambientes e não explorava topografia natural do terreno.

Figura 36 - Croqui Inicial

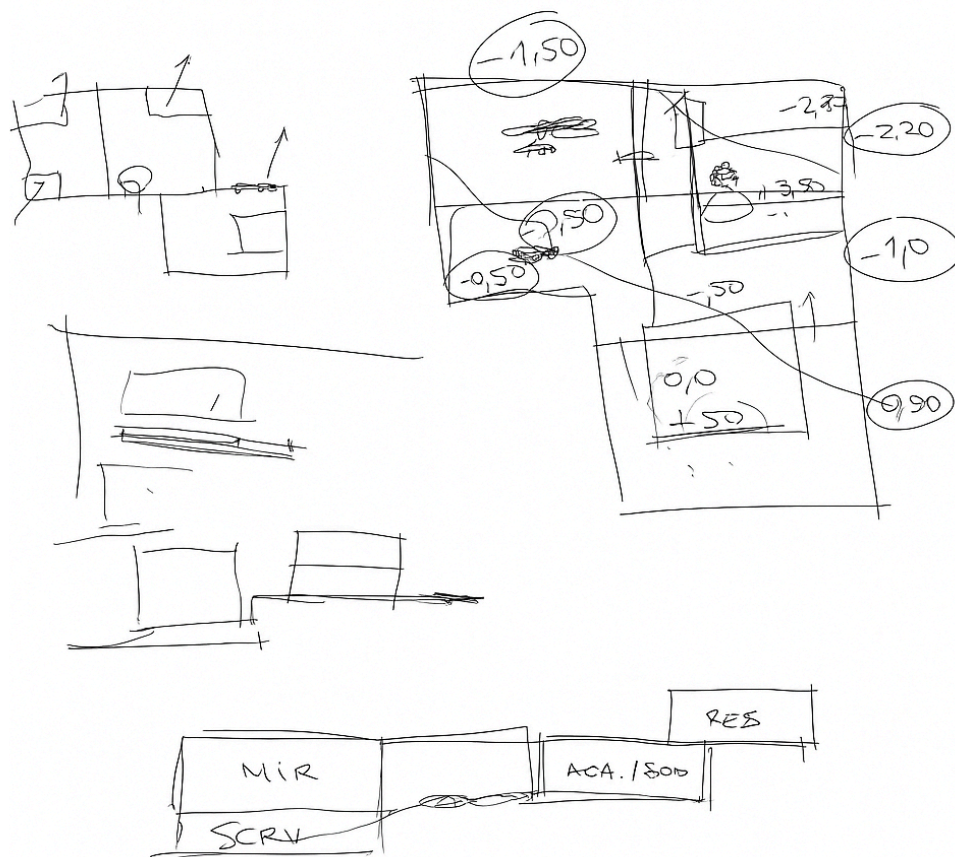


Fonte: Elaborado pela autora, 2025

Além disso, a uniformidade volumétrica reduzia as oportunidades de gerar pontos de interesse visual e espacial, limitando a capacidade de proporcionar experiências diferenciadas aos hóspedes, característica essencial de uma pousada boutique. Essa etapa inicial, portanto, evidenciou a necessidade de repensar a estratégia de implantação, incorporando critérios funcionais, sensoriais e conceituais, de modo a explorar de forma mais rica as potencialidades do terreno e a qualidade da experiência do usuário.

A presença de um desnível de aproximadamente 2,20 metros em uma das extremidades do lote, inicialmente percebido como desafio, revelou-se uma oportunidade de qualificação projetual. A partir dessa leitura, o partido arquitetônico passou a incorporar o estudo topográfico como elemento ativo na implantação, permitindo a criação de diferentes níveis que acomodam os usos de maneira mais harmoniosa e integrada à paisagem (Figura 37), dessa forma, esse recurso possibilitou ainda a valorização de vistas, e espaços externos com hierarquia e intimidade variadas.

Figura 37 - Croqui de Análise da Topografia



Fonte: Elaboração conjunta da autora com a Prof.^a Débora Florêncio, 2025.

A projeção detalhada envolveu, então, a definição de eixos de circulação, áreas de convívio e pontos de contato entre interior e exterior, sempre com atenção à funcionalidade e à estética. Cada bloco foi ajustado em planta considerando insolação, ventilação cruzada, acessos e privacidade dos hóspedes. A adoção dos níveis intermediários e da topografia como recurso arquitetônico também exigiu soluções projetuais para garantir a acessibilidade universal em todos os percursos

internos, equilibrando conforto, segurança e inclusão sem comprometer a linguagem estética do projeto.

Desse processo iterativo de experimentação, avaliação e ajuste, emerge um partido arquitetônico mais consistente, que alia a funcionalidade do programa às condições específicas do terreno, evidenciando a importância do desenho como instrumento investigativo. O projeto final demonstra como a projeção cuidadosa, guiada por critérios técnicos e conceituais, permite testar, adaptar e aperfeiçoar soluções até alcançar um resultado que harmonize estética, técnica, funcionalidade e experiência do usuário (Figura 38).

Figura 38 - Croqui Final



Fonte: Autoral, 2025

O desenvolvimento da proposta arquitetônica, portanto, revela a relevância de um processo projetual consciente e sistemático, em que cada decisão é sustentada por análises críticas e experimentações práticas, consolidando uma solução coerente, integrada ao contexto e capaz de oferecer uma experiência memorável aos hóspedes.

5.5. O PROJETO: A POUSADA BOUTIQUE

Após a etapa de fundamentação teórica, análise de referências e levantamento dos condicionantes locais e diretrizes, este capítulo apresenta a expressão arquitetônica da proposta. O projeto da Manga Rosa Pousada Boutique traduz em forma, função e experiência os conceitos anteriormente discutidos, consolidando-se como resposta prática às demandas do turismo de vivência no Seridó. A descrição que se segue evidencia como diretrizes conceituais, estratégias de conforto ambiental, escolhas materiais e soluções espaciais convergiram em uma proposta integrada, que busca conciliar identidade regional, inovação arquitetônica e hospitalidade de alto padrão.

5.5.1. Volumetria e Forma

A volumetria e a forma da edificação foram estrategicamente desenhadas para minimizar o impacto visual e se integrar à topografia em declive do lote. Em vez de uma imponente verticalização, a arquitetura se "deita" no terreno, permitindo que a própria paisagem e a vegetação nativa da Caatinga se tornem elementos dominantes na composição. Essa decisão estética cria uma escala mais humana e intimista, alinhada à proposta de uma pousada boutique.

Além disso, a composição volumétrica buscou equilibrar leveza e materialidade, alternando cheios e vazios que favorecem a ventilação cruzada e a iluminação natural. Os volumes se articulam de forma orgânica, revelando-se gradualmente conforme o visitante percorre o terreno, uma experiência arquitetônica que valoriza a descoberta e o percurso.

A escolha por coberturas inclinadas e planos horizontais acompanha o movimento natural da encosta, enquanto os recuos, beirais e varandas ampliam a interação com o entorno e projetam sombras que atenuam a incidência solar direta. Assim, a volumetria deixa de ser apenas um resultado formal e se transforma em uma resposta sensível ao clima, à paisagem e ao modo de habitar proposto pela pousada.

Figura 39 - Volumetria

Fonte: Autoral, 2025.

As decisões de forma e volumetria foram intrinsecamente ligadas à funcionalidade. Ao seguir as curvas de nível, o projeto criou diferentes patamares e níveis que foram aproveitados para setorizar as áreas e garantir a privacidade. A transição entre os volumes é fluida, conectada por passarelas e jardins que reforçam a sensação de continuidade entre o interior e o exterior. Essa abordagem não apenas responde a uma necessidade estética de integração, mas também a uma decisão funcional de otimização dos fluxos e acessos.

5.5.2. Planta Baixa e Organização Funcional

No caso da pousada, o plano de disposição (Figura 40) reflete a síntese das decisões de implantação, setorização e hierarquia de fluxos, traduzindo o conceito de arquitetura como vetor de experiência em um arranjo espacial coeso e eficiente. A disposição dos ambientes no terreno, que apresenta um formato assimétrico, foi

meticulosamente planejada para otimizar as relações entre as diferentes áreas, garantindo privacidade, fluidez e valorização das visuais.

Figura 40 - Implantação



Fonte: Autoral, 2025.

A organização dos espaços foi estruturada em uma clara setorização que separa as áreas públicas, privativas e de serviço, um princípio fundamental no planejamento de empreendimentos hoteleiros de alto padrão. As áreas sociais e de lazer, como a recepção, o restaurante, o salão de eventos e a piscina, estão concentradas na porção mais ampla do terreno. Essa alocação estratégica não apenas facilita o acesso do público externo, como também posiciona o restaurante e o salão de festas na parte mais elevada do lote, garantindo a vista de 180° da serra, conforme ilustrado no projeto. As circulações nesses espaços foram dimensionadas para acomodar um fluxo maior de pessoas, promovendo encontros e interações sem comprometer a fluidez.

Por outro lado, as áreas privativas, destinadas à hospedagem, estão situadas na porção mais reservada e de menor extensão do terreno. Essa decisão

minimiza a interferência dos fluxos públicos no espaço de descanso dos hóspedes, reforçando o caráter intimista da pousada. A implantação das unidades habitacionais foi pensada para que cada quarto se beneficie de sua própria vista, seja através dos taludes criados para as unidades com visual para a serra, ou pela conexão com os jardins internos, garantindo uma experiência de contemplação e privacidade em todas as opções de acomodação.

5.5.2.1. Acessos e Estacionamento

Os acessos da pousada foram organizados de modo a garantir a eficiência dos fluxos internos e a preservação da privacidade dos usuários. O acesso principal, destinado aos hóspedes, localiza-se na fachada frontal, à direita, enquanto o público externo é direcionado ao lado esquerdo da mesma fachada. Já o setor de serviços possui entrada independente, situada ao final da fachada lateral, permitindo o funcionamento operacional sem interferir nas áreas de uso social.

O estacionamento foi implantado nos recuos do terreno, com acesso direto pela via pública, otimizando a ocupação do lote e atendendo às exigências do Código de Obras condicionante. Considerando o parâmetro de uma vaga a cada 150 m² de área construída, foram previstas 13 vagas para automóveis e 2 para motocicletas. Em conformidade com a resolução nº 965/2022 do CONTRAN, que determina a reserva de 2% das vagas para pessoas com deficiência e 5% para idosos, foram destinadas 1 vaga acessível e 1 vagas para idosos, posicionadas próximas aos acessos da recepção e do restaurante, assegurando conforto e acessibilidade.

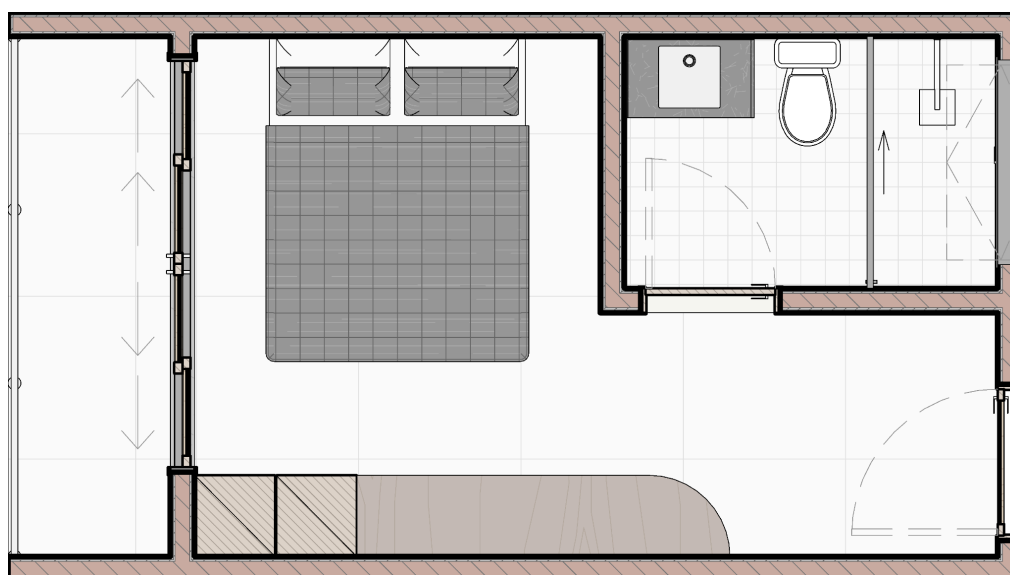
5.5.2.2. Unidades Habitacionais

A pousada foi concebida com uma diversidade de unidades habitacionais, categorizadas em standard, comfort e luxo, para atender a um espectro variado de experiências e acessibilidade financeira. As unidades standard são posicionadas para otimizar o encaixe no terreno, oferecendo um contato direto com o paisagismo do pátio interno. Já as unidades comfort e luxo foram implantadas de forma a valorizar a vista e a privacidade, com taludes que garantem uma experiência visual mais exclusiva da serra. Essa hierarquia de acomodações, que se reflete em suas características e localização no terreno, permite que o projeto seja, ao mesmo tempo, um espaço de alto padrão e uma opção viável para diferentes perfis de

público, reforçando a proposta de alavancar o turismo de experiência na região de forma abrangente.

A princípio, as unidades *standard* são projetadas para oferecer uma opção de hospedagem com bom custo-benefício, equilibrando praticidade e conforto (Figura 41). Com dimensão adequada e mobiliário essencial, garantem funcionalidade e bem-estar sem abrir mão da qualidade espacial. Sua implantação junto ao pátio interno favorece a integração com a área comum e proporciona um ambiente acolhedor, voltado a estadias mais objetivas e acessíveis.

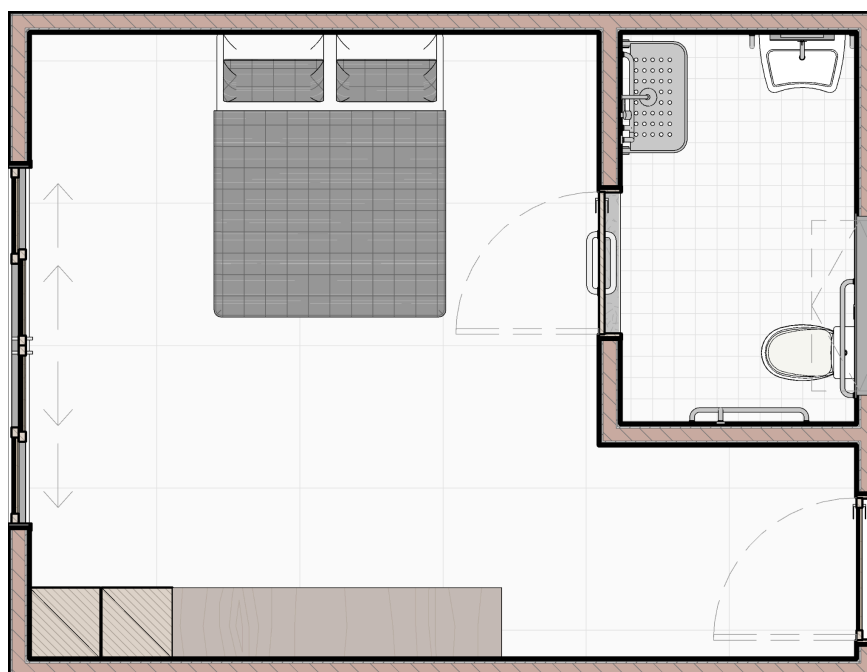
Figura 41 - Planta Baixa - Unidade Standard



Fonte: Autoral, 2025.

Também foi incorporada uma unidade habitacional *standard* acessível (Figura 42), projetada em conformidade com as diretrizes da NBR 9050, assegurando condições adequadas de circulação, uso e conforto para pessoas com mobilidade reduzida. A adaptação contempla dimensões ampliadas, áreas de manobra e mobiliário ajustado, sem comprometer a estética ou a funcionalidade do ambiente. Dessa forma, mantém-se o mesmo padrão de qualidade e acolhimento presente nas demais unidades, reforçando o compromisso do projeto com a acessibilidade universal e a inclusão social.

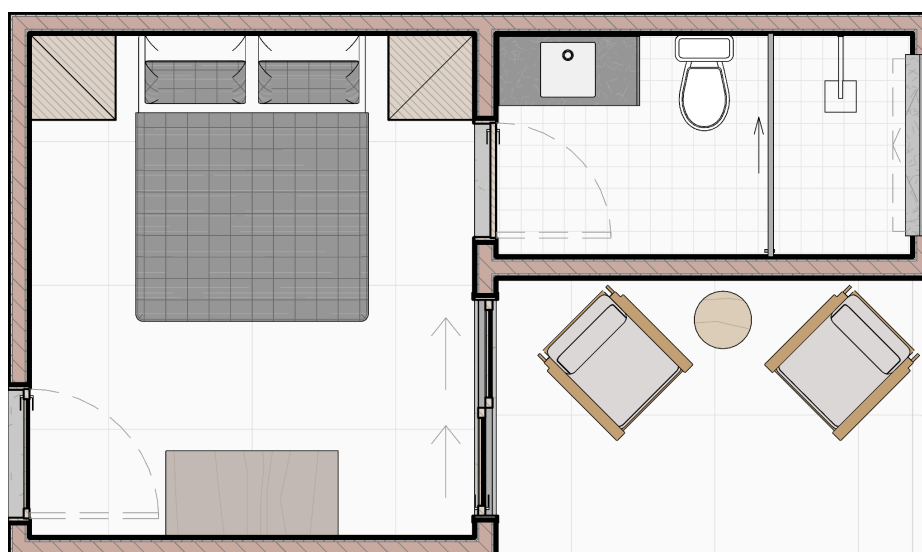
Figura 42 - Planta Baixa - Unidade Standard Acessível



Fonte: Autoral, 2025.

Em seguida, as unidades *comfort* respondem a um público que busca maior exclusividade e comodidade (Figura 43). Com áreas internas mais amplas, varanda privativa e vista privilegiada para a paisagem natural, oferecem uma experiência diferenciada em relação ao padrão standard. Essa tipologia alia privacidade e sofisticação em escala intermediária, representando um equilíbrio entre a funcionalidade prática e a valorização do lazer contemplativo.

Figura 43 - Planta Baixa - Unidade Comfort



Fonte: Autoral, 2025.

Por fim, as unidades *luxo* configuram-se como experiências completas de hospedagem (Figura 44). Além da generosidade espacial, dispõem de sala de banho, banheira com acesso ao exterior, home office, áreas de armazenamento e uma ambientação cuidadosamente planejada. Posicionadas em pontos estratégicos do terreno, asseguram a máxima privacidade e exploram o potencial cênico da serra, oferecendo uma vivência imersiva que ultrapassa o caráter de acomodação, consolidando-se como elemento de prestígio e diferenciação do empreendimento.

Figura 44 - Planta Baixa - Unidade Luxo



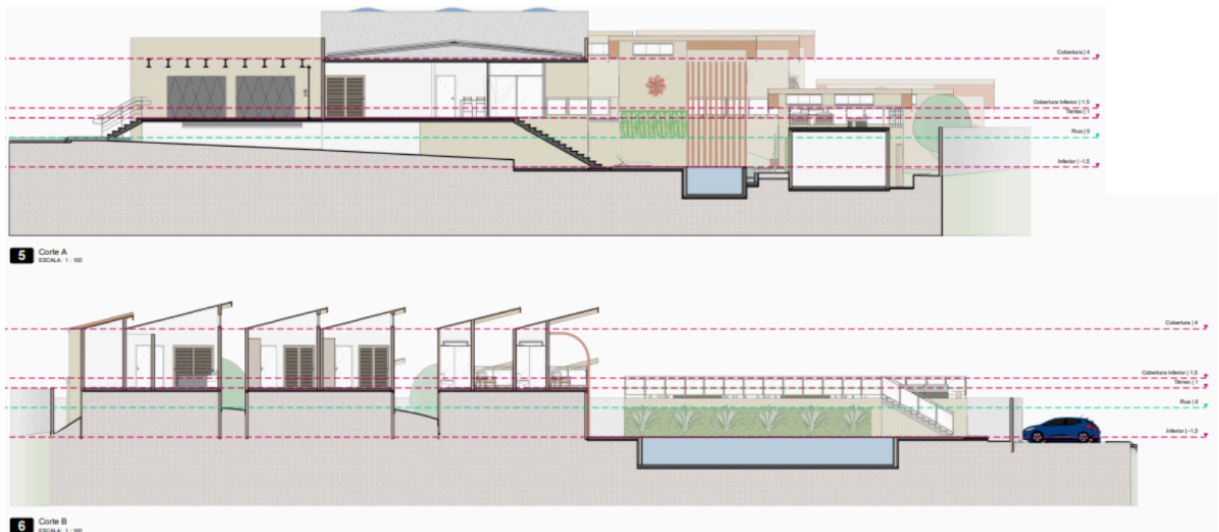
Fonte: Autoral, 2025.

A hierarquia de ambientes e as relações funcionais são evidenciadas pela clareza dos fluxos. A entrada principal leva o hóspede diretamente à recepção e às áreas sociais, enquanto a entrada de serviço, isolada no final do terreno, permite a circulação de funcionários e o acesso a áreas como a cozinha, a lavanderia e o depósito, sem que esses fluxos cruzem com as áreas destinadas ao público. Essa separação é vital para a eficiência operacional do hotel.

5.5.3. Cortes e Elevações

A compreensão da espacialidade, volumetria e expressão estética da proposta é possibilitada por meio de cortes e elevações, representações fundamentais para comunicar as intenções de projeto. No caso da pousada Manga Rosa, os desenhos técnicos (Figura 45) traduzem as intenções conceituais em uma forma tangível, demonstrando a integração da arquitetura com a topografia do terreno.

Figura 45 - Cortes AA e BB



Fonte: Autoral, 2025.

Essas sessões expõem a complexa relação entre os diferentes patamares criados pela implantação em declive. Através deles, é possível visualizar a variação de pé-direito dos ambientes, uma escolha deliberada para adequar a escala de cada espaço à sua função. As elevações principais apresentam a fachada como a face pública do projeto, mostrando a materialidade e as proporções que definem sua linguagem rústico-contemporânea (Figura 44). Nessas vistas, o uso aparente de pedras regionais e a textura do reboco de cor clara se torna evidente, articulando texturas e cores que remetem à natureza.

Figura 46 - Fachada Frontal



Fonte: Autoral, 2025.

As áreas sociais, como o restaurante e o salão de festas, beneficiam-se da localização no ponto mais alto do terreno, promovendo a sensação de grandiosidade e otimizando a ventilação.

Figura 47 - Fachada Frontal - Recepção



Fonte: Autoral, 2025.

Figura 48 - Fachada Frontal - Salão de Festas



Fonte: Autoral, 2025.

5.5.4. Detalhes e Perspectivas

Após as etapas de análise, implantação e representação técnica, o projeto alcança sua expressão plena na apresentação de detalhes construtivos e perspectivas, consolidando a leitura do conjunto arquitetônico. Essas imagens 3D (Figura 47) constituem a síntese visual de todas as decisões projetuais, permitindo a compreensão da experiência espacial e da atmosfera que a pousada Manga Rosa pretende proporcionar. Nesses cenários virtuais, é possível observar como cada material, acabamento, elemento de iluminação e mobiliário foi escolhido para reforçar o conceito arquitetônico e a identidade da proposta.

As perspectivas externas revelam a materialidade e as proporções da edificação em sua relação com a paisagem do Seridó. A linguagem rústico-contemporânea, defendida em capítulos anteriores, manifesta-se no uso aparente de pedras regionais e na textura do cimento queimado, contrastando com as linhas retas e limpas dos volumes.

Figura 49 - Vista do Restaurante



Fonte: Autoral, 2025.

Figura 50 - Vista da Piscina



Fonte: Autoral, 2025.

Figura 51 - Vista do Mirante



Fonte: Autoral, 2025.

No interior, as perspectivas internas destacam a combinação de acabamentos e mobiliário que criam uma atmosfera de acolhimento e sofisticação discreta. A paleta de cores, inspirada no conceito Manga Rosa, é sutilmente aplicada em elementos de decoração e revestimentos, enquanto a presença de madeiras e fibras naturais nas esquadrias e no mobiliário evoca a rusticidade de forma elegante. A iluminação, tanto natural quanto artificial, foi projetada para realçar texturas e criar diferentes ambientes. Durante o dia, a luz natural inunda os espaços, conectando o interior ao exterior. À noite, a iluminação artificial pontual cria um ambiente intimista e contemplativo, reforçando o caráter de refúgio da pousada.

Figura 52 - Vista Externa das Unidades Habitacionais



Fonte: Autoral, 2025.

Em síntese, cada escolha de acabamento, a seleção do mobiliário, o paisagismo e o design da iluminação são elementos que reforçam a narrativa do projeto. Eles traduzem o conceito da Manga Rosa em uma experiência sensorial e visual, evidenciando que a arquitetura, em sua minúcia, é capaz de criar uma conexão profunda entre o hóspede e a edificação.

5.6. MEMORIAL DESCRITIVO

Este memorial descritivo tem como finalidade documentar, complementar e justificar as escolhas técnicas, conceituais e materiais do projeto arquitetônico da Pousada Boutique Manga Rosa. O documento visa legitimar as soluções projetuais adotadas, garantindo uma compreensão clara das diretrizes que orientaram a concepção da edificação, desde a macroescala da implantação até os micro detalhes de acabamento, consolidando a coerência entre a teoria e a prática.

Tabela 07 - Memorial Descritivo

Dados Gerais do Projeto	
Localização	R. Pref. Cirilo Alves, s/n, São Vicente, Rio Grande do Norte, Brasil.
Características do terreno	6 vértices, fachada frontal com 27,17m por lateral de 43,91 m, área total de 1.935,37m ² , topografia com declive final em 2,20m, pouca massa vegetal, região com baixa densidade populacional.
Uso e finalidade	Pousada Boutique com foco em arquitetura de experiência.
Setorização	
Hospedagem	13 unidades habitacionais sendo elas 6 unidades tipo standard - 19,52m ² 4 unidades tipo comfort - 22,28m ² 2 unidades tipo luxo - 36,81m ² 1 unidade acessível - 25,43m ²
Área de uso comum	Recepção (38,70m ²), Salão de Festas (93,01m ²), Restaurante (125,61m ²), Varanda (48,57m ²), Brinquedoteca (12,13m ²), Academia (54,23m ²), Sala de jogos (53,32m ²), Espaço Família (6,40m ²), Piscina (171,57m ²), Área externa (515,26m ²), Mirante (74,44m ²)
Área técnicas e de serviço	Cozinha Industrial (29,37m ²), Estoque (8,70m ²), Banheiros (23,76m ²), Administração (6,00m ²), Depósitos (15,89m ²), Lavanderia (14,89m ²), Repouso Funcionários (11,95m ²), Copa (4,80m ²), Rouparia (4,90m ²), DML (2,17m ²).
Materiais e Sistemas Construtivos	
Estrutura	Concreto armado, alvenaria de vedação em adobe, estruturas metálicas leves, laje cogumelo aparente e madeira.
Cobertura	Bloco restaurante/salão de festas: telha termoacústica sobre estrutura metálica. Unidades habitacionais: estrutura de madeira e telhado colonial.
Revestimentos	Interno: porcelanato cimentício Externo: cimento queimado liso. Fachadas: pedra moledo aparente e reboco baiano. Ambientes internos: adobe aparente e pintura simples.
Esquadrias	Portas externas: madeira maciça com veneziana. Portas internas: madeira maciça lisa. Janelas: vidro com desempenho energético

Sustentabilidade	Reaproveitamento de águas pluviais. Uso de energia solar. Técnicas passivas de climatização. Separação de resíduos (orgânico e reciclável).
Paisagismo	
Plantas rasteiras e de forração	Cacto mandacaru (<i>Cereus jamacaru</i>) Cacto palma (<i>Opuntia cochenillifera</i>) Bougainville (<i>Bougainvillea spectabilis</i>) Espada-de-São-Jorge (<i>Sansevieria trifasciata</i>) Alpínia vermelha (<i>Alpinia purpurata</i>) Costela-de-adão (<i>Monstera deliciosa</i>)
Plantas de preenchimento	Cacto mandacaru (<i>Cereus jamacaru</i>) Cacto palma (<i>Opuntia cochenillifera</i>) Bougainville (<i>Bougainvillea spectabilis</i>) Espada-de-São-Jorge (<i>Sansevieria trifasciata</i>) Alpínia vermelha (<i>Alpinia purpurata</i>) Costela-de-adão (<i>Monstera deliciosa</i>)
Plantas de sombreamento	Mangueira rosa (<i>Mangifera indica</i> var. <i>rosa</i>) Bananeira ornamental alta (<i>Musa paradisiaca</i>) Bougainville em pergolado (<i>Bougainvillea spectabilis</i>) Palmeira-ráfia (<i>Rhapis excelsa</i>) Ipê-rosa (<i>Handroanthus impetiginosus</i>) Oiti (<i>Licania tomentosa</i>)
Soluções de Conforto Ambiental	
Ventilação cruzada	Aberturas estrategicamente orientadas ao sudeste para aproveitar ventos alísios.
Sombreamento	Uso de varandas, ambientes de baixo fluxo, e vegetação de grande porte nas fachadas poentes.
Iluminação natural	Aberturas moduladas para entrada de luz difusa, evitando ofuscamento.
Inércia térmica	Paredes em adobe e pedra, garantindo estabilidade térmica entre dia e noite.
Isolamento acústico	Afastamento das áreas sociais em relação às unidades habitacionais, além de paredes maciças em alvenaria de alta densidade.

Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso desenvolvido ao longo deste trabalho permitiu consolidar bases teóricas, metodológicas e projetuais consistentes para a concepção da Manga Rosa Pousada Boutique, reafirmando a relevância da arquitetura de hospedagem enquanto mediadora entre o visitante e o território. A investigação possibilitou compreender de forma aprofundada as demandas técnicas, culturais e ambientais envolvidas, resultando em um projeto que responde à questão norteadora proposta na introdução: de que forma a arquitetura pode potencializar o turismo de experiência em São Vicente.

Os estudos realizados demonstraram que a articulação entre princípios vernaculares e estratégias contemporâneas constitui o caminho para uma arquitetura sensível ao contexto. As análises bioclimáticas, a seleção de materiais adequados ao semiárido e a incorporação de conceitos de neuroarquitetura foram determinantes para qualificar a experiência do usuário e garantir conforto ambiental. Paralelamente, a escolha do terreno e sua relação com o contexto da região confirmaram-se como elementos fundamentais para a integração da pousada à paisagem, reforçando vínculos com a identidade local.

Mais do que atender a requisitos técnicos e estéticos, a proposta assume caráter social, cultural e econômico, ao promover o turismo de vivência como vetor de desenvolvimento regional, incentivando a valorização da cultura local e abrindo possibilidades para a economia criativa no Seridó potiguar. A pousada, portanto, se consolida como um espaço de acolhimento qualificado e, ao mesmo tempo, de pertencimento territorial, traduzindo a essência da hospitalidade integrada à paisagem e à memória do lugar.

Conclui-se, assim, que o projeto alcança plenamente os objetivos propostos, configurando-se como contribuição significativa para o debate acadêmico e para a prática profissional no campo da Arquitetura e Urbanismo. A Manga Rosa Pousada Boutique representa a materialização de um percurso que alia teoria e prática, técnica e sensibilidade, reafirmando o papel da arquitetura como agente de transformação, identidade, experiência e pertencimento.

7. REFERÊNCIAS

AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA. 216: **Regulamento Técnico de Boas Práticas para Serviços de Alimentação**. Brasil: Ministério da Saúde, 2004.

ALVES, Lucas Silva; CELASCHI, Carolina Menzel. **A neuroarquitetura e a investigação do caráter terapêutico do espaço**. *Oculum Ensaio*, [S. l.], v. 21, p. 1–17, 2024. DOI: 10.24220/2318-0919v21e2024a5412. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/oculum/article/view/5412>. Acesso em: 27 abr. 2025.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 15401: **Meios de hospedagem — Sistema de gestão da sustentabilidade — Requisitos**. Rio de Janeiro, 2006. 22 p.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 9050: **Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos**. 4 ed. Rio de Janeiro: Moderna, 2021. 147 p.

BRANCO, Rachel de Paula Canedo. **O Futuro da Hospitalidade: Impactos dos Modelos Disruptivos de Hospedagem no Mercado Tradicional/The Future of Hospitality: Impacts of Disruptive Hospitality Models in the Traditional Market**. *Revista Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade*, v. 11, n. 4, 2019.

CORPO DE BOMBEIROS MILITAR. INSTRUÇÃO TÉCNICA N° 02/2022: **Conceitos Básicos de Segurança contra Incêndio**. Natal: RN, 2022. 36 p.

DALL'AGNOL, Natália Sophia Costa; MASSUKADO NAKATANI, Marcia Shizue. **Hotel Boutique: Apontamentos sobre Conceitos e Características / Boutique Hotel: Notes about Concepts and Characteristics**. *Revista Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade*, [S. l.], v. 10, n. 3, 2018. Disponível em: <https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/5315>. Acesso em: 19 abr. 2025.

GIVONI, Baruch. **Passive and Low Energy Cooling of Buildings**. New York: Van Nostrand Reinhold, 1992.

FATHY, Hassan. **Architecture for the Poor: an experiment in rural Egypt**. Chicago: University of Chicago Press, 1986.

MARI, Angélica. **Rumo Futuro: sobre experiências de viagem fora da curva**. Forbes, maio de 2024. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-collab/2024/05/rumo-futurosobre-experiencias-de-viagem-fora-da-curva/>. Acesso em: 25 mai. 2025.

MOREIRA, Susanna. **Pousada Maria Flor / Solo Arquitetos + PRISCILA MULLER, Studio Arquitetura e Design**. 2021. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/1013770/pousada-maria-flor-solo-arquitetos-plus-priscila-muller-studio-arquitetura-e-design?ad_source=search&ad_medium=projects_tab. Acesso em: 06 abr. 2025.

PACHECO, Giovani Hudson Silva. **Determinação de Recomendações Bioclimáticas Para Habitação de Interesse Social de Quatro Climas do Rio Grande do Norte**. 2016. 129 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e

Urbanismo, Centro de Tecnologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/server/api/core/bitstreams/0e62d291-7a4f-49b6-a792-73493303cb90/content#page96>. Acesso em: 26 maio 2025.

PARC: Pesquisa em Arquitetura e Construção. **Influência da envoltória no desempenho termo energético de edificações institucionais no semiárido.**, Campinas, v. 8, n. 4, p. 356-368, dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/parc/article/view/8651048>. Acesso em: 15 set. 2025.

PEREIRA, Matheus. **Salão de Festas Damiani / ES Arquitetura**. 2018. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/952479/salao-de-festas-damiani-es-arquitetura?ad_source=search&ad_medium=projects_tab. Acesso em: 05 abr. 2025.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURRAIS NOVOS. LEI COMPLEMENTAR N° 09: **Plano Diretor Estratégico do Município de Currais Novos / RN**. Currais Novos: 2012. 75 p.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURRAIS NOVOS. LEI N° 860/79: **Código de Obras**. Currais Novos: 2006. 96 p.

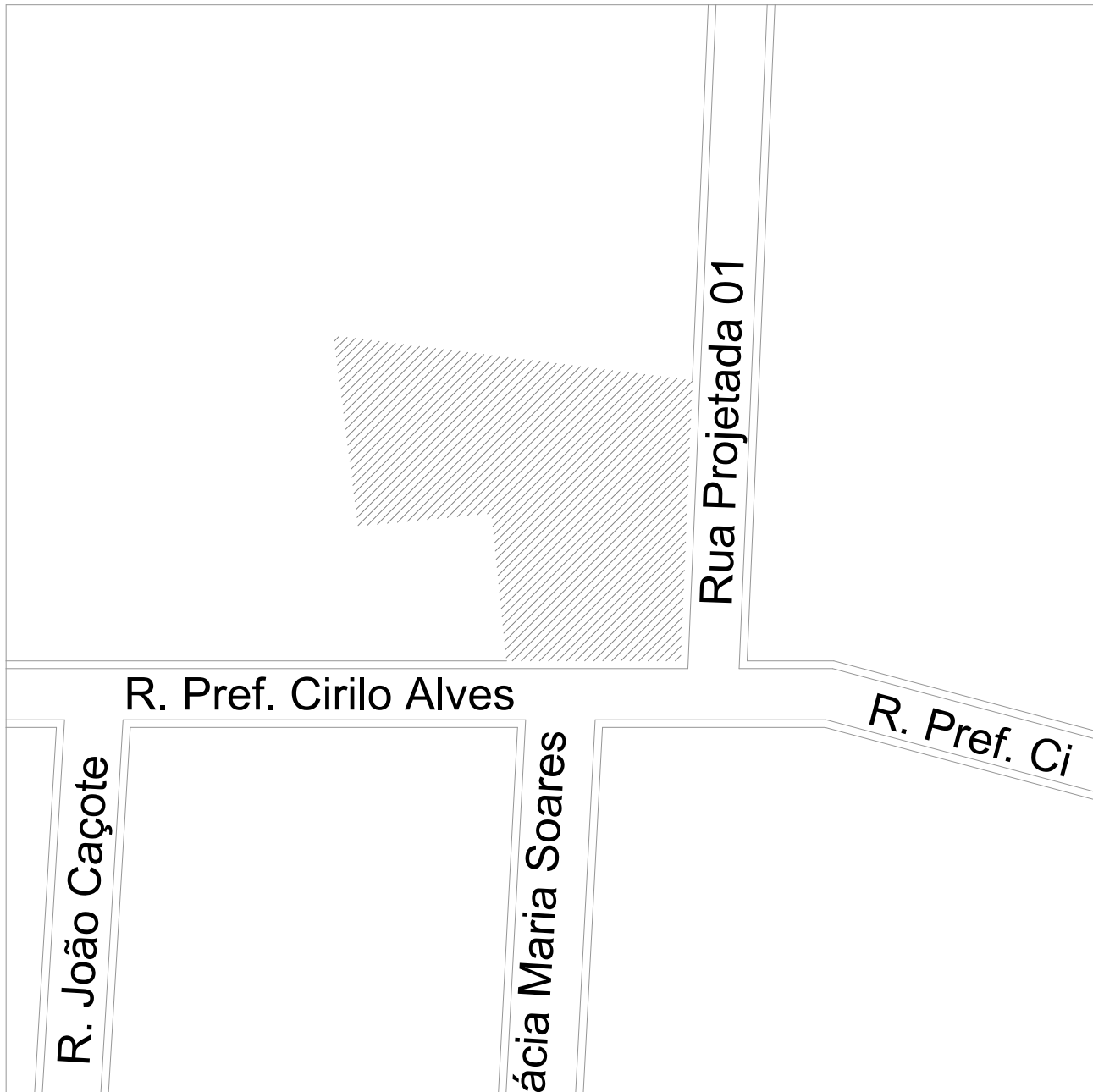
SANTOS, Gustavo et al. **Neutrality may matter: sentiment analysis in reviews of Airbnb, Booking, and Couchsurfing in Brazil and USA**. *Social Network Analysis and Mining*, v. 10, p. 1-13, 2020.

SILVA, Sheila Ramos da. **A índia, o santo e as almas: narrativas sobre a cidade de São Vicente (RN)**. 2018. 111f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

SOUZA, Anna Flavia Nascimento; LEITE, Maria de Jesus de Britto. **Arquitetura e Psicologia Ambiental**. In: UIA 2021 RIO: 27TH WORLD CONGRESS OF ARCHITECTS, 27., 2021, Rio de Janeiro. *Papers*. Recife: Uia, 2021. v. 3, p. 1679-1683. Disponível em: <https://www.acsa-arch.org/proceedings/International%20Proceedings/ACSA.Intl.2021/ACSA.Intl.2021.302.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2025.

ZOGHI HOSEINI, E.; DIBA, D.; KAMELNIA, H.; MOKHTABAD, M. **New Trends in Critical Regionalism through the Lens of Tzonis and Lefaire**. *Creative City Design*, 1(2), p. 1-6, 2018. Disponível em: <https://oiccpres.com/crcd/article/view/7594>





2 Situação
ESCALA: 1:1000

QUADRO DE PRESCRIÇÕES

TERRENO	
CIDADE	São Vicente
ÁREA DO LOTE	1.987,53 m²
DIMENSÕES DO LOTE	27,18m x 23,13m x 20,94m x 29,97m x 56,48m x 43,87m
ÁREA CONSTRUÍDA	1131,090 m²
PARÂMETROS URBANOS	
ÁREA DO LOTE	1.987,53 m²
RECUE FRONTAL	3,00 m
RECUE LATERAL DIREITA	1,50 m
RECUE LATERAL ESQUERDA	1,50 m
RECUE FUNDOS	1,50 m
ÁREA DA COBERTURA	969,65 m²
ÁREA DA PERMEÁVEL	515,260 m²
COEFICIENTE DE APROVEITAMENTO	1,05
TAXA DE OCUPAÇÃO	48,79%
TAXA DE PERMEABILIZAÇÃO	25,91%



CENTRO UNIVERSITÁRIO DO RIO GRANDE DO NORTE
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PRANCHA

01/04

TÍTULO DO TRABALHO:

MANGA ROSA: ANTEPROJETO DE UMA POUSADA BOUTIQUE

CONTEÚDO

Situação, Implantação /
Cobertura e Quadro de
Prescrições

ENDEREÇO R. Pref. Cirilo Alves, 246-290, São Vicente - RN, 59340-000

DISCENTE Clayse Stiefany Medeiros Dantas

DATA 17/11/2025

ORIENTADOR(A) Débora Nogueira Pinto Florêncio

ÁREA DO TERRENO 1.987,53 m²

ÁREA CONSTRUÍDA 1.131,09 m²
TAXA DE OCUPAÇÃO 48,79%

ÁREA DE COBERTURA 969,65 m²
ÁREA PERMEÁVEL 515,26 m²

REVISÃO: 01

ESCALA Como indicada

1 Implantação / Cobertura
ESCALA: 1:100



1 Planta de Pavimento Térreo
ESCALA: 1 : 100



2 Planta de Rota Acessível Terreo
ESCALA: 1 : 250

ESQUADRIAS / PORTAS					
INDICADOR	UND.	DIMENSÕES (cm)		MODELO	DESCRIÇÃO
		LARGURA	ALTURA		
DB 2	1	0,9	2,7	Dobradilha	Estrutura em alumínio preto e folha em alumínio preto e vidro
P01	4	1,27	2,1	Camarão	Folhas em alumínio preto e vidro
P02	10	1	2,1	Dobradilha	Porta em madeira, 1 folha, acessível
P03	1	1,2	2,1	Dobradilha	Estrutura em alumínio preto e 2 folhas em alumínio preto e vidro
P04	1	3	2,1	Deslizante	Estrutura em alumínio preto e folha em alumínio preto e vidro
P05	5	3	2,1	Camarão	PORTA CAMARÃO FOLHA VIDRO COM MOLDURA ABERTURA CENTRAL
P06	2	0,6	2,1	Pivotante	Estrutura em alumínio preto e folha em veneziana de alumínio preto
P07	2	0,7	2,1	Dobradilha	Estrutura em madeira e folha em madeira
P09	15	0,8	2,1	Dobradilha	Estrutura em madeira e folha em madeira
P10	1	3	2,1	Deslizante	Estrutura em alumínio preto, 4 folhas em alumínio e vidro
P11	22	0,9	2,1	Dobradilha	Estrutura em madeira e folha em madeira
P13	1	2,1	2,1	Vão	
P14	1	3	2,1	Vão	
P15	1	8,65	2,1	Vão	
P16	1	2,2	2	Portão Basculante	Folha basculante com frisos horizontais
P17	3	0,9	2,1	Deslizante	Porta em madeira preta com 1 folha
P18	7	2,5	2,1	Deslizante	Estrutura em alumínio preto, 4 folhas em alumínio e vidro
P19	4	1,5	2,1	Deslizante	Estrutura em alumínio preto, com 3 folhas em alumínio e vidro
P20	1	1,8	2,1	Deslizante	Estrutura em alumínio preto, com 3 folhas em alumínio e vidro
P21	1	1	2,1	Dobradilha	Estrutura em madeira e folha em madeira
P22	2	0,9	2,1	Dobradilha	Estrutura em madeira e folha em madeira
P23	2	0,9	2,1	Dobradilha	Estrutura em alumínio preto e folha em veneziana de alumínio preto
P24	7	2	2,1	Deslizante	Estrutura em alumínio preto, com 3 folhas em alumínio e vidro
P25	2	0,7	1,5	Dobradilha	Estrutura em madeira e folha em madeira
TOTAL	97				

ESQUADRIAS / JANELAS						
INDICADOR	UND.	DIMENSÕES (cm)			MODELO	DESCRIÇÃO
		LARGURA	ALTURA	PEITORIL		
J01	17	1,2	0,6	1,7	Máximo ar	Estrutura de alumínio preto, com 1 folha em veneziana
J02	15	2	0,6	0,15	Fixa	Estrutura de alumínio preto e vidro, com 3 folhas
J03	7	1,8	0,6	0,15	Fixa	Estrutura de alumínio preto e vidro, com 3 folhas
J04	1	1,18	0,98	0,8		
J05	2	0,6	0,6	1,7	Máximo ar	Estrutura de alumínio preto, com 1 folha em veneziana
PV 6	2	2	1,5	1	Deslizante	Estrutura de alumínio e veneziana, com 1 folha
TOTAL	44					

		CENTRO UNIVERSITÁRIO DO RIO GRANDE DO NORTE CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO		PRANCHA 02/04		
TÍTULO DO TRABALHO: MANGA ROSA: ANTEPROJETO DE UMA POUSADA BOUTIQUE				CONTEÚDO Planta do pav. terreo e rota acessível		
ENDEREÇO R. Prof. Cirilo Alves, 246-290, São Vicente - RN, 59340-000						
DISCENTE Clayse Steffany Medeiros Dantas		DATA 17/11/2025				
ORIENTADOR(A) Débora Nogueira Pinto Florêncio		ÁREA DO TERRENO 1.987,53 m²				
ÁREA CONSTRUÍDA 1.131,09 m²		ÁREA DE COBERTURA 969,65 m²	REVISÃO: 01			
TAXA DE OCUPAÇÃO 48,79%		ÁREA PERMEÁVEL 515,26 m²	ESCALA Como indicada			



1 Planta de Pavimento Subsolo
ESCALA: 1:100



2 Planta de Rota Acessível Subsolo
ESCALA: 1:250



CENTRO UNIVERSITÁRIO DO RIO GRANDE DO NORTE
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

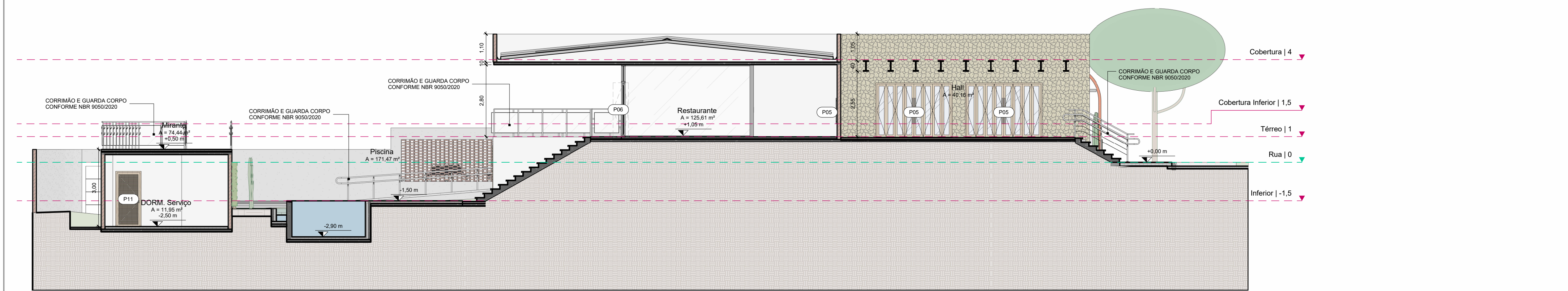
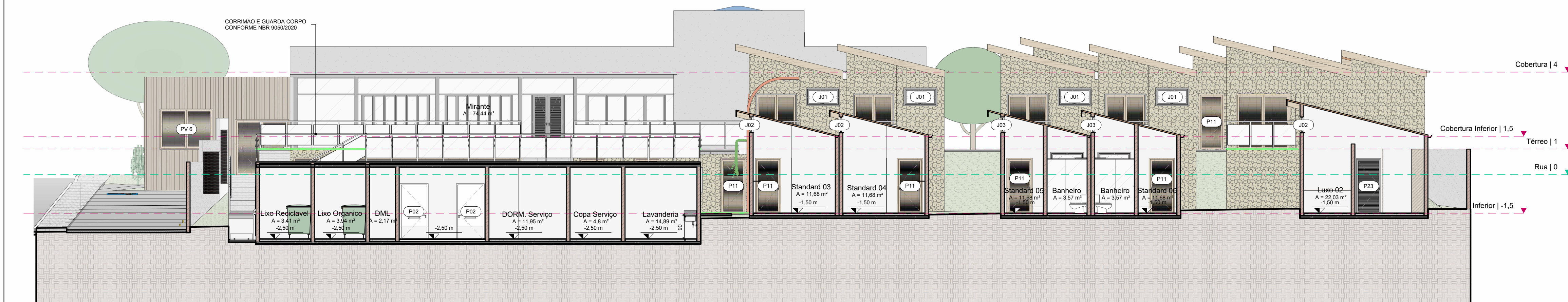
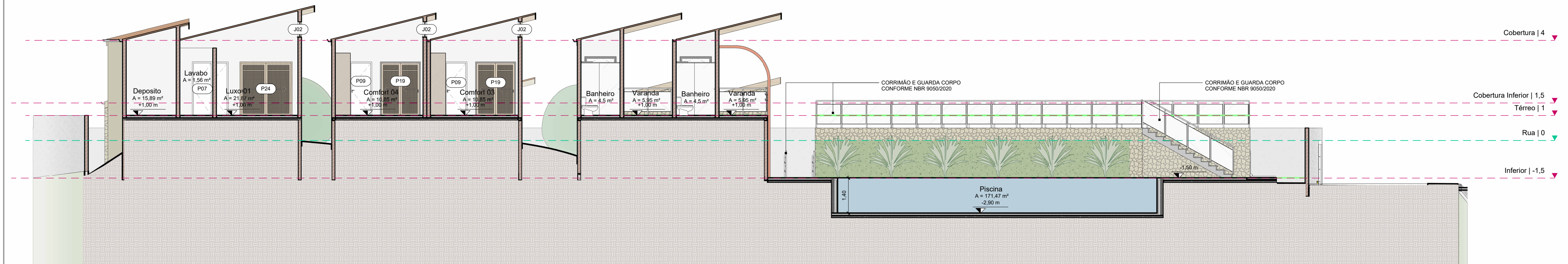
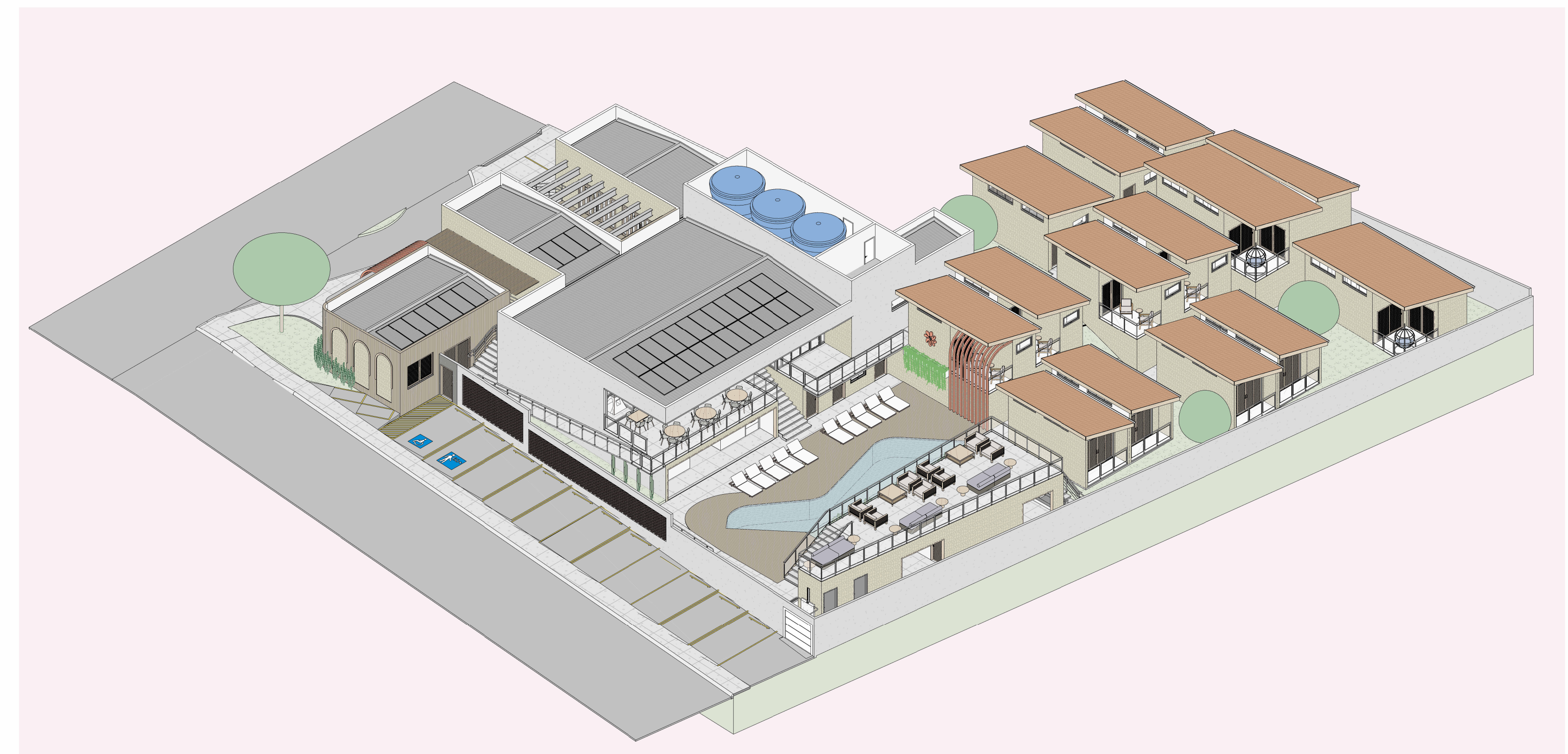
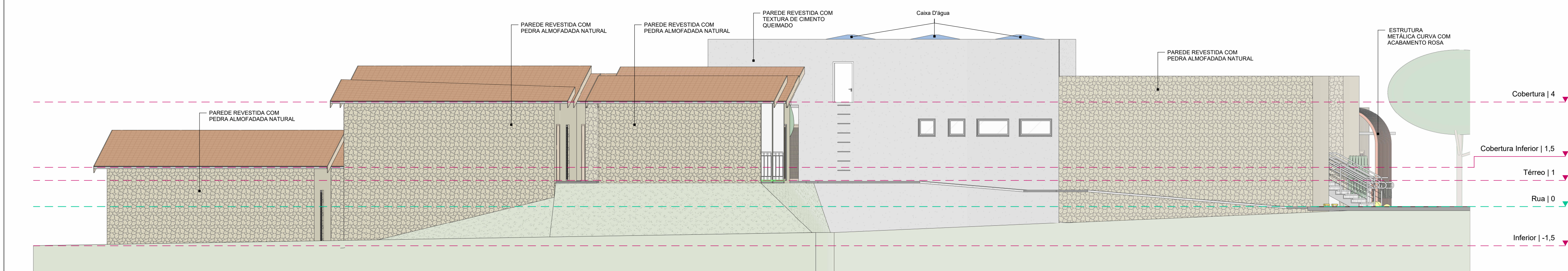
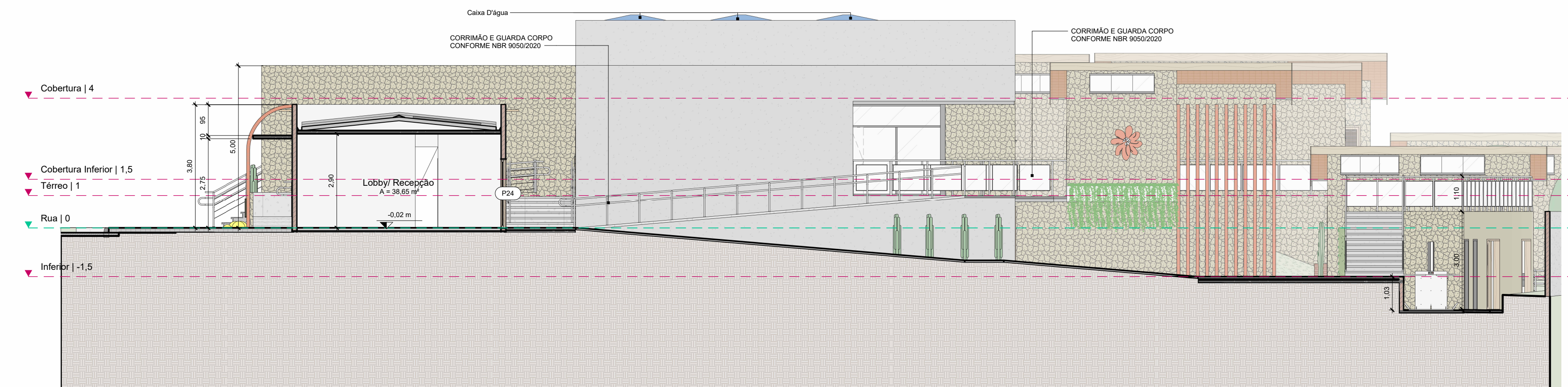
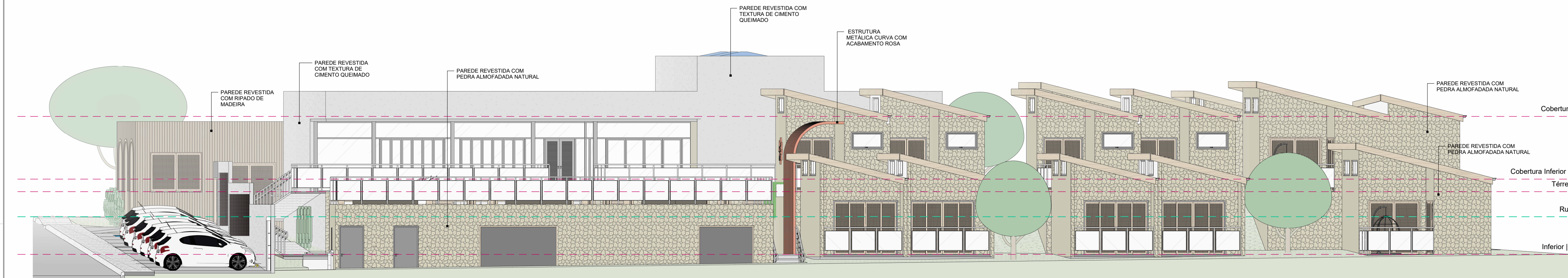
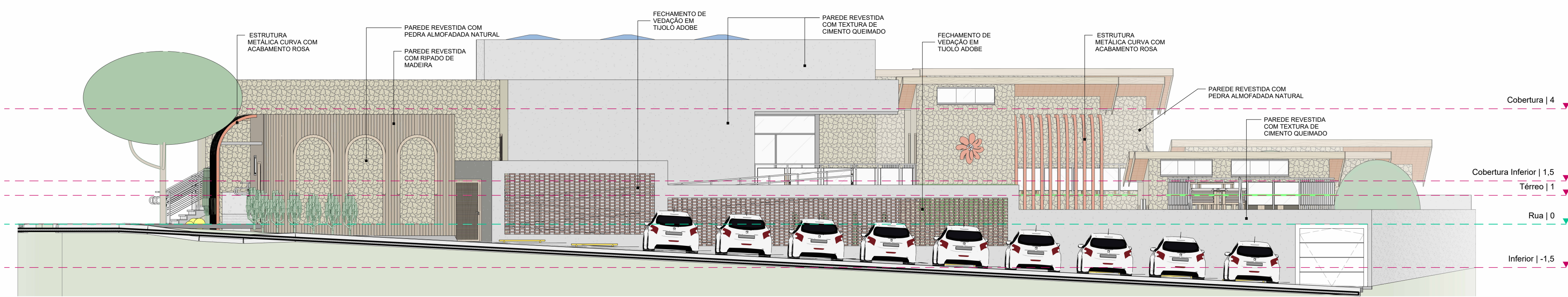
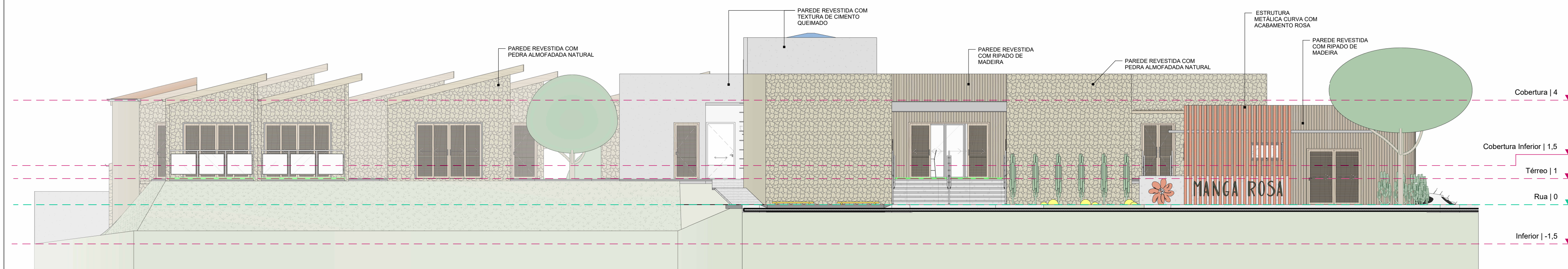
PRANCHA
03/04

TÍTULO DO TRABALHO:
MANGA ROSA: ANTEPROJETO DE UMA POUSADA BOUTIQUE

CONTEÚDO
Planta do pav. subsolo e rota acessível

ENDEREÇO R. Prof. Cirilo Alves, 246-290, São Vicente - RN, 59340-000

DISCENTE	Clayse Stiefany Medeiros Dantas	DATA	17/11/2025
ORIENTADOR(A)	Débora Nogueira Pinto Florêncio	ÁREA DO TERRENO	1.987,53 m²
ÁREA DE CONSTRUÍDA	1.131,09 m²	ÁREA DE COBERTURA	969,65 m²
TAXA DE OCUPAÇÃO	48,79%	ÁREA PERMEÁVEL	515,26 m²
		REVISÃO: 01	
		ESCALA	Como indicada



 CENTRO UNIVERSITÁRIO DO RIO GRANDE DO NORTE CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO		PRANCHA 04/04
TÍTULO DO TRABALHO: MANGA ROSA: ANTEPROJETO DE UMA POUSADA BOUTIQUE		CONTEÚDO Cortes, elevações e símbolos
ENDEREÇO R. Prof. Celso Alves, 246-280, São Vicente - RN, 58340-000		
DISCENTE Clayse Sheflany Medeiros Dantas		DATA 17/11/2025
ORIENTADOR(A) Debora Nogueira Pinto Florêncio		ÁREA DO TERRENO 1.987,53 m²
ÁREA CONSTRUIDA 1.131,09 m²	ÁREA DE COBERTURA 969,05 m²	REVISÃO 01
TAXA DE OCUPAÇÃO 48,78%	ÁREA PERMEÁVEL 515,26 m²	ESCALA 1 : 100